

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Rafael Fernandes de Mello

**A RECEPÇÃO DOS CONCEITOS DE ILUSÃO E SUBLIMAÇÃO, A PARTIR DO
DIÁLOGO ENTRE SIGMUND FREUD E OSKAR PFISTER**

Juiz de Fora

2014

Rafael Fernandes de Mello

A recepção dos conceitos de ilusão e sublimação, a partir do diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Filosofia da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé.

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mello, Rafael.

A recepção dos conceitos de ilusão e sublimação, a partir do diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister / Rafael Mello. --

111 p.

Orientador: Sidnei Noé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, .

1. Psicanálise e religião. 2. Subjetividade e cultura. 3. Ilusão. 4. Sublimação. 5. Fé cristã e ciência. I. Noé, Sidnei, orient. II. Título.

Rafael Fernandes de Mello

A recepção dos conceitos de ilusão e sublimação, a partir do diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Filosofia da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 22 de agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Eduardo Gross (Presidente)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Sérgio de Gouvêa Franco
Universidade Paulista - Unip

DEDICATÓRIA

Para minha Gabriela, esposa amada. Louvo a Deus pela sabedoria que lhe foi dada para que pudesse somar na minha vida. Muito obrigado pela decisão de estar ao meu lado. Meu eterno amor!

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, sinto-me imensamente grato a muitas pessoas que me trouxeram paz, alegria, orientação, discernimento, consolo, advertência e inúmeros incentivos. Quero nomear as mais próximas. Tomarei a liberdade de não utilizar os devidos e reconhecidos títulos acadêmicos, pois quero igualar meus sentimentos de gratidão e afeto.

Antes de tudo, agradeço a Deus pela oportunidade de vida, trabalho e estudos para a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, Sidnei Vilmar Noé, pela paciência e pelo cuidado em relação às minhas limitações e problemas pessoais, respeitando meu ritmo e meus momentos difíceis. Pelas admoestações, incentivos e elogios, dirigidos sempre nos momentos certos. Soube cultivar em mim o espírito de pesquisa e a paixão pela temática deste trabalho.

Ao meu amado pai, Norvan Figueira de Mello, que me ensinou a honrar e a amar indistintamente. A cultivar a gratidão e a humildade. Na ausência da minha mãe (*in memorian*), soube preencher o vazio com amor, afeto, companheirismo e autoridade. Nele, nasceu o meu prazer pela leitura.

À minha amada e inesquecível professora da antiga quarta série primária, Maria Estela de Oliveira Campbell (*in memorian*), que nomeou em mim a curiosidade e o prazer pelo conhecimento.

A Juliana Bassoli Santos Soares, minha analista e supervisora teórica, pelo empréstimo de materiais bibliográficos e leituras de apoio, sempre respeitando as mãos que Tateavam um lugar para a realização deste trabalho.

Aos meus mestres do PPCIR, em especial aos professores Eduardo Gross e Jonas Roos, que me ajudaram a compreender os primeiros passos de uma pesquisa acadêmica.

Aos meus irmãos Hércules, Norvan, Raquel e Ricardo pelo apoio, alegria e satisfação direcionados ao meu empreendimento nesta pesquisa.

Ao grupo de estudos NERELPSI (PPCIR) pelas contribuições e apoio. Muito obrigado a todos.

Aos amigos do PPCIR Alan, Ana, Bruno, Davison, Felipe, Manoel, Maurício, Plínio, Rogério e Tiago. Muito obrigado pela amizade e companheirismo.

A Carolina Bastos, a Carol, pela enorme amizade, companheirismo, respeito, carinho e solidariedade. Uma amizade para toda a vida.

Ao Estado de Minas Gerais por ter-me dado a oportunidade de afastamento, permitindo-me tempo e tranquilidade.

A todos os funcionários e aos alunos da Escola Estadual Maria Augusta Silva Araújo e Escola São Paulo por todo o incentivo.

Ao meu grande amigo, Wesley de Souza Rodrigues, que me incentivou e me apoiou desde o início desta empreitada.

“Deus ama ao sincero que tem dúvidas e de que uma fé fortalecida pela razão é muito mais valiosa que uma fé simplesmente copiada e aprendida. (...) Unem-se, pois, O futuro de uma ilusão e A ilusão de um futuro numa mesma fé sólida, cujo credo é: A verdade vos libertará!”

(PFISTER, O. A ilusão de um futuro.)

RESUMO

Este trabalho apresenta-se como um ponto de reflexão a respeito da interface *psicanálise e religião*, a partir do diálogo entre Sigmund Freud e o pastor psicanalista Oskar Pfister. Serão analisados os conceitos de ciência e de religião a que ambos se referem em suas arguições nas obras *O futuro de uma ilusão* e *Ilusão de um futuro*, respectivamente. Esta pesquisa busca entender a forma como os teóricos pensam a cultura, e a relação que o homem estabelece, por meio dela, com a religião. No conceito de *ilusão*, buscar-se-á compreender o papel que ela exerce na crença; e no conceito de sublimação, os processos culturais para a formação do fenômeno religioso, bem como a transformação da pulsão sexual em valores superiores. Como contribuição final para este diálogo, Carlos Dominguez Morano e Antoine Vergote farão uma retomada dos conceitos freudianos de *ilusão* e de *sublimação*, respectivamente, apontando seus pontos relevantes para a relação do homem com a experiência religiosa.

Palavras - chave: psicanálise e religião, subjetividade e cultura, ilusão, sublimação, fé cristã, ciência.

ABSTRACT

This work is presented as a point of reflection on the interface between psychoanalysis and religion, based on the dialogue between Sigmund Freud and the psychoanalyst pastor Oskar Pfister. There shall be analyzed the concepts of science and religion referred by both authors in their argumentation in the respective works *The future of an illusion* and *The illusion of a future*. This research aims to understand the way those theorists think of culture and its role in the relationship which man establishes with religion. Regarding the concept of *illusion*, we shall seek to understand its role towards belief, while regarding the concept of *sublimation*, the cultural processes towards the formation of the religious phenomenon, as well as the transformation of the sexual drive into superior values. As a final contribution to this dialogue, Carlos Dominguez Morano and Antoine Vergote shall reappropriate the Freudian concepts of illusion and sublimation, respectively, pointing to their relevant implications to the relationship between man and the religious experience.

Keywords: psychoanalysis and religion, subjectivity and culture, illusion, sublimation, Christian faith, science.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A RELAÇÃO DO HOMEM COM A CULTURA E A RELIGIÃO, SEGUNDO SIGMUND FREUD	17
1.1. Abordagem histórico-contextual da obra <i>O futuro de uma ilusão</i>	17
1.2. O futuro de uma ilusão e a ideia religiosa	21
1.3. Questionamentos centrais da obra <i>O futuro de uma ilusão</i>	23
1.4. A cultura e o sujeito	30
1.5. A cultura e a sublimação	37
1.6. O conceito de ilusão	43
2. A RELIGIÃO NA CULTURA E NO SUJEITO, SEGUNDO OSKAR PFISTER	46
2.1. Abordagem histórico-contextual da obra <i>A ilusão de um futuro</i>	46
2.2. Introdução à obra <i>A ilusão de um futuro</i>	51
2.3. Questionamentos centrais da obra <i>A ilusão de um futuro</i>	54
2.4. A religião e o caráter <i>obsessivo-compulsivo neurótico</i>	55
2.5. A religião e a configuração do desejo	59
2.5.1. O desejo e o postulado	63
2.6. A religião e a razão	67
2.7. A religião como protetora da cultura	68
2.8. Abordagem crítica do cientificismo freudiano	70
3. UMA RECEPÇÃO ATUAL DE PONTOS PERTINENTES DO DIÁLOGO ENTRE SIGMUND FREUD E OSKAR PFISTER	79
3.1. O diálogo entre a psicanálise e a fé cristã	80
3.2. O conceito de ilusão, segundo Carlos Dominguez Morano	82
3.3. O conceito de sublimação, segundo Antoine Vergote	87
CONCLUSÃO	102
BIBLIOGRAFIA	106

INTRODUÇÃO

A psicanálise é um método particular de pesquisa e de psicoterapia (exclusivamente pela fala, livre-associação), criada a partir da histeria, por Sigmund Freud, cujo objeto de investigação é o inconsciente. É sempre importante, ao estudar, pesquisar e buscar os conceitos da psicanálise, estar atento às tópicas freudianas; ou seja, aos lugares onde possam ser incluídas as elaborações e teses do seu criador. Localizar os teóricos que pensam a psicanálise numa retomada respeitosa às teorias de Freud, sem desconstruir seu arcabouço teórico. A psicanálise inquestionavelmente marcou a história da humanidade. Ela trouxe um novo conceito à cultura e mudou a forma de pensar o homem e as suas relações sociais.

Desde muito cedo, em suas correspondências com Wilhelm Fliess, Freud intuiu estar desenvolvendo novas ideias em relação a outros campos fora do funcionalismo psíquico. A partir da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, por meio de exposições e discussões, é que surgiu o início de uma possibilidade de aplicação da psicanálise às áreas da literatura, arte, mitologia e outros. Em 1912, com a *Imago*¹, é que definitivamente surgiram os trabalhos de uma psicanálise aplicada. Nas palavras de Freud, numa carta a Jung, de 1911, seria exatamente uma revista para publicação de trabalhos de uma psicanálise aplicada, “não médica”², mas destinada às ciências da natureza e do espírito. Justamente a partir desta revista, surge o debate entre Sigmund Freud e Oskar Pfister³; além de outros diálogos em diferentes áreas.

¹ Esta revista foi para a aplicação da psicanálise às ciências do espírito. “Revista criada por Sigmund Freud em 1912 e dirigida por ele, juntamente com Hanns Sachs e Otto Rank. O título foi tomado de empréstimo ao romance publicado em 1906 pelo escritor suíço Carl Spitteler (1845-1924), Prêmio Nobel de Literatura 1919. Esse livro teve tamanha repercussão no meio psicanalítico que também deu origem a um conceito.” ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 372. O conceito mencionado no final dessa citação é referente ao termo introduzido, em 1912, por Carl Gustav Jung: *Imago*. Palavra latina que significa *imagem*, e foi adotada em diversos idiomas. É uma representação inconsciente, cujo sujeito apreende o outro a partir de suas primeiras relações intersubjetivas com os seus familiares, principalmente, com os seus pais.

² ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 607.

³ “Oskar Pfister (1873-1956), pastor e psicanalista, amigo de Freud e seu principal interlocutor sobre questões de psicanálise e religião. Pastor da Igreja Reformada Suíça em Zurique, foi um dos primeiros analistas não-médicos. Foi o pioneiro em levar os achados da psicanálise para a pedagogia e para a cura de almas e também a estender o tratamento analítico a crianças e adolescentes e a pessoas “não doentes no sentido médico”, como costumava dizer. Membro fundador da Sociedade Psicanalítica Suíça, colaborador na revista *Imago* e no *Zentralblatt fur Psychoanalyse*. Durante 30 anos manteve afetuosa correspondência com Freud (...). Seus principais livros são: *Die psychoanalytische Methode* (1913/1924, com prefácio de Freud), *El psicoanálisis y La educación* (1943), *christianity and fear* (1944) e mais 200 publicações entre livros e artigos em revistas de

O ponto de partida aqui é pensar a psicanálise como uma fonte segura, um instrumento de conceitos teórico-epistemológicos, para caminhar-se com garantia, e o mentor dessa linha investigativa como uma fonte de ruminação. Dessa forma, torna-se necessária uma pesquisa em que o contexto histórico de Sigmund Freud seja investigado e elucidado, para que psicanálise e religião possam se destacar como possíveis campos do saber, capazes de uma interdisciplinaridade. E esta se revela como um produto do desejo do autor deste trabalho, pois se sabe, pela psicanálise, que a escolha de um tema, seguramente, é o resultado de um desejo. “Vida sem desejo é morte secreta. A verdadeira vida floresce a partir do casamento entre pensar e desejar. Sem pensamento perde o olhar; sem desejos perde o movimento volitivo”⁴.

Aqui, portanto, trata-se do desejo de pesquisa numa área de interesse abrangente: *Psicanálise e religião*. Considerar esse eixo temático como um disparate é caricatural, contudo, como qualquer desejo de diálogo interdisciplinar, é necessário que as singularidades das partes sejam preservadas para que haja um bom casamento, conforme as palavras de Willian César Castilho Pereira: “E como todo bom casamento, é preciso preservar a singularidade de cada uma das partes. Porque todo casamento não significa fusão, e um casamento que se constitui como fusão, uma unicidade total, é terrível. É muito interessante demarcar os lugares e as posições destas partes”⁵.

Há uma vasta bibliografia no que diz respeito ao tema *Psicanálise e Religião*, conforme o jornalista Zuenir Ventura, em seu livro sobre a *inveja*, citado pelo psicólogo Júlio Walz: “Já se escreveu tanto sobre este assunto que não deve haver mais nada para se dizer que já não se tenha dito”⁶. Na sequência, o psicólogo, especialista em psicanálise, também diz que encontrara, rapidamente, entre livros e artigos, cerca de duzentos títulos. Ou seja, corre-se o risco de dizer o já dito. Portanto, o que encorajou esta pesquisa? Conforme já mencionado, é o desejo; como também a imaginação, conforme diz Rubem Alves, de acordo com o artigo de

psicanálise, pedagogia e teologia. Em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana criou o prêmio Oskar Pfister, conferido aos que se destacam em suas pesquisas sobre psicanálise e religião.” WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e A Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17.

⁴ Segundo Karin Wondracek, foi um acréscimo à mão, feito por Pfister, na década de 40, em um ponto de sua obra *A Ilusão de um futuro*. WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 55.

⁵ Willian César Castilho Pereira, docente pela PUC-MG e pesquisador da religião há mais de vinte e cinco anos, em 20 de maio de 2008, em entrevista à ZENIT, uma agência internacional cristã, abordou o tema “Psicanálise e Religião”. PEREIRA, William César Castilho. *Psicanálise e Religião, Um casamento possível?* Disponível em: <www.zenit.org/article-18476?l=portuguese> Acesso em: 17 março 2012.

⁶ VENTURA, Z. *apud* WALZ, J. A vida se torna paixão: o fascínio de Pfister. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 141.

Júlio Walz: “A observação sugere, mas não dá a resposta. É necessário imaginação”⁷. E, principalmente, o *ato de fé*, pois Júlio Walz diz que fazer ciência é estar “em campos de atos de fé”⁸.

A expressão *ato de fé* não tem um caráter teológico em si, mas antes um significado que embarca a pulsão epistemológica revelada por Wilfred Bion em seu conceito de *pré-concepção inata*, que significa pensamentos vazios, nos termos Kantianos, em busca de *realização*. Ou seja, há na primitiva mente humana um impulso de encontrar o objeto. Como não há a experiência de encontro *a priori*, este impulso move-se pelo *ato de fé*, e rudimentos da imaginação de que lá estará algo para acolhê-lo e favorecer-lhe existência a partir da *continência*, onde a mente primitiva ganha e produz sentido⁹.

A quantidade dificilmente será capaz de determinar a verdade. Surgirão sempre novos conceitos. O que é vigente hoje, certamente, não o será amanhã. Ninguém deixa de percorrer um trajeto turístico só porque este já fora demasiadamente percorrido. Ao contrário, percorrê-lo é sempre querer vislumbrar algo novo. Portanto, pesquisar a religião e seus predicados psíquicos – a partir de um diálogo tão íntimo e, ao mesmo tempo, tão natural – faz acreditar que apesar de o tema *psicanálise e religião* já estar muito presente nos arquivos acadêmicos, é possível incrementar a essa temática algo novo. Ou seja: o *desejo*, a *criatividade* e o *ato de fé*, à intimidade de duas grandes personalidades da história. Conforme Karin Wondracek, dois teóricos do próprio campo de conhecimento: psicanálise (Freud) e religião (Pfister), representantes da *verdade* e da *vida*, respectivamente¹⁰. Portanto, para que se vislumbrasse o que Sigmund Freud e Oskar Pfister diziam um ao outro, por intermédio de suas obras, respectivamente, *O futuro de uma ilusão e a Ilusão de um futuro*, surgiu esta pesquisa; organizada em três capítulos.

O primeiro capítulo tem como exemplar primordial, a obra de Freud *O futuro de uma ilusão*. Nela, serão analisados alguns aspectos da relação do homem com a cultura; a forma como ele entende a religião, e a sua maneira de relacionar-se com ela. Após a leitura cuidadosa dessa obra, o autor desta pesquisa observou que ela é muito mais uma fonte de revelações íntimas, por parte de seu autor a respeito da religião, do que uma obra

⁷ ALVES, R. *apud* WALZ, J. A vida se torna paixão: o fascínio de Pfister. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 142.

⁸ WALZ, J. A vida se torna paixão: o fascínio de Pfister. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 141.

⁹ Id. *Ibid.* p. 141-142. (Destques feitos pelo próprio Júlio Walz).

¹⁰ Cf. WONDRAČEK, K. H. K. *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

propriamente psicanalítica. Embora a obra freudiana de 1927 seja a fonte singular para esse capítulo, serão incluídos, como contribuição, outros trabalhos freudianos, sobretudo a sua obra de 1912, *Totem e tabu*. Nela será investigada a gênese da cultura, tendo-se em vista que ela é primordial para a constituição da subjetividade e, portanto, dos laços sociais e dos aspectos religiosos. Além da cultura, serão analisados também outros conceitos freudianos: a) a sublimação, como forma de conceber os processos culturais para a formação do fenômeno religioso; e b) a ilusão, como o principal conceito de Freud, ao tratar-se de religião.

Ver-se-á que *O futuro de uma ilusão* foi uma obra muito aguardada, principalmente por seu amigo e discípulo, o pastor-analista, Oskar Pfister. Entre correspondências e encontros, a amizade de ambos perdurou por quase 40 anos, sem interrupção voluntária das partes. Diferente de outros casos, como Carl Gustav Jung¹¹. Portanto, isso mostra duas coisas importantes: a) o fato de Freud não ter desconsiderado as ideias e teorias de Pfister; e b) o interesse de Freud pelas questões religiosas. Por meio da obra freudiana de 1927 é que o embate entre o autor de Friedberg e o autor de Zurique foi formalizado. É importante salientar que o objetivo do primeiro capítulo é entender como Freud pensa a cultura (a relação do homem com ela); a relação do homem com a natureza (tendo a cultura como intermediadora); e a maneira de o pai da psicanálise pensar a religião, a partir dos aspectos e conceitos mencionados.

No segundo capítulo, a obra de Oskar Pfister *A ilusão de um futuro*, de 1928, será minuciosamente analisada. Por meio dela, o pastor-analista rebate as versões de Freud a respeito da religião, discorridas em *O futuro de uma ilusão*. E como ressalta Paul Roazen, em sua introdução à tradução inglesa da obra *O futuro de uma ilusão*, para o *International Journal of Psychoanalysis*: “(...) para compreender um texto nós devemos apreciar as oposições que um pensador encontrou; então para compreender *O futuro de uma ilusão* nós temos que conhecer mais sobre a posição pessoal de Pfister, contra a qual Freud disse ter redigido”¹². Portanto, o autor deste trabalho além de desejar direcionar o leitor à obra de Pfister de 1928, para que se possa compreender melhor o que trata a obra freudiana de 1927, deseja também demarcar alguns contornos do embate desses teóricos. A obra de Pfister apresenta-se numa estrutura de caráter ensaísta e independente, com muitos conceitos e ideias baseados na psicanálise, teologia, filosofia e arte. O objetivo aqui é buscar entender os

¹¹ Cf. FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1924).

¹² ROAZEN, P. *apud* GOMEZ, M. L. T. *Um percurso cristão na psicanálise: o legado de Oskar Pfister*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da USP, 1999, p. 21.

conceitos de cultura e ilusão; de religião e ciência, para que os aspectos e os fenômenos religiosos possam ser compreendidos, a partir de um teórico da religião. O pastor-analista mostra-se, no debate com seu célebre amigo, um crítico polido e culto. Freud declarou que até aquele momento, meados do século XX, só havia encontrado um “coro desafinado de críticas”¹³. Apesar de o pastor-analista ser tão pouco conhecido, ele deixou um legado de suma importância para a metapsicologia¹⁴.

No terceiro capítulo, o autor desta pesquisa trará as teses de Carlos Dominguez Morano e Antoine Vergote sobre os conceitos de *ilusão* e de *sublimação*, respectivamente, que complementarão o entendimento do diálogo dos teóricos deste trabalho. O conceito de ilusão é o tema central das duas obras do embate: *O futuro de uma ilusão* e *Ilusão de um futuro*, e o conceito de sublimação, apesar de ambos não o terem sistematizado, está circunscrito em suas obras. A partir desses conceitos, o leitor compreenderá melhor os aspectos metapsicológicos que estão envolvidos na relação do homem com a sua experiência de fé. Os pensadores desse capítulo apontarão a possibilidade – por meio da ilusão em seu aspecto positivo, e por meio da sublimação, como via de transformação da pulsão sexual – de o ser humano buscar a humanização e saúde psíquica através da religião.

O que chamou a atenção do autor desta pesquisa para a interface entre psicanálise e religião foi a forma como Freud defendeu os ideais iluministas e criticou a religião. Compreende-se que ao criticá-la, ele também se colocou como um crítico dos ideais iluministas, quando disse que a razão não era a grande fonte psíquica dos homens, e sim o *inconsciente*. Portanto, cabe aqui um questionamento: Se Freud foi filho e, ao mesmo tempo, crítico do Iluminismo, por que absorveu de modo tão veemente seus ideais em relação à religião? As ideias e, portanto, as teses de Freud, sob o enfoque exclusivamente da religião, são questionáveis. Seus argumentos são críticos ou discriminatórios? Contestam as convicções religiosas profundas ou as neuroses religiosas, infantis, as quais ele quer banir?

Através de um diálogo fecundo entre Sigmund Freud e Oscar Pfister, buscar-se-á uma compreensão a respeito das problemáticas que envolvem a interface entre psicanálise e religião. A que religião e a que ciência os teóricos desta pesquisa se referem? Quais são suas

¹³ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 146.

¹⁴ “Termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc.” LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 284.

considerações a respeito da ilusão? Como ambos entendem a cultura e de que forma o ser humano envolve-se com ela e se aproxima do fenômeno religioso? A sublimação está circunscrita no diálogo. E ela se apresenta como “uma das vias que a civilização impõe ao sujeito para assegurar o controle das pulsões (...)”¹⁵. Contudo, ambos não quiseram se comprometer com essa experiência analítica, “em ir além disso”¹⁶. Por isso, os pensadores atuais, representados por Carlos Dominguez Morano e Antoine Vergote, farão uma retomada dos conceitos de ilusão e sublimação, respectivamente, apontando para os aspectos e possibilidades de uma experiência religiosa saudável a partir desses conceitos.

¹⁵ FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 18.

¹⁶ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 191.

1. A RELAÇÃO DO HOMEM COM A CULTURA E A RELIGIÃO, SEGUNDO SIGMUND FREUD.

O milagre não é dar vida ao corpo extinto,
Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo...
Nem mudar água pura em vinho tinto...
Milagre é acreditarem nisso tudo!¹⁷

1.1. Abordagem histórico-contextual da obra *O futuro de uma ilusão*

Esta obra foi publicada em 1927, em alemão, sob o título *Die Zukunft einer Illusion*. Depois, em 1928, foi traduzida para o inglês, como *The future of an Illusion*, por W. D. Robson-Scott e retomada, sem alterações, por James Strachey, em 1961. Em 1932, a obra de Sigmund Freud fora traduzida para o francês, sob o título *L'Avenir d'une illusion*, por Marie Bonaparte e, depois, finalmente, em 1994, por Anne Balseinte, Jean-Gilbert Delarbre e Daniel Hartmann, sem nenhuma modificação em relação ao título. Como a apresentação deste trabalho será feita a partir da obra em Língua Portuguesa, é interessante salientar que ela foi traduzida de acordo com a primeira tradução em Língua Inglesa. “A presente tradução inglesa baseia-se na que foi publicada em 1928”¹⁸. E também não houve nenhuma modificação referente ao título.

O título da obra em estudo fora tomado de empréstimo de uma peça de teatro intitulada *Liluli*, de Romain Rolland (1866-1944), ganhador do prêmio Nobel em Literatura em 1915. Por causa da sua cultura e apreço artístico, Freud tinha por ele uma imensa admiração. Em 1923, em carta dirigida a Édouard Monod-Herzen – decorador e frequentador dos meios psicanalíticos parisienses – o autor de Friedberg demonstrara um forte interesse em estabelecer contato com esse grande romancista, conforme revelam as suas palavras: “Já que você é amigo de Romain Rolland, posso lhe pedir que transmita a ele a admiração respeitosa de um desconhecido?”¹⁹. Após Rolland ter respondido sua correspondência, Freud, tomado de

¹⁷ QUINTANA, M. *Antologia poética*. Porto Alegre: Editora LPM, 2001, p. 36.

¹⁸ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 13.

¹⁹ FREUD, S. *apud* ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 667. Intui-se que o motivo de toda essa humildade de Freud foi

forte emoção, numa réplica, expressa além de sentimentos, opiniões relevantes para a sua visão de mundo e do conceito de ilusão.

(...) até o fim da minha vida, eu me lembrarei da alegria de poder entrar em contato com o Sr., pois o seu nome está ligado para mim à mais preciosa de todas as *belas ilusões: a reunião, no mesmo amor, de todos os filhos dos homens*. Pertencço certamente a uma raça que a Idade Média tornou responsável por todas as epidemias nacionais e que o mundo moderno acusa de ter conduzido o império austríaco à decadência e a Alemanha à derrota. *Essas experiências nos decepcionam e nos tornam pouco inclinados a acreditar nas ilusões*. Além disso, ao longo de minha vida (sou dez anos mais velho que o Sr.), uma parte importante do meu trabalho consistiu em *destruir as minhas próprias ilusões e as da humanidade*²⁰.

Romain Rolland e Sigmund Freud tiveram a oportunidade de encontrar-se apenas uma vez, em 14 de maio de 1924. O encontro foi proporcionado por Stefan Zweig, amigo e admirador de ambos. Ele ficou “encantado em fazer esse encontro entre dois de seus ídolos”²¹. Zweig foi o intérprete deste encontro, onde um e outro compartilharam experiências e se apresentaram com importantes obras de sua própria autoria. O que vale a pena realmente ressaltar aqui é que nem mesmo toda a fraternidade daquele encontro pôde impedir suas divergências, sobretudo a respeito do “sentimento oceânico”²². Em 1927, Freud enviou a Rolland um exemplar da sua obra *O futuro de uma ilusão*. O escritor francês, ao respondê-lo, enfatizou “a correção da análise freudiana das religiões”²³, mas lastimou o fato de Freud desconsiderar o sentimento religioso, ou seja, a “sensação religiosa” que todo homem, segundo Rolland, traz consigo²⁴.

Embora o romancista tenha se decepcionado com os teólogos de sua época e tenha se declarado como um cristão sem igreja, avesso a toda e qualquer unidade produtora de dogmas e vãs doutrinas, ele não se desfez da fé. E, acredita-se, que, devido a esse fato, Romain Rolland inclinou-se a compreender a gênese do sentimento religioso, tendo como ponto de partida, a concepção do sentimento oceânico.

devido ao fato de Rolland e demais surrealistas, como: Pierre Jean Jouve (1887-1976), André Gide (1869-1951), dentre outros terem sido a porta de entrada pela via literária do freudismo na França.

²⁰ Id. Ibid. p. 667. (Destaque feito pelo autor desta pesquisa, cujo objetivo é chamar a atenção do leitor para temáticas deste trabalho que adiante serão exploradas).

²¹ Idem.

²² Esse termo refere-se, no entendimento de Rolland, a uma “sensação religiosa”, a “uma sensação do eterno”; como a essência da religiosidade.

²³ ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 667.

²⁴ Rolland constatara a existência deste “sentimento oceânico” (religioso), após observar os grandes místicos asiáticos, os quais ele admirava; bem como os dogmáticos da Igreja Cristã, sobretudo, católicos.

Entendo por sensação religiosa – independente de todo dogma, de todo credo, de toda organização da igreja, de todo Livro Santo, de toda esperança numa sobrevivência pessoal etc. – o fato simples e direto da sensação de ‘o eterno’ (que pode muito bem não ser eterno, mas simplesmente sem limites perceptíveis, e como oceânico). Essa sensação é, na verdade, de caráter subjetivo. É um contato²⁵.

Em 1930, com *O Mal-estar na civilização*, depois de pedir permissão a Romain Rolland, é que Freud, então, discorrera sobre a sua contundência a respeito do “sentimento oceânico”. Contudo, como Freud é avesso a qualquer forma de mística, reduziu-o a um mero sentimento de plenitude²⁶, conforme o *eu primário*. Enquanto que o escritor francês acreditava na transcendência e na universalidade desse sentimento, Freud, por outro lado, apresentava uma posição divergente, pois: “Segundo minha própria experiência, não consegui convencer-me da natureza primária desse sentimento; isso, porém não me dá o direito de negar que ele de fato ocorra em outras pessoas”²⁷.

É importante o leitor perceber, desde já, a abertura de Freud em relação a assuntos que ele não conhecia, pois é um dos objetivos deste trabalho. Embora o autor de Friedberg não acreditasse na experiência do transcendente ou com o transcendente, como Rolland, ele tampouco menciona ou se posiciona diante de uma esfera de impossibilidades. Ao contrário, em outras palavras, ele admite a possibilidade de esse sentimento ter sido vivenciado, “que ele de fato ocorra em outras pessoas” – Mas claro, *tão somente àqueles que creem*.

Sigmund Freud anunciara a publicação d’o *futuro de uma ilusão* exatamente em 16 de outubro de 1927, através de uma carta direcionada a Oskar Pfister²⁸. Como segue:

²⁵ ROLLAND, R. *apud* MIJOLLA, A. (Org.). *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 1702.

²⁶ Freud discorre a respeito da sua posição quanto ao “sentimento oceânico”, a partir de suas elaborações de 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, a respeito da gênese do sujeito. Aqui, numa opinião conclusiva, ele diz que esse sentimento não seria nada além de um período mítico, cujo recém-nascido experimenta precoces satisfações plenas e um gozo ilimitado, sem, contudo, distinguir-se do mundo exterior.

²⁷ FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1930), p. 74.

²⁸ Muitos atribuem a Oskar Pfister a identidade do discurso de oposição na obra freudiana de 1927, onde ele traz as devidas explicações a respeito da natureza do fenômeno religioso após os supostos questionamentos de Sigmund Freud. É sugestivo refletir, aqui, o seguinte: Se Freud criou esse opositor imaginário para lhe interrogar, não estaria ele, ao mesmo tempo, inconscientemente, duvidoso em relação às suas próprias convicções? Deve-se levar em consideração o que o autor desta pesquisa trouxe em destaque na nota de rodapé nº 20. Retomar-se-á, posteriormente, esse questionamento.

Nas próximas semanas sairá uma brochura de minha autoria, que tem muito a ver com o senhor. Eu já a teria escrito há tempo, mas adiei-a em consideração ao senhor, até que a pressão ficou forte demais. Ela trata – fácil de adivinhar – da minha posição totalmente contrária à religião – em todas as formas e diluições, e, mesmo que isso não seja novidade para o senhor, eu temia e ainda temo que uma declaração pública lhe seja constrangedora. O senhor me fará saber, então, que medida de compreensão e tolerância ainda consegue ter com este herege incurável²⁹.

Na primavera desse mesmo ano, ele envia à editora um exemplar dessa obra para que sua produção fosse providenciada em novembro daquele ano. Ele queria, já há algum tempo, lançá-la no mercado, porém não o fez. Por quê? Possivelmente, conforme o segundo período da citação, para não magoar o estimável amigo; mas, principalmente, por uma questão de sensibilidade religiosa: para não despertar ainda mais a ira da Igreja³⁰. O que surpreende, no conteúdo dessa obra, é que Freud não demonstrou objetivos acadêmicos ou científicos. Na verdade, ele popularizou a linguagem e o estilo. Intui-se, portanto, que o seu objetivo não eram os especialistas, mas o grande público.

O estilo agressivo e provocante, demonstrado em seu recurso linguístico, segundo o biógrafo de Freud, Peter Gay³¹, causou uma grande reação por parte dos críticos. Certamente, *O futuro de uma ilusão* foi uma de suas maiores polêmicas. Sugiram, imediatamente após sua publicação, escritos contra-argumentativos em grande quantidade em resposta à sua obra. Contudo, isso não fora surpresa para o pai da psicanálise, pois ele já havia presumido essas reações desde o primeiro momento. “Serei obrigado a ouvir as mais desagradáveis censuras por causa de minha superficialidade, estreiteza de espírito e falta de idealismo ou compreensão dos mais altos interesses da humanidade”³².

²⁹ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 142-143.

³⁰ Embora Freud demonstrasse interesse pela história das religiões, conhecesse a Bíblia e, concomitantemente, a história judaico-cristã, a Igreja apresentava uma atitude hostil em relação à sua doutrina. Não apenas devido ao fato de ele considerar a religião uma neurose obsessiva, mas, sobretudo, porque a psicanálise “repousava” numa teoria da sexualidade, e, isso, diante da igreja, era intolerável. Assim, a Igreja rejeitou a psicanálise, e a reduziu a um pansexualismo. Contudo, é conveniente ressaltar que foi, justamente, a respeito da tese da primazia da sexualidade, que o pastor reformado, Oskar Pfister, em 1909, demonstrou seus interesses pela psicanálise. A partir dessa tese, portanto, foi que ele propôs a ideia de que a genuína fé poderia ser uma defesa contra as neuroses, conforme se verá no próximo capítulo.

³¹ Cf. GAY, P. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³² FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 44.

O futuro de uma ilusão pertence ao intermediário de uma trilogia freudiana. Ela tem como precedente *A questão de uma análise leiga*³³, de 1926, seguida de *O Mal-estar na civilização*, de 1930. Ou seja, uma complementação de suas críticas a respeito da religião. Conforme carta de Freud a Oskar Pfister, datada de 25/11/1928, ele esclarece o que de fato pretendia com a sua obra de 1927.

Não sei se o senhor adivinhou a ligação secreta entre a Análise laica e a Ilusão. Na primeira, quero proteger a análise dos médicos, na segunda, dos sacerdotes. Quero entregá-la a uma categoria que ainda não existe, uma categoria de curas de alma seculares, que não necessitam ser médicos e não podem ser sacerdotes³⁴.

1.2. *O futuro de uma ilusão e a ideia religiosa*

Em *O futuro de uma ilusão*, diferentemente de *Totem e tabu* (1912)³⁵, Freud não defendeu a sua posição quanto à origem da religião, e nem mesmo a respeito da metalinguística religiosa. Ele somente avaliou a maneira como o homem entende a religião; como ele se relaciona com ela; como ela lhe explica, por meio de um sistema doutrinário (e também de promessas), todo o funcionamento do cosmos; bem como a segurança que lhe é outorgada por meio de uma proteção suprema, diante dos percalços da natureza. Freud não abordou nenhuma problemática a respeito da gênese religiosa, típico de sua condição analítica³⁶. O conceito de Freud a respeito da religião, em sua obra de 1927, infere-se a partir de seus próprios conhecimentos, de acordo com as suas inclinações mais pessoais em relação à sua

³³ O que motivou, possivelmente, a publicação dessa obra, foi o fato de Oskar Pfister ter fundado, juntamente, com Emil Oberholzer, em 1919, a Nova Sociedade Psicanalítica Suíça. Nela, diferentemente da primeira e então extinta Sociedade Suíça para a Psicanálise de 1914, havia tanto analistas leigos quanto médicos, resultando em controvérsias no meio psicanalítico.

³⁴ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 163.

³⁵ “Com *Totem e tabu*, ficou estabelecida de forma precisa e definitiva a relação entre a psicanálise e as ciências sociais. Foi também a partir desse texto que o tema da religião tornou-se cada vez mais presente na obra de Freud, o que justifica seu papel de elemento central de suas reflexões críticas sobre a cultura.” FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 30.

³⁶ Na verdade, o único argumento analítico que Freud utilizou em sua obra de 1927 é a respeito do conceito de *ilusão*, que será abordado no subtópico 1.6.

própria experiência religiosa. “É evidente que o faz pensando no sistema religioso que conhece melhor e em cujo meio viveu”³⁷.

Retenhamos como dado que as opiniões do meu texto não são nenhum componente do edifício da teoria psicanalítica. É minha posição pessoal, que coincide com a de muitos não-analistas e pré-analistas, e certamente também não é partilhada por muitos fiéis analistas. Se usei certos argumentos da análise, na verdade usei apenas um (...) ³⁸.

O filósofo Olinto A. Pegoraro³⁹, ao pronunciar-se na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, esclarece que Sigmund Freud, ao tratar de religião, assume uma posição de *outsider*, levando-se em consideração o fato de que ele expressa suas observações e conclusões a respeito dela, de dentro do seu consultório, ouvindo relatos de intensos conflitos psíquicos de seus pacientes neuróticos. Sem contar que também deve ser levada em consideração, além do lugar, e do tempo, a época em que ele fala e escreve: fim do século XIX e primeiras três décadas do século XX. Neste período, a cultura era voltada aos ambientes familiares e regionais; em que os costumes, as práticas religiosas e políticas eram provincianas. Diante disso, Freud transformou seu método de pesquisa, em uma ideologia, pois “acreditava-se nela”⁴⁰. Contudo, como lembra Donald Schüler, deve ser destacado que “é arriscado generalizar fenômenos localizados”⁴¹.

Um ponto interessante e pouco abordado, principalmente no meio psicanalítico, é que *O futuro de uma ilusão* não é a principal obra da literatura psicanalítica da religião, como muitos especialistas também pensam. A obra mais contundente dos escritos de Freud a respeito da religião é *Totem e Tabu*. É “(...) a partir desse texto que o tema da religião tornou-se cada vez mais presente na obra de Freud (...)”⁴². Sua obra de 1927 não tinha muito valor, conforme menciona Morano: “Com as próprias provas da gráfica envia a Eitingon uma carta na qual comenta que o livro possuía pouco valor, mas deveria ser útil em fazer entrar algum dinheiro

³⁷ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: GONTIJO, E. D. São Paulo: Loyola, 2008, p. 130.

³⁸ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 152. (O único argumento analítico usado por Freud em sua obra de 1927 foi sobre o conceito de ilusão, conforme nota de rodapé nº 36.

³⁹ Cf. PEGORARO, O. A. *Freud, Ética e Metafísica: O que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁴⁰ KÜNG, H. *Freud e a questão da religião*. Tradução: Carlos A. Pereira. Campinas: Verus, 2010, p. 20.

⁴¹ SCHÜLER, D. O futuro de um diálogo. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 11.

⁴² FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 30.

para a editora psicanalítica”⁴³. Freud apresentara um ponto de vista negativo de toda a sua obra. Suas palavras a René Laforgue, amigo e ex-analisando, quando este fora visitá-lo em Schneewinkel, revelam uma intensa frustração: “É o meu pior livro! Além disso não é um livro de Freud!”⁴⁴.

Freud, receoso de ser mal interpretado, como acontece, regularmente, demonstra ser consciencioso em relação aos seus limites. Afirma que de maneira nenhuma, galgava por interesses conclusivos e dogmáticos a respeito da religião.

Antes de concluir minhas observações, porém, não devo deixar de salientar que, embora meus argumentos tenham conduzido a um alto grau de convergência para um único e abrangente nexos de ideias, esse fato não deve fazer-nos deixar de ver as incertezas de minhas premissas ou as dificuldades envolvidas em minhas conclusões. (...) Visto estar acostumado a ser mal interpretado, acho que vale a pena insistir explicitamente em que as atribuições de origens que me propus tratar nessas páginas de maneira alguma subestimam a complexidade dos fenômenos em exame. Tudo o que pretendem é ter acrescentado um novo fator às fontes, conhecidas ou ainda desconhecidas, da religião, da moralidade e da sociedade – fator baseado numa consideração das implicações da psicanálise. Tenho de deixar a outros a tarefa de sintetizar essa explicação numa unidade. Entretanto, decorre da natureza da nova contribuição não poder ela deixar de representar outro papel que não seja um papel central nessa síntese, ainda que poderosas resistências emocionais tenham de ser vencidas antes que sua grande importância seja reconhecida⁴⁵.

1.3. Questionamentos centrais da obra *O futuro de uma ilusão*

Questionamentos, como: “Como surgiu o ser humano?”; “Por que se construiu a civilização?”; “A religião serve para quê?” podem ser considerados fomentos para que se aproxime, por meio desta pesquisa, das teses de Freud em *O futuro de uma ilusão*. Contudo, como poucas pessoas possuem uma visão mais abrangente das atividades humanas, torna-se difícil para elas obterem respostas para indagações tão complexas. Freud esclarece, no entanto, que essas inquirições, além de serem comuns, são necessárias, porque “quanto menos

⁴³ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: Loyola, 2008, p. 132.

⁴⁴ FREUD apud MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: Loyola, 2008, p. 133.

⁴⁵ FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912), p. 159.

um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro”⁴⁶.

Vale ressaltar que a grande dificuldade diante de questões existenciais reside no fato de as pessoas avaliarem-nas de acordo com as suas próprias experiências, de forma ingênua. É necessário distanciar-se primeiro, pois “o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro”⁴⁷. Note que para Freud, o passado é apenas um ponto de referência (para a observação), e não um lugar de permanência. Claro, pois a vida segue; e, junto com ela, as considerações e posicionamentos do ser humano em relação ao desconhecido. Assim, se o ser humano deve voltar-se para o passado em busca de respostas, faz-se necessário, diante disso, questionar: qual é o futuro da civilização?⁴⁸. É fácil observar que a resposta sobre o futuro não pode ser encontrada em experiências subjetivas e nem mesmo em profecias. A resposta para essa pergunta surgirá a partir da dialética apresentada em seguida.

Ao tratar do futuro da civilização humana é necessário primeiramente estabelecer seus contornos. Portanto, o que é civilização/cultura? Freud diz que ela é a “expressão (de) tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais (...)”⁴⁹. Ele apresenta dois aspectos importantes referentes a ela: a) A divergência entre a natureza e a cultura. Esta seria o conjunto de saberes e técnicas adquiridas pelo homem para dominar as forças daquela. Dessa forma, o ser humano pode extrair da natureza, a partir do que aprendeu com a cultura, todas as riquezas necessárias para a sua satisfação. b) Devido a isso, o homem teve que regularizar seus relacionamentos sociais e distribuir adequadamente toda a riqueza disponível na natureza. Assim, no contexto social, os seres humanos interagem entre si de maneira involuntária, correspondendo ao desenvolvimento da respectiva sociedade em relação ao seu meio ambiente. Ou seja, pode-se, nesses termos, definir a cultura como uma

⁴⁶ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 15.

⁴⁷ Id. Ibid. p. 15.

⁴⁸ É célebre o discurso de Freud em não fazer distinção entre *cultura* e *civilização*: “Desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização”. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 15. Na verdade, ele se refere à civilização como o material; e a cultura, como predicativos “espirituais” do mundo exterior. No entanto, quanto à ausência dessa distinção, Betty Fuks elucida que “Excluía-se, dessa maneira, dos debates filosóficos e políticos que vinham sendo travados desde o século XIX em torno de uma oposição entre dois termos.” FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 9.

⁴⁹ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 15-16. (A preposição entre parênteses foi acrescentada pelo autor desta pesquisa.).

dupla mediação: das relações entre a sociedade e a natureza e das relações dos homens entre si. A cultura representa, assim, as relações sociais e o modo de vida dos seres humanos diante da natureza.

Diante disso, surge a pergunta: como ficou estabelecida a relação do homem com a cultura? Segundo Freud, se por um lado o homem precisa da cultura para se proteger, por outro, ela exige demasiadamente dele. Desde os primeiros capítulos da obra em estudo, observa-se que Freud abordara uma temática muito mais abrangente do que apenas a da religião. Ele observou que a cultura fora imposta à grande massa dos homens por uma minoria esclarecida. Esta, por sua vez, para se resguardar daquela, teve que implantar um sistema de coerções no intuito de favorecer a renúncia pulsional dos oprimidos. Embora o termo *pulsão* tenha surgido em 1625, na França, do latim *pulsio*, como o ato de *impulsionar*, Freud utilizou-se dele, a partir do alemão *Trieb*, para marcar e caracterizar o psiquismo humano. Com isso, ele distinguiu *Trieb* que etimologicamente significa *impulso* do termo *Instinkt*, que se refere ao comportamento inato dos animais. Dessa forma, o pai da psicanálise evitou a confusão entre *pulsão*⁵⁰ e *instinto* ou *tendência*. Freud recorreu a esse termo a partir de 1905, em sua obra *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*; onde se tornou, na teoria psicanalítica, um conceito notório, amplo⁵¹ e enigmático⁵². Em 1910, Freud acrescentou um fragmento para melhor definir, num sentido geral, o conceito de *pulsão*. Desde então, este conceito não sofre alterações maiores. Como segue:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. A *pulsão*, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico⁵³.

⁵⁰ Para Freud, a *pulsão*, diferentemente, do instinto, não se reduz às simples atividades sexuais. É um impulso, cuja libido compõe a energia.

⁵¹ O objetivo aqui não é fazer um estudo detalhado do conceito de *pulsão*. Apenas mostrar o retorno às situações que se faz presente em todo ser vivo.

⁵² “Perfeitamente cômico, (Freud) declarou em 1926 no verbete de enciclopédia intitulado “Psicanálise”, de que ‘a doutrina das pulsões é um campo obscuro, até mesmo para a psicanálise’, ele reivindicou essa opacidade como uma característica da *pulsão*. ‘A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia’, afirmou em 1933. ‘As pulsões são seres míticos, portentosos em sua imprecisão.’” ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 631. (O nome de Freud entre parênteses foi acrescentado pelo autor desta pesquisa).

⁵³ FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905), p. 159.

Para melhor compreender essa relação do homem com a cultura pode-se entender aqui a pulsão – em relação à renúncia pulsional por parte da grande massa (a massa dos oprimidos pela minoria), conforme discorrido anteriormente – “(...) como uma *tendência* inerente a todo organismo vivo de retorno a uma situação anterior”⁵⁴. Freud, em 1938, em sua obra *Esboço de psicanálise*, disse que há uma pulsão, cuja finalidade “(...) é levar o que é vivo a um estado inorgânico”⁵⁵. Portanto, não obstante os homens terem encontrado na cultura refúgio e segurança contra as forças destrutivas da natureza, eles não se apresentaram menos hostis em relação a ela, porque a cultura, apesar de lhes oferecer proteção, também lhes impõe privações, sobretudo em suas relações sociais.

Para que essa relação paradoxal não seja apresentada como inédita ao leitor, Freud leva-o a cotejar com o protótipo infantil⁵⁶. O par parental, principalmente o pai, assegura proteção ao seu filho, como provedor, mas ao mesmo tempo, aquele também é temido por este, ao enunciar suas imposições proibitivas. Esse também é o comportamento que o ser humano, assim como uma criança, desenvolve diante de uma temível força da natureza; e que a cultura, mesmo com seus cuidados, não pode impedir: a morte. Diante disso, o homem personifica essas forças aterrorizantes, criando para si pais; ou melhor, nas palavras de Freud *deuses* para que estes o protejam das incidências (privações) que a cultura lhe impôs.

Surge, então, a questão: No que concerne a relação do ser humano com a cultura, por que a coerção seria necessária? Porque “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização (...) (ela), portanto, tem de ser defendida contra (ele) (...), contra os impulsos hostis dos homens (...)”⁵⁷. E, além do mais, “(...) a maioria das pessoas obedece às proibições culturais (...) apenas sob pressão da coerção externa”⁵⁸. Vale a pena, neste momento, uma pausa da exposição a respeito da obra *O futuro de uma ilusão*, para um importante questionamento: Por que Freud referiu-se ao homem como um indivíduo virtualmente inimigo da civilização? Considera-se que a principal tese de Freud a respeito da cultura é a sua obra de 1908 *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, onde afirma muitas vezes que a “(...) nossa

⁵⁴ METZGER, C; SILVA JUNIOR, N. *Sublimação e pulsão de morte: a des fusão pulsional*. Revista Psicologia USP, São Paulo, julho/setembro, 2010, p. 568.

⁵⁵ FREUD, S. *Esboço de psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1938), p. 161.

⁵⁶ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927)

⁵⁷ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 16. (Os pronomes entre parênteses foram acrescentados pelo autor desta pesquisa).

⁵⁸ Id. Ibid. p. 21.

civilização repousa (...) sobre a supressão dos instintos (a coerção das pulsões)⁵⁹. Portanto, como a cultura opera a renúncia pulsional, ela não vai deixar de gerar concomitantemente um gravame psíquico de grande escala na natureza humana.

Novamente, em *O futuro de uma ilusão*, o ser humano traz consigo tendências destrutivas contrárias à ordem social. E, segundo Freud, essas tendências determinam o comportamento dele na sociedade. Portanto, a lei – desde sua forma mais primitiva, conforme Freud evidencia nas páginas de *Totem e Tabu*, até o complexo código penal vigente – tem o objetivo de controlar a força pulsional presente em todo indivíduo. Ela parece evidenciar não só a existência de um sujeito pulsional, avesso, portanto, às formas de controle, mas também

(...) duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões⁶⁰.

Enquanto nos tempos primitivos, na formação de todo o processo civilizatório, a coerção fora imposta de fora para dentro, com o passar do tempo, esta passou a ser internalizada. O homem tornou-se um ser moral e, posteriormente social, devido à formação de uma instância psíquica que Freud denominou de Superego (*Über-ich*) e cuja formação ele atribui ao declínio do complexo de Édipo. O Superego tem como função a manutenção dos valores e ideais; ou seja, coibir os desejos que são incompatíveis com a cultura. De acordo com Freud, a maioria das pessoas apenas obedece às proibições⁶¹ tão somente se houver uma forte coerção externa. Tão logo, isso também se aplica às exigências morais da civilização, pois é aqui onde ocorre a infidelidade moral do homem. Porque

(...) há incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus desejos sexuais, e que não hesitam em

⁵⁹ FREUD, S. *Moral sexual 'civilizada' e Doença nervosa moderna*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1908), p. 173. (A expressão entre parênteses foi acrescentada pelo autor desta pesquisa).

⁶⁰ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 18.

⁶¹ De acordo com Freud, como critério de uma terminologia padrão, ele adota uma distinção entre *frustração*, *proibição* e *privação*. Como segue: “‘frustração’ o fato de um instinto não poder ser satisfeito, como ‘proibição’ o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e como ‘privação’ a condição produzida pela proibição.” FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 20.

prejudicar outras pessoas por meio da mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes (...)⁶².

É evidente que a internalização da lei não é uniforme, pois ela é introduzida em cada sujeito de acordo com o seu meio e, sobretudo, pela estrutura psíquica que o constitui. Freud diz que a internalização das proibições culturais não é possível caso haja opressão de uma classe privilegiada sobre outra subprivilegiada. Como exemplo, deve haver a participação ativa do trabalho por parte da classe menos favorecida, como suporte à existência da civilização; mas que, em contrapartida, assim como a classe mais favorecida, aquela, também, desfrute da riqueza natural. Caso esse sistema não seja implantado como um objeto de interlocução, certamente o que restará à classe menos favorecida (à grande massa) será a) destruir a cultura e é claro b) derribar toda a norma que enuncia proibições, as quais ela não quer internalizar e, muito menos, privar-se de suas forças pulsionais. Portanto, qualquer civilização que deixa sua grande maioria insatisfeita, sofrerá uma reação destruidora por parte dessa parcela, podendo, até mesmo, extinguir-se.

Todavia, parece que há na civilização, como sugere Freud, uma massa que não quer revolução; ao contrário, quer calar-se. Essa “massa calada” prefere organizar-se diante de diversas ilusões pacificadoras que a cultura pode oferecer. No entanto, aqui, tratar-se-á de apenas uma delas: da religião. Diante de *O futuro de uma ilusão*, Freud percorre esse tema numa dimensão de ato de fé e de crença, numa abordagem que ele já havia examinado em 1907, no seu artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Nesta obra, ele caracterizara a religião como uma neurose obsessiva⁶³. Para Freud, há uma grande semelhança entre os atos obsessivos e as práticas religiosas⁶⁴, que se torna notável no cerimonialismo, tanto dos

⁶² Id. Ibid. p. 21.

⁶³ Quanto ao termo *obsessão*, é importante salientar que foi “O alienista francês Jules Falret (1824-1902) (quem) introduziu o termo obsessão para sublinhar o fenômeno de ascendência através do qual o sujeito é assediado por ideias patológicas e por uma culpa que o persegue e o obceca a ponto de fazer dele um morto vivo. Em seguida o termo foi traduzido para o alemão por Richard Von Krafft-Ebin, que optou por usar a palavra *Zwang*, que remete a uma ideia de coerção e compulsão: o sujeito se obriga a agir e a pensar contra sua vontade. Foi a Freud, entretanto, que coube o mérito de, pela primeira vez, conferir um conteúdo teórico à antiga clínica das obsessões, não apenas situando a doença no registro da neurose, mas também fazendo dela, frente à histeria, o segundo grande componente da estrutura neurótica humana.” ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 538. (O pronome entre parênteses foi acrescentado pelo autor desta pesquisa).

⁶⁴ É interessante salientar que tanto a religião quanto os atos obsessivos resultam da supressão e renúncia dos impulsos (dos instintos). Conforme diz Menezes: “A repressão dos instintos é condição indispensável na formação da neurose religiosa, quanto da neurose obsessiva. Desta forma, tanto os cerimoniais religiosos quanto os obsessivos representam uma proteção contra as tentações vindas dos instintos recalcados que insistem em se apresentar, apesar do recurso da repressão.” MENEZES, M. C. de. *Gênese da religião segundo Freud*. 2003. 178

religiosos, quanto das pessoas neuróticas. Segundo ele, há uma relação profunda entre religiosos e neuróticos, pois se confere à neurose um caráter religioso, e à religião um caráter neurótico.

Em minha opinião, entretanto, essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (insight) da origem do cerimonial neurótico pode, por analogia, estimular-nos a estabelecer inferências sobre processos psicológicos da vida religiosa⁶⁵.

Segundo Maria Célia de Menezes, esse texto de 1907 pode ser considerado “(...) o *debut* de Freud sobre assuntos relacionados à psicologia da religião”⁶⁶. As práticas religiosas são relacionadas, frequentemente, segundo as suas observações, à busca pela verdade que o ser humano deve conhecer para o seu próprio bem-estar. Contudo, essa verdade está acima da sua capacidade de um conhecimento comum. E é o que Freud, em outras palavras, também revela em sua obra de 1927: “As verdades contidas nas doutrinas religiosas são, afinal de contas, tão deformadas e sistematicamente disfarçadas, que a massa da humanidade não pode identificá-las como verdade”⁶⁷.

Baseado em sua obra de 1907, portanto, é que Freud declara, em sua obra de 1927, que “(...) a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai”⁶⁸. Parece que a neurose obsessiva, conforme Freud, ganha um “ar” de fascinação, à medida em que traz à tona a supremacia da relação edípiana. O próprio pai da psicanálise, ao falar a respeito de um rapaz em tratamento, referiu-se ao Édipo como um caso de neurose obsessiva: “Trata-se de um indivíduo sumamente dotado, de tipo edípiano, amor pela mãe, ódio pelo pai (o próprio Édipo antigo, com efeito, é um caso de neurose obsessiva – a questão da Esfinge), doente desde os onze anos, diante da revelação dos fatos sexuais”⁶⁹.

f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003, p. 71.

⁶⁵ FREUD, S. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1907), p. 121.

⁶⁶ MENEZES, M. C. de. *Gênese da religião segundo Freud*. 2003. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003, p. 69.

⁶⁷ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 53.

⁶⁸ Id. Ibid. p. 52.

⁶⁹ FREUD *apud* ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 540.

Freud acreditava que, se, de fato, o seu conceito sobre a religião como uma neurose obsessiva da humanidade estivesse correto, “(...) o afastamento da religião está fadado a ocorrer com a fatal inevitabilidade de um processo de crescimento (...)”⁷⁰. E, segundo ele, esse desenvolvimento já se fazia presente. Contudo, todos deveriam modelar-se no comportamento de um professor sensato. Este, em vez de opor-se a um novo desenvolvimento iminente, na verdade, se integra a ele, cujo objetivo é facilitar o acesso de sua inevitável irrupção. Mas o autor de Friedberg era cômico da limitação de sua analogia, em relação à natureza essencial da religião. Pois,

se, por um lado, a religião traz consigo restrições obsessivas, exatamente como, num indivíduo, faz a neurose obsessiva, por outro, ela abrange um sistema de ilusões plenas de desejo juntamente com um repúdio da realidade, tal como não encontramos, em forma isolada, em parte alguma senão na amênia, num estado de confusão alucinatória beatífica. Mas tudo isso não passa de analogias, com a ajuda das quais nos esforçamos por compreender um fenômeno social; a patologia do indivíduo não nos provê de um correspondente plenamente válido⁷¹.

1.4. A cultura e o sujeito

Após verificarem-se os principais questionamentos da obra freudiana de 1927, sobretudo a relação do homem com a cultura, faz-se imprescindível, a partir de agora, entender sumariamente a gênese dessa cultura, a partir de algumas obras freudianas. Compreende-se

⁷⁰ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 52.

⁷¹ Id. Ibid. p. 52. É importante destacar que após Freud abandonar a teoria da sedução, ele só voltou a falar sobre a questão da neurose obsessiva, em 1907, na Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, ao apresentar, pela primeira vez, a história de um homem que havia sido afetado por essa neurose, cujo nome é Ernst Lanzer, celeberrimo conhecido, como o *Homem dos Ratos*. A partir disso, todos os comentários posteriores sobre *obsessividade* passaram a ter a história dele como referencial. Conforme a sua obra de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, foi que Freud abandonou, essencialmente, a sua antiga teoria da bipolarização (onde a obsessão pertencia ao homem e a histeria à mulher, apesar de certas correlações entre uma e outra) pela explicação etiológica da obsessão. Assim, a neurose obsessiva passou a ser passível de ser acometida tanto pelo homem quanto pela mulher, cuja origem encontra-se no conflito psíquico. “Entre 1907 e 1926, Freud transformou sua concepção da neurose obsessiva. Na história do Homem dos ratos, é o erotismo anal que domina a organização sexual do obsessivo, e essa analidade acha-se igualmente presente, assinala Freud, nas ‘práticas religiosas’. Constatando a analogia entre a religião (cujos rituais são portadores de um sentido) e o cerimonial da obsessão (onde esses mesmos rituais correspondem apenas a uma significação neurótica), ele passou a caracterizar a neurose como uma religião individual e a religião como uma obsessão universal.” ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 539.

que Sujeito e dinamicidade psíquica são elementos necessários que somam para uma fundamentação teórica a respeito da cultura. Porque,

se é verdade que o principal legado de Freud foi a fundamentação de um método de cura no qual, falando para o outro, um homem encontra alívio à dor e à angústia, também é certo que a psicanálise inovou, de forma radical e irreversível, o modo de se refletir e pensar a cultura⁷².

É fundamental perscrutarem-se em outras obras os principais conceitos freudianos a respeito da cultura, dando-se prioridade, sobretudo, à semântica que esse vocábulo adquire dentro do conjunto das obras de Sigmund Freud. Todavia, o que significa, para o pai da psicanálise, o termo *cultura (Kultur)*⁷³? Já se viu, conforme o subtópico anterior, que para ele, cultura é tudo o que está acima dos animais. O papel prioritário da cultura, conforme Freud, inquestionavelmente é o de ser agente responsável pela coesão dos laços sociais. Ela se manifesta, dialeticamente, em duas esferas que, em verdade, se completam: o individual e o social; além de apresentar duas forças antagônicas: a) no plano social, manter o vínculo, e b) no plano psicológico, como inimiga da psique humana, romper com esse vínculo. Pois a cultura é um freio para os desejos humanos e também, em contrapartida, produtora de novos desejos⁷⁴.

Portanto, o modelo interacional do ser humano com a cultura, de acordo com Freud, em sua obra de 1927, é baseado no princípio do conflito. Essa relação é estendida num processo ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que o ser humano deseja participar do desenvolvimento da humanidade, ele também deseja, numa dupla jornada, desfazer todo esse percurso. Ora numa integração do sujeito com os outros, ora numa trajetória individual em busca da felicidade; (Diga-se de passagem, a qualquer preço). Numa “(...) satisfação irrestrita de todas as necessidades (...) como o método mais tentador de conduzir nossas vidas (...)”⁷⁵.

⁷² FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 7.

⁷³ “É digno de nota o fato de que Freud passou a usar sistematicamente a palavra *Kultur*, a partir do momento em que se deparou com as forças mais enigmáticas da natureza humana – as pulsões de morte – e introduziu na teoria psicanalítica a categoria que designa os desconfortos inerentes a toda e qualquer cultura e civilização – o mal-estar. Desde então, a palavra *Zivilisation* é empregada como um equivalente da definição psicanalítica de cultura.” FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 10.

⁷⁴ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

⁷⁵ FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1930), p. 85.

A cultura, sob a forma de uma expressão figurativa, aparece muito precocemente na teoria freudiana, como mostra sua obra de 1895, no *Projeto de uma psicologia científica*. Nela, Freud relata a cena em que um recém-nascido estabelece um embrionário laço social com seu próximo: o seio materno. A partir desse elo, estabelece-se o primeiro contato, ou contrato social. Aqui o choro toma o significado do grito de socorro. E, assim, tem suas necessidades fisiológico-iniciais satisfeitas. Entretanto, bastaria apenas isso, ou seja, a demanda de uma necessidade fisiológica? De maneira nenhuma. O grito como pedido de socorro, certamente, vai além-mundo, além das fronteiras corporais. Porque, na verdade, o bebê reveste-se de uma sobrevida, de uma força motriz-pulsional e que, por intermédio dela, ele apela em favor do seu desamparo original (*Hilflosigkeit*), da sua angústia existencial⁷⁶.

O termo *cultura* fundamentar-se-á, conforme a complexidade de um arcabouço teórico, somente no final do acervo de obras de Sigmund Freud em *O Mal-estar na civilização* (1930) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Contudo, o início desse constructo teórico deu-se, como já mencionado, na obra *Moral sexual ‘civilizada’ e Doença nervosa moderna* (1908) e, sobretudo, em *Totem e Tabu* (1912). Nesta última, inquestionavelmente, apesar de toda crítica⁷⁷, Freud impôs-se como um célebre autor da questão da gênese da cultura, principalmente, sobre sua relação com a violência humana. Em relação a esta e dos impulsos destrutivos da pulsão de morte, Freud afirmara a existência de um assassinato primordial na horda primeva. Em alusão à sua obra de 1912, Freud, numa carta a Ernest Jones, diz o seguinte:

Naquela época – da redação da interpretação dos sonhos – descrevi o desejo de matar o próprio pai, mas agora descrevi o homicídio efetivamente realizado; de qualquer maneira, é um gigantesco passo a frente – do desejo ao fato⁷⁸.

⁷⁶ Cf. FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

⁷⁷ Em relação às críticas a respeito dessa obra, Betty Fuks diz que “Como muitas outras elaborações feitas sobre as soluções da alma para os desafios da vida e da morte, Freud não construiu um sistema teórico completo e fechado sobre essa manifestação humana. Sabemos que ele ignorava as contradições excludentes e as distinções rigorosas da lógica aristotélicas, os “nãos” e os “ous”, e fazia valer, na construção da teoria psicanalítica, a sonoridade da conjunção “e” em toda a sua plenitude.” FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 30.

⁷⁸ FREUD *apud* JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Tradução: Julio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979, p. 440.

Em sua obra de 1912, Freud advoga o complexo de Édipo como um episódio social que se funda através do mito⁷⁹ do assassinato do pai. Sabe-se que Freud, ao enviar suas cartas ao seu amigo W. Fliess, confia-lhe, nessa intimidade pessoal, inúmeras experiências subjetivas e objetivas (neste caso, de seus pacientes de Viena), as quais traziam consigo o mito e a fantasia como elementos constituídos de seu funcionamento psíquico; ou seja, como construções do homem diante do real. Portanto, diante disso, entre a fantasia/mito e o real, surge a psicanálise, com todas as complexas construções culturais.

Na peça de teatro de Sófocles *Édipo Rei*⁸⁰, Freud identifica os elementos necessários para fundamentar sua tese em *Totem e tabu*, a respeito dos crimes contra a civilização: o parricídio e o incesto. O autor de Friedberg correlacionou, então, de forma incontestável, o mundo cosmológico da peça grega com seu mundo analítico, fazendo com que o mito entrasse “para a psicanálise como exemplo conclusivo e figura conceitual privilegiada das bases de um complexo que designa o conjunto de fantasias e representações inconscientes da vida do sujeito: o complexo de Édipo”⁸¹.

Sabe-se que a construção teórica do mito freudiano de 1912 deu-se a partir de uma pluralidade de vozes, a saber: I) de Charles Darwin, na teoria evolucionista; II) de George Frazer, na concepção do totemismo; III) de William Robertson Smith, na ideia do banquete totêmico e da substituição da horda pelo clã; IV) de James Jasper Atkinson, referente ao fim do sistema patriarcal devido à revolta dos filhos; e de V) Edward Westermarck, em relação às suas posições a respeito do horror ao incesto.

Após as explicações sobre a origem do totem e as diferentes formas de tabu, Freud, baseado em hipóteses científicas apresentadas por grandes etnólogos de seu tempo, reconstrói o mito da morte do Pai primitivo e vê nele as

⁷⁹ O interesse de Freud pelas instituições mais importantes da civilização resultou no seu trabalho em *Totem e Tabu*, cuja narrativa marca o nascimento do simbólico, conferindo-lhe o título de mito científico e, logo, nomeando-o como o mito da horda primitiva. Com isso, ao designar o mito como uma narrativa – de alto valor social e individual, onde nela é discorrida a veracidade da gênese e a arquitetura do espírito humano – Freud rompeu, por certo, com todo o julgamento negativo de cunho racionalista sobre o mítico. Dessa forma, a construção e/ou a aplicação mítica no campo psicanalítico não figura mais a simples intenção ilustrativa. Porque a partir desse rompimento, Freud introduziu o mito como um protótipo da expressão do pensamento científico. Cf. FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

⁸⁰ Segundo Donald Schüller, a psicanálise surgiu a partir desse mito. “Ora, o vienense fundou a psicanálise num texto religioso, *Édipo Rei*.” SCHÜLER, D. O futuro de um diálogo. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 11.

⁸¹ FUKS, B. B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 25. Não é à toa que *Édipo Rei* seja considerado uma das mais belas tragédias de todos os tempos. Aristóteles, por exemplo, como um dos juízes e críticos mais severos, tece inúmeros elogios à peça, demonstrando considerá-la como uma tragédia por excelência, em sua *Poética*.

origens da mais antiga forma de religião, o totemismo, bem como da moral e da vida social⁸².

Freud, por meio de *Totem e tabu*, contribuiu significativamente com a antropologia social. Nessa obra, ele remonta à origem das instituições sociais e culturais. Aqui ele faz uma exegese, cujo suporte teórico fundamenta-se a partir de pesquisas etnológicas a respeito de um povo primitivo e, segundo ele, mais próximo dos ancestrais⁸³. Apoiado em Darwin, Freud relata que os homens pré-históricos viviam em pequenos grupos, cujo líder mais velho obtinha a posse das fêmeas. A partir de Etkinson, apoia-se na ideia de que os jovens, revoltados com a tirania do chefe, decidem pelo fim de um sistema opressor. Dessa forma, eles o matam e o devoram. Já a partir de Smith ele presume que, após o fim da majoritariedade patriarcal uma nova organização social, em um ambiente fraternal, rompe com toda legalidade imperialista tribal, na qual o totem passa a ser o objeto de reverência. Com a renúncia dos irmãos às mulheres da tribo, a exogamia, então, é instituída.

O conceito de *tabu* na obra freudiana, sem dúvidas, é o ponto de reflexão para compreender a intensidade das inclinações homicidas e incestuosas daquele povo primitivo, já que o tabu, na verdade, é a proibição contra o excesso de desejo. A sua tese de 1908, de que a civilização repousa sobre a coerção das pulsões⁸⁴, é, contextualmente, anunciada aqui. O tabu, ao lado dos sintomas obsessivos, é um meio eficaz de coibir as pulsões e também de frear o livre curso daquelas tendências inconscientes já mencionadas.

A tendência de matar é, em nós, mais forte do que cremos, e se manifesta por efeitos psíquicos, mesmo se escapam à consciência (...) Esta tendência existe realmente no inconsciente, e o tabu, como mandamento moral, explica-se e se justifica por uma atitude ambivalente quanto ao impulso homicida⁸⁵.

Conforme a obra freudiana de 1912, num tempo longínquo, os aborígenes da Austrália, de todos os selvagens, eram os mais miseráveis e atrasados e apresentavam-se como os mais

⁸² ROCHA, Z. de J. B.; MACIEL, K. D. de S. A. *Freud e a religião: possibilidades de novas leituras e construções teóricas*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932008000400007&script=sci_arttext> Acesso em: 3 março 2013.

⁸³ Pesquisas já controvertidas em sua época.

⁸⁴ Cf. FREUD, S. *Moral sexual 'civilizada' e Doença nervosa moderna*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1908)

⁸⁵ FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912), p. 160.

próximos dos ancestrais. No meio deles havia um líder tirano, algoz, que, para tomar posse das mulheres de seu grupo, expulsou à força seus filhos. Estes, tomados pelo ódio, numa rebelião conjunta contra a supremacia e a arbitrariedade do pai, retornaram à horda primitiva, e o mataram. Contudo, surgiu, entre os irmãos, um ideal de corporificar o poder ilimitado do pai primevo, juntamente com a disposição de submeterem a ele. Então, para isso, eles o devoraram⁸⁶. Quanto a essa refeição totêmica Freud diz “(...) que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião”⁸⁷.

Contudo, ao lado do intenso ódio, nasceu o amor. Pois, logo em seguida ao assassinato do pai primevo, os filhos perceberam que com a ausência desse objeto de poder, eles ficariam desprotegidos. Então, devido a um intenso sentimento⁸⁸ de culpa, em relação ao assassinato do líder tirano, operacionalizou-se um mecanismo de defesa (o recalque), por parte dos filhos, para que o ato fosse esquecido. Após a conclusão dessa etapa, surgiu uma nova ordem social. Diante da fragilidade dos irmãos, da tomada de poder do pai, e culminando com o crime e a união grupal, eles acabam “(...) inventando a primeira relação de solidariedade, reconhecendo o outro enquanto outro e enquanto semelhante, esses seres podem se reconhecer como irmãos”⁸⁹.

Diante dessa nova ordem, é claro que o comportamento dos membros do clã revelar-se-ia distinto, porque o modo de compreender as atitudes de uns para com os outros havia sido alterado. Não seria mais permitido, a nenhum dos filhos, tomar o lugar do pai; e quaisquer deles, que, porventura, tentassem infringir essa lei, seriam mortos. Aqui, vê-se um fundamento de alteridade estabelecida, pois para que não vagassem pelo nada, num isolamento e, sobretudo, para que se fundamentassem como grupo social instituído, e, assim, afastassem suas mais fortes inclinações psíquicas, eles implantaram o totem. Por meio dele, como um objeto de representação do pai morto, eles o reverenciavam, pois a afeição, que até

⁸⁶ Naquele estágio de desenvolvimento, a antropofagia era considerada normal.

⁸⁷ FREUD, S. *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912), p. 145.

⁸⁸ “Sentimento que é responsável pela renúncia (tanto à realização do desejo quanto ao seu inverso, ao desejo de realização), da instituição de uma função paterna na origem da humanidade – mítica –, da necessidade da referência a uma lei externa transcendente.” ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Tradução: Teresa C. Carreteiro e Lacyara Nasciutti. Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro, 1983, p. 34.

⁸⁹ ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Tradução: Teresa C. Carreteiro e Lacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 330.

então havia sido recalçada, veio à tona, produzindo um enorme sentimento de culpa. Pelo visto, mesmo morto, o pai, agora, apresentar-se-ia mais forte do que quando estava vivo.

Para manter os laços de convivência e enfraquecer a rivalidade entre si, os filhos subordinaram-se à vontade do pai, mas agora, sob a forma de lei. Devido ao desamparo, aos sentimentos nostálgicos em relação ao pai todo-poderoso, num sentimento de ambivalência, eles passaram a idealizá-lo. No totemismo (a primeira forma religiosa da humanidade), juntamente com toda manifestação cultural e ética, Freud marca e estabelece a gênese mítica da civilização. Com a instauração da exogamia, ou seja, com a renúncia às mulheres do mesmo clã, e o embargo de assassinar o totem, os laços sociais são estabelecidos. Com isso, claro, marcam-se, definitivamente, os registros psíquicos da humanidade.

Na verdade, essa obra marca não apenas uma descentralização do olhar do analista (até então centrado no indivíduo), em direção ao *socius*, mas principalmente o aparecimento de uma teoria radicalmente pessimista, fazendo humanidade nascer de um crime cometido em conjunto, crime do qual a humanidade não pode jamais se libertar⁹⁰.

Portanto, os objetivos da horda primitiva configuram-se em explicar as fortes tendências inconscientes que constituem os desejos incestuosos e homicidas; estes, constituídos do complexo de Édipo⁹¹. Como o assassinato do pai primevo foi marcado de forma indelével na estrutura psíquica do ser humano, isso leva a constatar que, certamente, os pacientes neuróticos de Freud, em seu consultório de Viena, ao relatarem suas atitudes ambivalentes e contraditórias, não expressaram seus sentimentos edipianos. Porque, agora, com a tese totêmica, compreende-se, na verdade, que eles foram invadidos pelos sentimentos os quais, um dia, foram registrados em seus antepassados, pois o assassinato do pai fundamentou, para sempre, a ambivalência dos sentimentos. Renato Mezan corrobora tal proposição, quando diz que

⁹⁰ ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Tradução: Teresa C. Carreteiro e Lacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 29.

⁹¹ O termo *complexo de Édipo* fora criado por Freud em 1910. Contudo, em *Totem e tabu*, ele amplia a sua visão a respeito do incesto e da interdição, ao aliar a esse contexto, uma visão histórica, sociológica e antropológica, encontrando apoio no modo de vida dos antepassados, do mesmo grupo ou em grupos os mais diversos. Na obra de 1912, ele eleva o significado de proibição, em que este deve ser levado em consideração, tanto em relação ao individual quanto ao grupal e, portanto, de valor universal.

o crime não corresponde aos desejos edípianos; mas estes são estruturados por ele. Matar o pai e dormir com a mãe são tendências que existem no inconsciente sob a forma de repressão, e esta, praticamente, é instituída a partir do crime, e não o inverso. A originalidade freudiana consiste em associar a emergência do complexo de Édipo e o surgimento da sociedade civilizada por meio do mesmo ato⁹².

Portanto, Freud postula que a interdição do incesto não surgiu de forma natural, por simples vontade do grupo, mas tão somente para coibir os desejos constantes e inconscientes de irrestrito desejo sexual e assassinato por parte do ser humano. Ele também postulou a intermediação da natureza, como objeto solidário, entre a lei e o desejo. Sem sombra de dúvidas, conforme se tem visto até aqui, o pai tornou-se o registro dos filhos; ou melhor, a sua licença para que eles pudessem transitar da natureza para a cultura. Deu-lhes a possibilidade da linguagem, para que os laços sociais pudessem ser firmados. Freud, com a sua tese a respeito do assassinato primordial, justifica o ato que teria originado a cultura; bem como a sua relação com o conceito de pulsão. Sem qualquer resquício de dúvidas, Freud mostrou, conforme Joel Birman, que “a cultura é crucial para a constituição da subjetividade”⁹³.

1.5. A cultura e a sublimação

Embora Freud, em princípio, tenha considerado a sublimação como uma via apenas para os dotados das Artes⁹⁴, é imprescindível, para a dialética deste trabalho, buscar o conceito de sublimação num diálogo com a religião, para que os processos culturais possam ser concebidos e, aqui, no caso, a formação do fenômeno religioso. Considera-se evidente, no conjunto de obras de Freud, no que tange à cultura, que o conceito de sublimação assuma um papel importante, ou talvez, primordial, para que o sujeito seja inserido nas suas relações sociais.

Os conhecimentos artísticos e intelectuais, no parecer de Sigmund Freud, eram as formas mais nobres de sublimação. Para ele, por exemplo, toda produção artística e cultural de

⁹² MEZAN, R. *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 356.

⁹³ BIRMAN, J. *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psi. Cli.*, Rio de Janeiro, v. 20, N. 1, p. 11-26, 2008, p. 13.

⁹⁴ Cf. FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1910).

Leonardo da Vinci revelara-se como a “mais alta sublimação que o homem pode atingir”⁹⁵. Por meio das características criativas da psique humana é que o homem será capaz de responsabilizar-se pelas atividades socioculturais e encontrar equilíbrio diante das exigências naturais e civilizacionais. A própria teoria psicanalítica corrobora que o controle das pulsões é possível apenas pela via da sublimação. De acordo com Nina Saroldi, num prefácio à obra de Joel Birman: *As pulsões e seus destinos: Do corpo ao psíquico*,

Freud apresenta a pulsão como um conceito-limite, algo que reside na fronteira entre o que é próprio do corpo, o somático, e o que é da alma, o psíquico. A pulsão é um representante psíquico de estímulos corporais; é uma exigência de trabalho psíquico decorrente da ligação entre o corpo e a alma. A pulsão para Freud é uma espécie de “prima” do que a biologia denomina genericamente “instinto”, mas, diferentemente deste, afasta o homem da mera possibilidade de satisfação direta das suas necessidades fisiológicas, bem como do encontro com objetos da realidade externa que se encaixem perfeitamente a suas demandas internas⁹⁶.

Em relação à estética, a sublimação traz consigo a ideia de sublime. Em referência, justamente, a todo processo que se destina ao elevado, à grandeza. Para a química, alude-se à passagem do estado sólido ao gasoso, e para a psicologia, como “um mais-além da consciência”⁹⁷. Não há, até então, nenhuma teoria coerente, explícita a respeito da sublimação, embora, frequentemente, recorra-se a ela.

(...) a trajetória de Freud nesse terreno está repleta de hesitações e sua postura não é nada confiante (...). Não só a sublimação se mostra difícil de caracterizar em teoria, como também escapa, na maioria dos casos, à descrição clínica, notadamente na cura onde é mencionada como uma saída sem jamais ser mostrada em funcionamento, identificada como processo. O que leva a duvidar de que se trate realmente de um processo consciente que escapa ao recalque, como Freud quis sugerir em certas passagens⁹⁸.

⁹⁵ FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1910), p. 128.

⁹⁶ SAROLDI, N. Prefácio. In.: BIRMAN, J. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 9-10.

⁹⁷ ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 734.

⁹⁸ LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: a sublimação*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 10.

Quanto ao propósito, portanto, da sublimação na cura, Flourney destaca que isso apenas pode ser inferido. Pois “o psicanalista só pode pressenti-la por falta”⁹⁹. Já que não se apresenta, nas obras freudianas, nenhum conceito concluído em relação à sublimação, oportunizam-se pesquisas ulteriores a somar¹⁰⁰. Sabe-se, no entanto, que Freud a definiu, pela primeira vez¹⁰¹, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905. O objetivo dele, nessa obra, ao conceituar a sublimação, seria explicar as atividades humanas que, mesmo extraíndo sua força da pulsão sexual, não teriam, pelo menos aparentemente, nenhuma relação com a sexualidade. O deslocamento dessa pulsão sexual seria para algum alvo não sexual; ou seja, para objetos aceitos a partir de uma convenção social.

Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de *sublimação*, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais¹⁰².

Como foi mencionado no início deste subtópico, e pôde ser evidenciado até aqui, certamente, a sublimação é singular para que se possa conceber os aspectos psicomotivacionais a respeito da experiência religiosa. Freud, numa de suas correspondências com Oskar Pfister, inveja-o (exatamente esta é a palavra) pelo fato de o pastor-analista poder utilizar-se da sublimação da experiência religiosa no *setting analítico*. “Em termos terapêuticos, só posso invejá-lo quanto à possibilidade de sublimação em direção à religião”¹⁰³. Em *Um estudo autobiográfico* (1926), Freud, em alusão a seu amigo Pfister, disse o seguinte:

O Dr. Oskar Pfister, pastor protestante de Zurique, desbravou o caminho, como incansável pioneiro, seguindo essa trilha, e não achou que a prática da

⁹⁹ FLOURNOY *apud* LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: a sublimação*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 10.

¹⁰⁰ No terceiro capítulo, ver-se-ão pontos pertinentes para se pensar e aprofundar o conceito de sublimação, sob a crítica de Antonie Vergote.

¹⁰¹ Embora a sublimação já estivesse presente nas correspondências de Freud com seu amigo Fliess (1887-1902), não havia implicância conceitual; da mesma forma, outras temáticas, como o Édipo, que, mais tarde, norteariam e fundamentariam a teoria psicanalítica.

¹⁰² FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905), p. 167. (O destaque na palavra *sublimação* é do próprio Freud).

¹⁰³ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 84.

análise era incompatível com o fato de ele conservar sua religião, embora fosse verdade que tal ocorresse de forma sublimada¹⁰⁴.

Como dito anteriormente, embora Freud não tenha se referido à sublimação em consonância à religião, fica evidente que ele acreditava na possibilidade de uma pulsão sublimada na experiência religiosa; bem como, nos aspectos sociais. Contudo, por que Freud não se preocupou com essa questão? Porque ele mesmo respondera que “a beleza da religião certamente não pertence à psicanálise”¹⁰⁵. Ou seja, até aqui, fica claro que Freud percebia os encantos da religião, principalmente, tendo como referência, os aspectos sublimatórios de seu amigo pastor. A sublimação, a partir dessa beleza, certamente, incomodava-o. Entretanto, como ele mesmo dissera: a beleza da religião (alguns aspectos dela) não compete à psicanálise.

Joel Birman, em consenso com Donald Winnicott, na sua obra de 1971, diz “que a questão da experiência cultural, no registro eminentemente psíquico, havia sido negligenciada pela comunidade psicanalítica.”¹⁰⁶. Falar de sublimação, com certeza, é falar de cultura, ou vice-versa, pois são elementos intrínsecos. Para esse mesmo pesquisador,

(...) tanto Lacan quanto Laplanche haviam retomado de diferentes maneiras a tradição freudiana, segundo a qual o conceito de sublimação procura dar conta da inscrição cultural do sujeito. Por intermédio do conceito de sublimação, o discurso freudiano indicou, com eloquência e mesmo veemência, que buscava circunscrever a problemática da cultura para o sujeito e que empreender essa tarefa de maneira consistente era fundamental para a psicanálise, ou seja, Freud procurou, com a mediação propiciada por esse conceito, interpretar não só a constituição de diferentes registros da cultura, entre os quais a religião, a filosofia, a arte e a ciência, como também a criatividade psíquica¹⁰⁷.

Ao longo dos estudos de Sigmund Freud, o conceito de sublimação sofreu algumas alterações e acréscimos, como pode ser constatado a partir de sua obra de 1905 – primeira a

¹⁰⁴ FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1926), p. 71-72.

¹⁰⁵ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 84.

¹⁰⁶ BIRMAN, J. *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psi. Cli.*, Rio de Janeiro, v. 20, N. 1, p. 11-26, 2008, p. 12. Os psicanalistas anglo-saxônicos desconsideravam a importância da experiência cultural, pois eles levavam em consideração, apenas, a experiência clínica.

¹⁰⁷ BIRMAN, J. *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psi. Cli.*, Rio de Janeiro, v. 20, N. 1, p. 11-26, 2008, p. 13.

tratar de sua definição. Na sua obra de 1909, Freud, ao referir-se aos desejos inconscientes, ou, na verdade, ao que poderia ser feito com eles, disse o seguinte:

Conhecemos uma solução muito mais conveniente, a chamada ‘*sublimação*’, pela qual a energia dos desejos infantis não se anula, mas ao contrário, permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes do instinto sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social¹⁰⁸.

Conforme já mencionado no início deste subtópico, em sua obra de 1905, Freud entendeu a sublimação como uma dessexualização pulsional. Já em 1914, no texto *Pulsões e seus destinos*, ele a compreendeu como um dos quatro destinos da pulsão; e, mais tarde, em 1932, em *Angústia e vida pulsional*, afirmara haver uma alteração nas metas e nos objetivos da pulsão em sua forma sublimada. Contudo, para Joel Birman, foi através do texto *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno* (1908), que Freud, a partir da sublimação, passou a compreender os aspectos da cultura. “É nesse texto de 1908 que Freud estabelece o conceito de sublimação como algo que, a um só tempo, inscreve-se no registro da pulsão sexual e se contrapõe a ela, indicando estar referido também ao campo da cultura”¹⁰⁹. Em princípio, ele apenas tateou. Entretanto, mais adiante, em sua obra *O mal-estar da civilização* (1930), ele pôde clarificar e se assegurar de seus conceitos.

Isso se explica pelo fato de que, no texto de 1908, destaca-se o preço nefasto e mortífero que o processo civilizatório imporia aos indivíduos pelas exigências da civilidade, em decorrência do recalque excessivo da pulsão sexual e dos obstáculos à realização do prazer. Já em “O mal-estar na civilização”, a sublimação resulta do trabalho da pulsão de vida contra a pulsão de morte (Birman, 1978), ou seja, erotizar e sublimar deixam de se opor, como na primeira versão freudiana do conceito de sublimação, na qual estava implícita a dessexualização da pulsão sexual¹¹⁰.

¹⁰⁸ FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1909), p. 64. (destaque do próprio autor da obra).

¹⁰⁹ BIRMAN, J. *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psi. Cli.*, Rio de Janeiro, v. 20, N. 1, p. 11-26, 2008, p. 19.

¹¹⁰ Id. *Ibid.* p. 19-20.

“A vida neste mundo serve a um propósito mais elevado; indubitavelmente, não é fácil adivinhar qual ele seja, mas decerto significa um aperfeiçoamento da natureza do homem”¹¹¹. Certamente não é simples. Porém, um dos possíveis canais de aperfeiçoamento seria pelo viés da cultura. Como visto, é a única forma de subjetivação; ou melhor, o único veículo de passagem do homem ao seu lugar no âmbito social. A experiência religiosa tem apresentado um papel importante no auxílio do homem diante de seus conflitos psíquicos, pela via da sublimação.

Há várias dessas soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais, em determinados casos, podem combinar-se entre si. Ou a personalidade do doente se convence de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama ‘sublimação’ do desejo), ou, finalmente, reconhece como justa a repulsa¹¹².

Finalmente, as palavras de Sidnei V. Noé, pesquisador e professor de Psicologia da Religião, vão corroborar a problemática levantada neste subtópico e, claro, trazer elucidação quanto ao motivo de Freud que, embora tivesse demonstrado encantamento com o aspecto transparente da religião (sua beleza), não se permitiu buscar, em teoria, a validade da sublimação pela via da experiência religiosa.

Embora S. Freud tenha num mesmo átimo, em diversas passagens de sua obra, mencionado lado a lado arte, ciência e religião e tenha visto nos dois primeiros campos de atividade humana uma especial relação com o conceito de sublimação, a sua crítica à religião pareceu ignorar a hipótese de que também ali se poderia inferir a aplicação do conceito sob um viés propositivo. Ao contrário, em relação à religião, a compreensão de S. Freud parece deixar as balizas estabelecidas pela sua própria teoria, a Psicanálise, ingressando num campo de “natureza teórico-filosófica” (Aletti, 2004, p. 166). Porém, há de se atentar para o fato de que também o próprio “pensamento freudiano, pouco a pouco, desatrelaria a operação de sublimação do processo de recalque” (Birman, 2008, p. 22). E é precisamente esse viés já introduzido na teoria original que pode oferecer uma chance de exploração do conceito, naturalmente sobre as bases da teoria psicanalítica, para além das fronteiras inicialmente estabelecidas, assim como já fora feito posteriormente, no sentido de associar o conceito também às pulsões de agressão (Laplanche & Pontalis, 1967/2008, p. 497, nota 4)¹¹³.

¹¹¹ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 27.

¹¹² FREUD, S. *Cinco lições de psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1909), p. 42.

¹¹³ NOÉ, S. N. *A vocação sublime: da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 05 Março 2013.

1.6. O conceito de *Ilusão*

Como o título da obra de 1927 deixa claro, o argumento central da célebre monografia freudiana é que a religião é uma ilusão. Ele assegura que a verdade das ideias religiosas é de uma ordem ilusória. Mas o que Freud entende por *ilusão*? Ele diz que ilusão “não é um erro”¹¹⁴. Foi erro de Aristóteles, por exemplo, achar que os vermes se desenvolviam do esterco. Contudo, foi ilusão de Colombo ter considerado que ele havia achado uma nova rota marítima para as Índias. Qual a distinção entre *erro* e *ilusão* nessas situações? A diferença, na verdade, entre um caso e outro, é que, embora Aristóteles, presumivelmente, não se incomodasse ser falsa ou não sua crença, Colombo, ao contrário, se incomodaria, simplesmente, pelo fato de ele desejar crer em sua descoberta.

Com isso, Freud explica que a principal característica das ilusões é o fato de elas derivarem do desejo humano¹¹⁵. O conceito de ilusão em Freud (1920, 1921, 1927, 1933) é claramente marcado por esse componente de realização sempre que esse tema é discutido. “As formações ilusórias, portanto, expressam sempre um desejo, o que justifica sugerir que a problemática da ilusão já se faz presente no texto freudiano desde o final do século XIX, especialmente na *Interpretação dos Sonhos*”¹¹⁶. Ou seja, há uma motivação para querer acreditar. Mas deve ser observado que, segundo Freud, a ilusão não é um delírio. Este é uma falsa crença, está em desacordo com a realidade. No entanto, diferente do delírio, a ilusão não é, necessariamente, errônea; nem mesmo falsa ou irrealizável. Por exemplo:

Uma moça de classe média pode ter a ilusão de que um príncipe aparecerá e se casará com ela. Isso é possível, e certos casos assim já ocorreram. Que o Messias chegue e funde uma idade de ouro é muito menos provável. Classificar-se essa crença como ilusão ou como algo análogo a um delírio dependerá da própria atitude pessoal. Exemplos de ilusões que mostraram ser verdadeiras não são fáceis de encontrar, mas a ilusão dos alquimistas de que todos os metais podiam ser transformados em ouro poderia ser um deles. O desejo de possuir uma grande quantidade de ouro, tanto ouro quanto possível, foi, é verdade, em grande parte arrefecido por nosso conhecimento

¹¹⁴ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 39.

¹¹⁵ Id. Ibid. p. 39.

¹¹⁶ GARCIA, C. A. *O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou estado potencial?* Estudos de Psicologia 2007, 12(2), 169 - 175, p. 169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a09v12n2>> Acesso em: 08 Março 2013.

atual dos fatores determinantes da riqueza, mas a química não mais encara a transmutação dos metais em ouro como impossível¹¹⁷.

Portanto, ao dizer que a religião é uma ilusão, Freud não afirma que as crenças religiosas são falsas. Ele diz apenas que elas têm de satisfazer os desejos de quem crê; que elas podem até ser verdadeiras, mas que isso é improvável. A isso, segue-se outra característica, segundo Freud, da ilusão: de que ela não dá valor à verificação. As asseverações religiosas, ao contrário das empíricas, não buscam justificar-se ou se apoiar no mundo externo para validar ou objetar suas crenças. Elas tão somente se justificam nas suas próprias convicções internas. Não há justificação a partir de uma ordem racional. Para Giovanni S. J. Cucci, a religião, no pensamento de Freud, é uma ilusão, “porque ela se ocupa de coisas indemonstráveis, inatingíveis pela experiência, que tem como única plausibilidade a ligação com o desejo humano de receber resposta e conforto face à crueza da vida”¹¹⁸.

Deve ser lúcido pensar, aqui, que as ideias religiosas são consideradas ilusões na medida em que se originam do desejo humano¹¹⁹. Elas são “realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade”¹²⁰. O segredo dessas ideias está, portanto, na “força desses desejos”¹²¹. Em justificativa a essas ideias ilusórias, Freud, em outro texto, de 1915, afirmara que “acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela”¹²². O filósofo Olinto A. Pegoraro disse que

(...) a religião tranquiliza a pessoa angustiada fazendo-a imaginar que o universo é controlado pelos deuses que o criaram como criaram o homem para ser guardião da natureza e dos elementos. Tudo isto cai como um bálsamo na alma agitada. Animado por estas projeções ilusórias, o homem enfrenta os acontecimentos objetivos adversos¹²³.

¹¹⁷ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 40.

¹¹⁸ CUCCI, Giovanni S. J. *Freud e Moisés*. In: *Cultura e Fé*, n. 127, ano 32, p. 443-455, p. 445.

¹¹⁹ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 39.

¹²⁰ Id. *Ibid.* p. 39.

¹²¹ Idem.

¹²² FREUD, S. *A desilusão da guerra*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1915), p. 290.

¹²³ PEGORARO, O. A. *Freud, Ética e Metafísica*: o que ele não explicou. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 30.

Assim, conclui-se que a ilusão não tem nenhum compromisso com a realidade, nem mesmo com a verificação objetiva do desejo. Ou seja, seu valor não está em si mesmo, pois se encontra fora e distante do campo da verificação, do campo científico, cujo compromisso é com as asserções e retificações em relação à realidade. O valor da religião é nulo e sua força está na força do desejo ilusório do homem. Realiza-se, pois, pela religião, segundo Freud, o desejo de proteção contra os males que surgem do mundo externo; como também, das agitações provenientes da condição psíquica do ser humano. Nesse sentido, Carlos Dominguez Morano declara que a garantia que a religião proporciona ao homem se relaciona com a satisfação de desejo que torna possível de ser obtida. Mas ele também alerta que quando se ignora a realidade, essa ilusão assume uma característica “infantilizante”, aproximando-se, então, do delírio. Segundo esse mesmo autor, “não será contornando a realidade por intermédio de ilusões nem a transformando de modo delirante que o homem conseguirá conquistar um grau suficiente de bem-estar racional de suas pulsões”¹²⁴.

¹²⁴ MORANO, C. *Crer depois de Freud*. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: Loyola, 2003, p. 71.

2. A RELIGIÃO NA CULTURA¹²⁵ E NO SUJEITO, SEGUNDO OSKAR PFISTER

Não existe amor sexual sem uma poesia amorosa, e não há amor pelo Deus pessoal da revelação bíblica sem poesia e sem gestos simbólicos¹²⁶.

2.1. Abordagem histórico-contextual da obra *A ilusão de um futuro*¹²⁷

Esta obra foi publicada em 1928, em alemão, sob o título *Die Illusion einer Zukunft: Eine freundschaftliche Auseinandersetzung mit Prof. Dr. Sigmund Freud*, na revista *Imago*, onde Oskar Pfister fora colaborador, com um número total de 35 páginas¹²⁸. Depois, em 1993, ela foi traduzida para o inglês, como *The illusion of a future: a friendly disagreement with Prof. Sigmund Freud*. E, finalmente, em 2003, essa obra foi traduzida para o português, pela professora e pesquisadora, Dra. Karin Hellen Kepler Wondracek, e também pelo prof. Dr. Ditmar Junge. Vale ressaltar que essa tradução foi feita a partir do alemão, sob a revisão de Werner Fuchs, sem nenhuma alteração referente ao título da obra.

Após o aviso prévio de Sigmund Freud a respeito da publicação d'*o futuro de uma ilusão*¹²⁹, conforme visto no capítulo anterior, Oskar Pfister posicionou-se aberta, paciente e amigavelmente em relação à decisão do pai da psicanálise. Não se mostrou surpreso quanto à posição de Freud a respeito da religião: “No tocante à sua brochura contra a religião, sua rejeição da religião não me traz nada de novo”¹³⁰. Muito pelo contrário, o amigo

¹²⁵ Ver-se-á no subtópico 2.7, que Oskar Pfister entende a cultura diferentemente de Freud. Enquanto este entende que ela é tudo aquilo que está acima dos animais, aquele entende que há nessa diferença, entre o ser humano e o animal, muita coisa vergonhosa e danosa e, que essa cultura, de acordo com Freud, repleta de idiossincrasias e máculas, é, na verdade, uma não-cultura.

¹²⁶ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p. 173.

¹²⁷ Em referência à obra freudiana de 1927, Pfister utiliza-se de um trocadilho, conforme o título da obra em análise, para criticar a ilusão de Freud de que no futuro a ciência substituiria a religião. O título, a priori, revela o tom do embate. Mas apesar das inúmeras críticas do pastor em relação às acusações do seu amigo a respeito da religião, ver-se-á que o reformador reafirmará a sua admiração e respeito tanto por Freud quanto pelo arcabouço teórico da psicanálise.

¹²⁸ Cf. WONDRAECK, K. H. K. *O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17.

¹²⁹ Cf. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 142-143.

¹³⁰ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 143.

*Analysepfarrer*¹³¹ demonstrou curiosidade e, portanto, ansiava pela publicação da obra: “Eu a aguardo com alegre interesse”¹³². Considerava um privilégio o fato de ter como adversário, um homem de grande capacidade intelectual como Freud. Para Pfister, ele seria muito mais favorável à religião do que inúmeros tolos que estariam ao lado dela: “Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis”¹³³. Ao mencionar “os adeptos inúteis” da religião, Pfister, provavelmente, esteja se referindo aos teólogos¹³⁴ de sua época, em relação aos quais ele demonstrava decepção quanto às suas atitudes e crenças: “É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. (...) envolveram-se demais numa tola disputa por princípios (...)”¹³⁵. Como educador, Pfister zelava pela liberdade de expressão, e, a priori, demonstrou repeito a qualquer opinião divergente do nobre amigo.

Não poderia imaginar que uma declaração pública sua me pudesse melindrar; sempre achei que cada um deve dizer sua opinião honesta de modo claro e audível. O senhor sempre foi paciente comigo, e eu não seria com o seu ateísmo?¹³⁶.

Conforme suas convicções em relação ao direito de expressão, Pfister também confessou a Freud o desejo de redarguir: “Certamente o senhor também não vai levar a mal se eu oportunamente expressar com franqueza minha posição divergente. Por enquanto, fico na disposição de alegre aprendiz”¹³⁷. Devido às cordialidades por parte de Pfister, Freud, ao respondê-lo, utilizou-se da mesma medida e não demonstrou nenhuma surpresa quanto às suas afabilidades: “Da sua magnanimidade eu não esperava outra resposta à minha ‘declaração de guerra’”¹³⁸. Diante da afirmação do *Analysepfarrer* em querer responder-lhe, Freud não somente foi favorável à sua manifestação divergente, como também, alegrou-se com ela, pois

¹³¹ Termo alemão que significa *pastor-analista*.

¹³² PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 143.

¹³³ Id. Ibid. p. 143.

¹³⁴ Intui-se que os teólogos mencionados por Pfister sejam do próprio segmento protestante; principalmente, os ortodoxos-dogmáticos. Poucos teólogos deram credibilidade à psicanálise. Sérgio Nazar David afirma em relação àqueles que se pronunciaram a respeito da psicanálise: “Nas melhores abordagens, tentavam mostrar afinidades entre psicanálise e religião, para assim recusar a Freud toda e qualquer originalidade.” DAVID, S. N. *Freud e a religião*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003, p. 50.

¹³⁵ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 136.

¹³⁶ Id. Ibid. p. 143.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 146.

ele sabia que a opinião do amigo não seria como outra qualquer; pelo contrário, seria uma voz distinta em meio ao coro desafinado dos seus críticos: “Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra minha brochura; será um refrigerio em meio ao coro desafinado de críticas, para o qual estou preparado”¹³⁹.

Parece que nem um nem outro se surpreenderam com suas futuras produções. Ambos já se conheciam bem. “Sim, as surpresas estavam excluídas; o senhor estava preparado para o conteúdo do meu texto e eu para suas opiniões em contrário”¹⁴⁰. Com efeito, Freud corrobora a declaração de Pfister quanto ao direito de resposta e vai além: pede que o amigo, assim como ele, publique a sua obra, em resposta ao *O futuro de uma Ilusão*, na *Imago*, para que o público também pudesse ter acesso. “Faço questão de que o senhor publique uma crítica – na *Imago*, se quiser (...)”. Apenas faz ressalvas para que Pfister deixasse claro aos leitores a amizade carinhosa e respeitosa que havia entre eles; e, é claro, o seu apoio à psicanálise: “(...) espero que nesta o senhor ressalte expressamente a nossa límpida amizade mútua e sua adesão inabalável à análise”¹⁴¹. Claro que Pfister não hesitou em relação ao convite. Dessa forma, ele poderia deixar claro ao público, principalmente, àquele que simpatizava ou pertencia ao âmbito religioso, que a crítica apresentada no ensaio de 1927 não era o resultado de um arcabouço teórico psicanalítico.

Pfister considera conveniente, além de tudo, realizá-la na revista *Imago*, dedicada à aplicação da psicanálise ao campo das ciências da natureza e do espírito. Dessa maneira, pensa ele, poder-se-á evitar que o público identifique a posição pessoal de Freud em matéria de religião com a psicanálise enquanto tal, e de tal modo que isso resulte em dano para o movimento psicanalítico¹⁴².

Após a leitura da obra freudiana¹⁴³, Pfister declara ao amigo que, embora ambos assumam caminhos distintos, a psicanálise em nada seria comprometida: “(...) minhas ressalvas contra sua rejeição da religião não comprometem nem de forma mínima minha posição em relação ao senhor, nem minha alegria com a psicanálise”¹⁴⁴. O par teórico sempre

¹³⁹ Id. Ibid. p. 146.

¹⁴⁰ Id. Ibid. p. 152.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: Loyola, 2008, p. 152.

¹⁴³ Freud enviara um exemplar a Pfister antes de publicar na *Imago*. Da mesma forma fará o amigo suíço, denotando entre ambos, uma relação de lealdade.

¹⁴⁴ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 148.

discerniu suas personalidades do arcabouço teórico psicanalítico, pois a psicanálise em si, como um método de investigação, serviria tanto para um quanto para outro. Conforme diz Freud:

Na realidade, a psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial (...) Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas¹⁴⁵.

De acordo com uma de suas correspondências, Pfister aproveitou algumas semanas de cama, devido a uma flebite, para escrever seu ensaio *A ilusão de um futuro*. Nem mesmo uma enfermidade era capaz de parar a labuta de um homem acostumado a inúmeras produções e a defesas de causa. Freud respeitava e admirava-o muito quanto a isso. “Quando falamos do senhor, sempre lembramos da sua surpreendente capacidade e disposição de trabalho (...)”¹⁴⁶. Mais tarde, muito surpreso com a sua disposição, ele também diz: “Sua capacidade de trabalho até começa a me envergonhar, e eu realmente não fui preguiçoso (...)”¹⁴⁷. Esse período acamado era para Pfister, na verdade, um período de descanso: “Utilizo principalmente este tempo de descanso para escrever minha amigável controvérsia com o senhor. Eu o fiz com grande alegria, porque luto por uma amada causa com um amado adversário”¹⁴⁸.

As produções acadêmico-científicas de seus respectivos autores – digam-se: *O futuro de uma ilusão* e a *A ilusão de um futuro* – não objetivavam a conversão de um ou de outro. Contudo, pode-se dizer que elas iriam se constituir, na verdade, como ementas para os próprios construtores teóricos e também para os leitores da *Imago*. Posteriormente, como se tem visto, seus divergentes posicionamentos iriam contribuir com outros leitores, os quais poderiam descodificá-los; porém, mantendo toda a metodologia psicanalítica à margem desse

¹⁴⁵ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Obras completas, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1927), p. 45.

¹⁴⁶ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister*: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 113.

¹⁴⁷ Id. Ibid. p. 125.

¹⁴⁸ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister*: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 157.

embate. É evidente que Freud não seria candidato ao batismo e nem Pfister a jogar-se do púlpito de sua pequena igreja¹⁴⁹, em Zurique, na Suíça.

Não há grande perigo de o senhor candidatar-se ao batismo nem tampouco de eu me jogar do púlpito. Mas existem alguns bem importantes pontos de aproximação, e quando pondero que o senhor é bem melhor e mais profundo que seu ateísmo, e eu bem pior e mais superficial que minha fé, então o abismo entre nós não poderia escancarar-se de modo tão arrepiante¹⁵⁰.

Pfister – durante todo o período de desenvolvimento do seu trabalho, em resposta à obra de Freud, de 1927 – mantivera diante de si, um retrato de seu nobre “adversário”, e via nele um amigo sorridente. Assim como ele, também tolerante em relação às suas formulações: “Durante meu trabalho, eu via o seu retrato sorrindo tolerantemente para mim, mas mesmo assim senti-me alegremente animado”¹⁵¹. Antes de enviar seu trabalho para a *Imago*, Pfister, assim como fizera Freud, enviou-lhe um exemplar para que pudesse ficar a par das suas opiniões: “Envio-lhe meu manuscrito, a fim de que o senhor tenha oportunidade de me dizer se algo lhe parece inapropriado para publicação, ou se acha que sou injusto com o senhor em algum ponto”¹⁵².

Após a leitura do ensaio¹⁵³, Freud aprova-o: “(...) está feita a passagem da sua contra-argumentação. Ela já está na redação”¹⁵⁴. Parece que o pai da psicanálise, da mesma forma que Pfister, chega à conclusão de que o público não poderia associar seu ateísmo à sua teoria: “Era sobremaneira necessário que minha ilusão fosse contestada dentro dos nossos círculos, e é belo que isto tenha acontecido de forma tão digna e amistosa”¹⁵⁵.

¹⁴⁹ Oskar Pfister era pastor por profissão. Ele foi líder da pequena *Igreja Reformada Suíça* durante todo seu ministério, por cerca de 40 anos. “Oskar Pfister, pastor em Zurique”: era assim que se apresentava esse homem original, quando assinava suas contribuições à psicanálise.” Cf. ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 588.

¹⁵⁰ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 157.

¹⁵¹ Id. Ibid. p. 157.

¹⁵² Id. Ibid. p. 157-158.

¹⁵³ Segundo o biógrafo de Freud, Peter Gay, ele “simplesmente não fez nenhuma objeção ao artigo, que considerou uma ‘réplica genial’”. E, também, segundo esse mesmo biógrafo, de todas as respostas às críticas de Freud sobre a religião, a mais civilizada foi a de Pfister. GAY, P. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 486-487.

¹⁵⁴ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 158.

¹⁵⁵ Id. Ibid. p. 158.

2.2. Introdução à obra *A ilusão de um futuro*

Pfister, num preâmbulo à obra *A ilusão de um futuro*, agradece ao nobre amigo pela oportunidade de publicar na *Imago*. Pois, por meio dela, Freud lhe dera a mesma liberdade de expressão. Ou seja, que discorresse, honestamente, a respeito do que pensava sobre a religião; assim como o teórico de Friedberg fizera.

Caro professor,

Com a amabilidade com que me acostumei nestes dezenove anos de trabalho conjunto, o senhor declarou que seria desejável que eu apresentasse ao público meus argumentos contra seu livreto *O futuro de uma ilusão*, e com uma liberalidade que é natural para sua forma de pensar, colocou à minha disposição para esta finalidade um dos periódicos editados pelo senhor. Agradeço-lhe afetosamente por esta nova prova de amizade, que não me surpreendeu de modo algum¹⁵⁶.

Parece que ao longo dessa amizade, mesmo diante de diferenças acentuadas quanto à religião, ambos cuidavam das suas palavras ao dirigirem-se um ao outro¹⁵⁷. Nitidamente, cuidavam das suas relações (correspondências/tratos pessoais) para que de modo nenhum fossem interrompidas. Considera-se que havia entre eles uma relação pessoal, íntima. E logo no início das preliminares à obra em análise, Pfister, além de dirigir-se a Freud com afetuosas saudações, disse considerar o método psicanalítico como um instrumento importante para o bom entendimento e desenvolvimento da religião. No entanto, ele considerou a obra de Freud, de 1927, apenas como o resultado de uma necessidade pessoal por parte do amigo: “(...) considero o método psicanalítico criado pelo senhor um meio grandioso para depurar e desenvolver a religião (...) Seu livro significou para o senhor uma necessidade íntima (...)”¹⁵⁸. E de imediato, o pastor-analista ressalta que Freud não compreendia o valor da religião, porque ele condenava “a (...) religião – a partir da religião”¹⁵⁹.

¹⁵⁶ PFISTER, O. Alusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.17-18.

¹⁵⁷ Deixa-se claro que essa relação de cordialidade, apontada aqui, é apenas para destacar um traço comum de ambos os autores ao dirigirem-se um ao outro. Não significa que em outras relações, de autores renomados, isso também não ocorra. Porque a cordialidade e o respeito, geralmente, são comuns em correspondências entre pensadores intelectuais, mesmo em meio a divergências.

¹⁵⁸ PFISTER, O. Alusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. *O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.18.

¹⁵⁹ Id. Ibid. p. 18.

Em princípio, pessoas leigas (ou não teóricos da religião) pensam que discorrer a respeito de religião deva ser feito a partir de seu próprio âmbito, assim como fizera Freud, conforme Pfister tinha “a firme suspeita”¹⁶⁰. E como um teórico da religião, ele o repreendeu. O que Pfister estaria dizendo a Freud? Qual a forma de ele compreender o que é ou não é religião? Após a leitura d’o *futuro de uma ilusão*, Pfister, em uma de suas correspondências com o amigo, apontou para essas vertentes e, portanto, para seus contornos, os quais ele queria que Freud compreendesse, para que, então, pudesse estabelecer as diferenças.

A principal diferença entre nós reside provavelmente em que o senhor cresceu perto de formas patológicas de religião, as quais considera como “a religião”, enquanto eu tive a sorte de poder dirigir-me a uma forma livre de religião. Ao senhor, esta religião parece ser um esvaziamento do cristianismo, mas para mim, é o centro e a substância do evangelismo¹⁶¹.

Uma coisa é clara no trabalho de Freud no que tange à religião: Ele não estava nem um pouco interessado em teologia, e, tampouco, em filosofia. Apenas “(...) importa-lhe aquilo que leva as pessoas a serem todas neuróticas: umas, religiosas; outras, não religiosas”¹⁶². E é justamente devido a isso que Oskar Pfister estabelece a sua crítica sobre o ponto de vista de Freud: “Sobre Religião, então, não posso discutir muito bem com o senhor, porque o senhor rejeita a filosofia (...)”¹⁶³. E, conforme Pfister, em sua obra *A ilusão de um futuro*, o conhecimento filosófico¹⁶⁴ é importante para que não ocorra uma laicidade confusa: “A filosofia encetada imediatamente onde termina a experiência se entrelaça com as ciências empíricas, e quem não se aprofunda seriamente em problemas filosóficos o faz como um laico confuso”¹⁶⁵.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 158.

¹⁶² PAULY, E. L. *Psicanálise da Igreja e da religião - O pastor e psicanalista Pfister: a alma da cura d’alma*. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 153.

¹⁶³ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 148.

¹⁶⁴ Freud, realmente, não poderia se apoiar na filosofia, pois ele não a conhecia. Sequer ele fora seu leitor. Peter Gay diz que certa ocasião, o célebre biógrafo de Freud, Ernest Jones, “(...) lhe perguntou o quanto lera de filosofia, (e) Freud respondeu: ‘Muito pouco.’” GAY, P. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 40. (A conjunção entre parênteses foi acrescentada pelo autor desta pesquisa).

¹⁶⁵ PFISTER, O. *A ilusão de um futuro*. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 45-46.

Pfister, inúmeras vezes, parece tentar mostrar a Freud e, até mesmo convencê-lo, de que ao pesquisar e discorrer a respeito da religião, é preciso observar suas vertentes, limites e contornos. Na opinião do autor de Zurique, faltava ao amigo esse conhecimento e/ou discernimento necessário para que fosse, então, estabelecida uma crítica segura. Mas para o pai da psicanálise isso seria impossível, porque diferente do seu amigo, ele não era um teórico da religião¹⁶⁶; embora as questões religiosas – advindas de seus pacientes neuróticos e de suas próprias experiências amargas – sempre o envolvessem. Contudo, independente da crítica de Freud consoante à religião, Pfister, em sua obra de contra-argumentação, compara Freud a um cristão, pois segundo ele, “quem lutou de modo tão gigantesco pela verdade e brigou tão heroicamente pela redenção do amor, este é, quer queira sê-lo ou não, segundo os parâmetros do evangelho, um fiel servo de Deus”¹⁶⁷.

Por meio da criação da psicanálise, seu método de cura, Freud oportunizou a libertação dos sofredores e abriu “as portas do cárcere”¹⁶⁸. Oskar Pfister, ao referir-se ao amigo como um “fiel servo de Deus”, utilizou-se de uma alusão à passagem de Mateus 21: 28-32, onde ele lembra o leitor das palavras de Jesus Cristo. Nessa passagem, Jesus conta a história, por meio de uma parábola, sobre dois filhos, cujo pai, trabalhador rural, pediu que o primeiro filho fosse trabalhar na vinha. Este, sem hesitar, colocou-se à disposição de seu pai, respondendo: “Sim, senhor; porém não foi.” Já o segundo, após ouvir do pai a mesma coisa, respondeu: “Não quero; depois, arrependido, foi.” Pfister comparou Freud ao segundo filho. Contudo, resguardou-se dessa comparação, dizendo ao amigo que ele poderia não ser um cristão confesso, mas que ele se revelaria em ação, pois demonstrava obediência ao evangelho; como, por exemplo: ao colher “os raios da luz eterna” (que se intui, figuradamente, ser a teoria psicanalítica)¹⁶⁹, por amor aos que sofrem, mesmo que involuntariamente.

O senhor sabe com quanta alegria o fundador da religião cristã prefere o último. O senhor guardará rancor de mim pelo fato de que, apesar de sua pretensa descrença, eu o veja figuradamente mais próximo do trono de Deus – o senhor, que colheu tão maravilhosos raios da luz eterna e se desgastou na luta pela verdade e pelo amor aos homens – do que a muito clérigo murmurador de orações e realizador de cerimônias, cujo coração nunca

¹⁶⁶ Parece que Pfister, em outras palavras, queria dizer a Freud que para ele discorrer a respeito de religião, ele teria que se aprofundar, teoricamente, em relação a ela; caso contrário, falaria apenas como um leigo desejoso.

¹⁶⁷ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 18.

¹⁶⁸ Id. Ibid. 18.

¹⁶⁹ Cf. WONDRACEK, K. H. K. *O amor e seus destinos*. A contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ardeu pelo conhecimento e bem-estar do homem? E, como para os cristãos orientados no evangelho tudo o que importa é fazer a vontade divina e não o dizer ‘Senhor, senhor’, compreende o senhor que eu queira invejá-lo?¹⁷⁰.

2.3. Questionamentos centrais da obra *A ilusão de um futuro*

As ideias (teses) de Freud – sob o enfoque exclusivamente da religião, de acordo com o que foi visto no primeiro capítulo, e principalmente de acordo com as suas próprias palavras¹⁷¹ – são questionáveis: seus argumentos são críticos ou discriminatórios? Contestam as convicções religiosas profundas (a religião em si) ou as neuroses religiosas, infantis, as quais ele quer banir? Para que se possam responder essas questões, ou ao menos clarificá-las, é necessário investigar, a partir da réplica por parte de Oskar Pfister, qual compreensão de religião, ou que aspecto religioso, na verdade, o pastor-analista quer destacar; bem como, quais os predicados psíquicos implicados no embate dele com Sigmund Freud. A partir de agora, portanto, observar-se-á o ponto de vista de Pfister sobre a religião; seus elementos intrínsecos, mas não observados por Freud, que na concepção do autor de Zurique, eram devidos ao fato de o pai da psicanálise não estar envolvido com a filosofia, a teologia e as artes; e o seu conceito de *ilusão*. Assim, considera-se oportuno, por meio da inferência, delimitar os contornos desse embate.

Após os discursos fraternos e algumas observações e opiniões feitas no início de sua obra, Pfister inicia suas contra-argumentações, retomando as acusações de Freud, tendo como objeto de referência, somente o ensaio freudiano de 1927. Parece que o que mais chama a atenção do pastor-analista é a crítica freudiana concernente à *ilusão*, pois esse conceito aparece logo no início de suas arguições. No decorrer do seu ensaio, Pfister, além de corroborar com algumas observações feitas por Freud a respeito desse conceito, aponta para ele novos significados. É possível imaginar que durante a leitura de *o futuro de uma ilusão*, Pfister imaginasse que o amigo, de algum modo, havia descoberto uma maneira interessante e verdadeira de abordar a ilusão referente à religião. Porque segundo o autor suíço, Freud “(...)

¹⁷⁰ Id. Ibid. p. 19.

¹⁷¹ Conforme já visto, na obra de 1927, Freud separa a sua opinião a respeito da religião do arcabouço teórico psicanalítico.

define o conceito de ilusão de maneira diferente da usual.”¹⁷², cujas conotações fogem ao padrão-comum, como erro, engano, falsidade, invalidade. Pois “de acordo com isto poderíamos contar com a possibilidade de que ainda é concedida validade à religião”¹⁷³. Ele cita, como exemplo, o caminho percorrido por Colombo, em busca de novas rotas para as Índias.

Pois ainda que o descobridor da América não tenha alcançado a Índia, outros o fizeram no caminho por ele aberto. O genovês igualmente evoca que na ilusão pode estar investido muito raciocínio realista excelente. Sem a constatação da superfície encurvada do mar e da conseqüente forma cilíndrica da terra não teria sido empreendida a ousada viagem para o Oeste¹⁷⁴.

Contudo, a leitura otimista e idealizada por parte de Pfister deu lugar ao descontentamento, pois logo percebera que “a esperança de que Freud tenha deixado valer para a religião um altar, em cujos chifres ela se possa refugiar”¹⁷⁵, não perdura por muito tempo, pois logo somos informados de que a religião é comparável a uma neurose infantil (...)”¹⁷⁶. Ele percebera também que Freud esboçara uma enorme esperança de que a fase neurótica da religião fosse superada, e, que, num dado momento, com o amadurecimento da humanidade, a religião, sendo “a neurose obsessiva universal da humanidade”¹⁷⁷, chegasse ao fim. Após apresentar, brevemente, essas acusações, ele convida o leitor para que analise mais de perto as questões que envolvem o embate das obras *O futuro de uma ilusão* e *A Ilusão de um futuro*.

2.4. A religião e o caráter *obsessivo-compulsivo neurótico*

Ao iniciar a análise do caráter obsessivo neurótico conferido à religião, Pfister corrobora com Freud a respeito de essa neurose estar relacionada a ela, declarando que “sem dúvida,

¹⁷² PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 19.

¹⁷³ Id. Ibid. p. 20.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ “N.T. Expressão que remete a Ex 30,10; Lv 8, 15; Ez 43, 20, que designava um local de refúgio junto ao altar do templo.” WONDRACEK, K. H. K. (Org.). In.: *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 20.

¹⁷⁶ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 20.

¹⁷⁷ FREUD *apud* PFISTER. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 20.

Freud tem toda a razão, e com esta descoberta alcançou um grande mérito na psicologia da religião, visto que muitas expressões da vida religiosa estão imbuídas desse caráter”¹⁷⁸. Segundo o pastor-analista, sem sombra de dúvida, as religiões primitivas, sem qualquer conhecimento de uma constituição eclesiástica, em toda a sua ortodoxia, apresentam, nitidamente, as obsessões. E que esse caráter neurótico fora introduzido “no nascedouro da religião como efeito do recalçamento das pulsões, uma exigência tornada necessária pelo progresso ético-biológico da humanidade”¹⁷⁹. Como se evidencia, a obsessão, também na visão do pastor, é fortemente presente no estado inicial da religião. Contudo, esse caráter neurótico, assim como fora abordado por Freud, é uma característica presente até mesmo na religião eclesiasticamente constituída? Esse caráter neurótico obsessivo apresenta-se como uma essência da religião? As partes representam o todo? A partir do convite de Pfister, ao longo de sua obra e, agora, neste subtópico, essas perguntas serão discutidas.

Primeiramente, Pfister afirma que “renúncia às pulsões precede à religião”¹⁸⁰. Segundo ele, esse é o caso em todas as culturas, pois aquele que, no nível primário, esgota toda a energia, certamente, não a terá, suficientemente, para realizações culturais. Pois, “se imaginarmos uma existência meramente pulsional, (...) isto corresponde à natureza da maioria dos animais, mas não à humana”¹⁸¹. Sendo assim, ele discorda de Freud, “de que o surgimento da religião tenha por base a renúncia à expressão de pulsões do eu, enquanto a neurose pressupõe o recalçamento exclusivamente de funções sexuais”¹⁸². Porque, segundo o teórico suíço, de acordo com a orientação do Édipo, a sexualidade justamente compõe uma parte que integra as pulsões do eu e vice-versa; e, que, portanto, “a seleção de pulsões isoladas deve ser feita apenas como abstração”¹⁸³. Pois pensar as pulsões, separadamente, com exceção às moções mais primitivas, implicará em mero engano. Pois, para Pfister, o modo adequado para se entender as pulsões é pelo que ele chama de *ponto de vista orgânico*¹⁸⁴, cuja compreensão é imprescindível para a gênese da religião.

¹⁷⁸ PFISTER. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 21.

¹⁷⁹ Id. Ibid. p. 21.

¹⁸⁰ Id. Ibid. p. 22.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Para Pfister, o procedimento mais adequado, para que sejam examinados os fenômenos psíquicos, é por meio do *ponto de vista orgânico*. E para que um estudo psicológico seja considerado *orgânico*, não basta apenas o estudo das pulsões, é necessário correlacioná-las às demais *funções vitais*. Porque as pulsões não existem isoladamente. Na verdade, elas encontram-se entrelaçadas umas com as outras, pois a vida psíquica é um organismo; ou seja, quando uma parte sofre provoca o sofrimento nas demais. Cf. WONDRACEK, K. H. K. *O*

Para Pfister, as recusas pulsionais que favorecem recalcamientos, inclusive profundos, devem servir de contribuição para a elaboração a respeito de religião; contudo, ele pondera que “(...) se deva procurar num círculo muito amplo as recusas pulsionais que conduzem à religião (...)”¹⁸⁵. Dessa forma, para aquela acusação freudiana, de que a religião é uma neurose obsessiva universal, como se essa obsessão fosse inerente à religião, Pfister rebate, afirmando que é, justamente, o “contrário, (pois) as mais sublimes elaborações religiosas justamente suspendem a obsessão”¹⁸⁶. Porque o genuíno cristianismo, na verdade, suprime toda e qualquer legalidade de um cerimonialismo ortodoxo e meticuloso. Pois, segundo ele, de acordo com Mateus 5:21-22, o Mestre de Nazaré, exatamente, contrapõe-se, numa atitude de amor, conforme o seu mandamento, ao jugo pesado e à leitura descontextualizada das Sagradas Escrituras. Ou seja, Ele contrapõe-se ao nomismo neurótico obsessivo-compulsivo. A atitude redentora de Jesus está, incontestavelmente, nas suas palavras de liberdade: “Vocês sabem, foi dito aos antigos, mas eu digo a vocês”.

Segundo os bons parâmetros psicanalíticos, Jesus venceu a neurose coletiva de seu povo introduzindo no centro da vida o amor que, na verdade, é moralmente purificado. Na sua concepção de pai, totalmente purificada das toxinas da ligação edípica, constatamos que foram totalmente vencidos a heteronomia e todo o constrangimento das amarras. O que se exige das pessoas não é outra coisa senão aquilo que corresponde à sua essência e sua vocação verdadeira, o que favorece o bem comum e – para também dar lugar ao ponto de vista biológico – uma saúde máxima do indivíduo e da coletividade. Constitui um grave mal-entendido compreender o mandamento básico de Cristo – “Amarás a Deus de todo teu coração e a teu próximo como a ti mesmo!” (Mt. 22, 37ss) – como um mandamento no espírito do mosaísmo. A forma do imperativo é conservada, mas quem não notaria a sutil ironia com a qual o conteúdo, o amor, enquanto realização que pode ser espontânea, anula o caráter da lei?¹⁸⁷.

Pfister afirmou, na obra em análise, que em sua obra *Analytische Seelsorge*, de 1927, ele mostrou, nitidamente, como Jesus exercera a psicanálise, bem antes de Freud. Ele lembra

amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. São Leopoldo, V. 26, Editora Sinodal, 2003. É interessante lembrar que essa ideia pulsional por parte de Pfister, foi bem recebida por Freud, como segue: “Sua ideia da polarização é excelente. Para mim isto é: desfazer a mistura dos opostos, nos quais nossas pulsões geralmente se apresentam. É como se a cozinheira tivesse posto todo o açúcar numa ponta da massa de pão e todo o sal na outra. É óbvio que o sabor se perderia. – Um belo tema, mas ainda inacabado.” FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister*: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 57.

¹⁸⁵ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão*: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 23.

¹⁸⁶ Id. Ibid. p. 23. (O elemento de coesão utilizado entre parênteses foi acrescentado pelo autor desta pesquisa).

¹⁸⁷ Id. Ibid. p. 23-24.

a forma como o Mestre abordara um paralítico, que, além de ter sugestionado o desaparecimento do seu sintoma, Ele “(...) se inseriu no conflito religioso-moral subjacente (daquele paralítico), apaziguando-o, vencendo assim a paralisia a partir de dentro”¹⁸⁸. Portanto, diante da liberdade de crença e de consciência; bem como, da manifestação do amor¹⁸⁹, não haveria, na verdade, um princípio de libertação, de cura, da neurose obsessivo-compulsiva religiosa?¹⁹⁰. Como segue, Pfister lamenta o fato de Freud não ter observado e não ter valorizado as formas mais sublimes da religião.

É uma pena que Freud deixe de lado justamente as mais sublimes expressões da religião. Do ponto de vista histórico não é fato que a religião crie compulsões e prenda as pessoas na neurose. Pelo contrário, é a vida *pré-religiosa* que cria compulsões neuróticas, que então conduzem a concepções religiosas e rituais correspondentes. A magia precedente à religião ainda não é religião. Justamente dentro do maior desenvolvimento religioso, o israelita-cristão, surge sempre e sempre de novo uma inspiração religiosa (revelação), avivada por uma visão superior, ética, e por isso também sociobiológica, a qual *busca anular a compulsão* e criar a libertação, até que, debaixo de condições que ninguém compreende melhor que o analista, sempre de novo sejam forjados novos laços pelas aflições da vida, os quais uma posterior

¹⁸⁸ Id. Ibid. p. 24. (A expressão entre parênteses foi acrescentada pelo autor desta pesquisa). O paralítico a que Pfister se refere é encontrado em João 5: 1-19. Numa breve análise, é possível verificar a forma madura com que Jesus tratou a legalidade imposta pela lei mosaica. A doença pela qual o paralítico fora acometido não é especificada. Contudo, sabe-se que o problema que ele apresentava impedia-o de mover-se e andar. Jesus, vendo seu sofrimento, apenas lhe perguntou se queria andar. Após o homem apresentar suas justificativas quanto às suas impossibilidades, o Homem de Nazaré disse-lhe: “Levanta-te, toma o teu leito e anda.” E de acordo com as Escrituras, o homem, imediatamente, pôs-se a andar. Nesta passagem, é corroborada a tese de Pfister quanto à forma como Jesus, representando o cristianismo genuíno, afastava toda a meticulosidade da lei. Novamente, para Ele, não importava o que estava escrito, o que importava era a liberdade do homem. De acordo com a tradição judaica, aquele homem não podia ter carregado o leito, após ter sido curado, e nem mesmo Jesus manifestar o Seu poder de redenção, pois era sábado (dia sagrado para os judeus). Vê-se, aqui, portanto, que Jesus contrapôs-se à lei, à tradição e à neurose obsessiva “do não pode”, em favor do bem-estar, da alegria e da liberdade daquele homem. Com isso, Ele mostrou que o ser humano está acima da lei e, evidentemente, acima do jugo, das regras e das obsessões.

¹⁸⁹ Pfister considera que é a partir de um impulso único de amor que tudo no psiquismo humano passa a advir. Um impulso da força vital inata e única. Tudo sob certo ponto está atrelado à experiência do amor. De acordo com a sua obra de 1934, que ele procura perscrutar o aspecto psicológico de acordo com os ensinamentos e vivências de Jesus, transmitidos pelo Evangelho (Novo Testamento), e constata que a vida está atrelada a um amor incondicional divino. Ou seja, um amor que surge como força vital proveniente de Deus; e, que, ao mesmo tempo, se impõe ao ser humano durante a vida. Cf. PFISTER, O. *Christianity and fear*. London, Allen ans Unwin, 1944. “Para Pfister a vida é um movimento que se fundamenta no amor de Deus. (...) Este amor traz uma nova lei, a lei do amor incondicional, que se impõe como sol e fecunda o ser humano, resgatando-o dos ferrolhos dogmáticos e obsessivos (...)” WONDRAČEK, K. H. K. *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 85-86.

¹⁹⁰ Pfister tem como referência, no que diz respeito à liberdade e à consciência religiosas, o início do protestantismo. E em destaque, ele esclarece que é no protestantismo que o individualismo, livre de compulsão, é constituído. “(...) é digno de nota que o individualismo livre de compulsão na atualidade está fortemente representado justamente no Protestantismo, e conquistou perante as demais ciências um reconhecimento considerável, por um lado através de sua ênfase social, por outro lado através de seu sério trabalho científico crítico.” PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 25-26.

concepção religiosa é vocacionada a romper. Não se pode negar que a esta luta religiosa pela redenção corresponde um processo de humanização¹⁹¹.

Para Pfister, a religião não se conclui em si mesma. Não “(...) devemos esquecer que a religião não pode percorrer um desenvolvimento encerrado em si”¹⁹². Não é possível conceber “a (...) religião – a partir da religião”¹⁹³. Observa-se que, ao tratar-se de religião, é necessária uma visão holística dos fatos. Segundo o pastor, por exemplo, se durante um tempo longínquo, os “cristãos” digladiaram-se com os bárbaros, certamente, não o fizeram de acordo com os princípios religiosos do cristianismo, mas de acordo com os seus próprios. Isso em decorrência de suas mazelas psíquicas, que, constantemente, têm caricaturado os princípios cristãos. Para ele, os adoecimentos neuróticos também exercem influência na pesquisa e na criação artística; caricaturando-as e as rebaixando “(...) às mais abomináveis deformações”¹⁹⁴. Por isso, ele nega “(...) cabalmente que seja próprio da religião *como tal* o caráter obsessivo-compulsivo neurótico”¹⁹⁵.

2.5. A religião e a configuração do desejo

Quanto à religião ser apenas a representação de configurações dos desejos, Pfister salienta que essa tese não é prioritária de Sigmund Freud¹⁹⁶. E ele mesmo, em sua obra de 1927, não

¹⁹¹ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 25. (A expressão em destaque é do próprio Pfister).

¹⁹² Id. Ibid. p. 26. A religião é uma construção da realidade, uma busca pela existência. O autor de Zurique pensa a religião de acordo com o seu próprio contexto. Portanto, ele não está interessado ou preocupado em desenvolver uma teoria geral da religião; ele apenas a foca a partir do cristianismo protestante reformado. Assim, pode-se entender o fato de ele concebê-lo apenas como um modo de existência. Para ele, o que caracteriza a fé do ser humano é sem dúvida a sua postura existencial, diante do Amor Supremo e do amor ao próximo.

¹⁹³ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 18.

¹⁹⁴ Id. Ibid. p. 26.

¹⁹⁵ Idem. (A palavra em destaque é do próprio Pfister).

¹⁹⁶ Pfister, ao discorrer a respeito do pensamento da religião como configuração do desejo, refere-se a Ludwig Feuerbach, que defendeu a tese, em sua obra *A essência do cristianismo* (1841), de que a teologia não seria nada além de uma antropologia disfarçada. Na verdade, com essa tese, de forma muito coerente, ele encontrou, inclusive, respaldo em muitos teólogos liberais, quanto às suas críticas psicológicas às doutrinas religiosas. Ao referir-se a Feuerbach, Freud, em 1875, declarou ao seu amigo Silberstein, que “entre todos os filósofos este é o homem que mais venero e admiro”. GAY, P. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 39. Motivo: A essência da filosofia feuerbachiana consiste em afirmar que toda manifestação religiosa não passa de uma ilusão. Segundo essa perspectiva teórica, Deus não criou o homem, mas o homem criou Deus; ou seja, a religião seria apenas um sonho; apenas representaria as configurações dos desejos.

reivindica para si tal descoberta. Contudo, o teórico de Friedberg, amparado por seu “microscópio” da alma humana, de forma extraordinária, refinou essa concepção feuerbachiana. Pfister adverte o leitor para que ele tome cuidado, ao analisar as religiões, por via desse aspecto, pois ele pode cair num mero engano. Porque segundo o autor de Zurique,

a simples exposição dos desejos latentes e sua reelaboração com o propósito de torná-los conscientes, como também o desvelamento da situação edípica, do sadismo e do masoquismo recalcado impossibilitam totalmente que se neguem projeções de desejos na formação de religiões¹⁹⁷.

Diante disso, logo surgem os questionamentos: Por meio dessa linha do pensamento feuerbachiano, e passando pelo refinamento freudiano, seria possível compreender e explicar todo o pensamento religioso? Não pertenceria também à ciência, esse motim entre desejar e ser? Pfister salienta que em 1909, em Viena, no Parque Belvedere, quando ambos aproveitavam uma manhã ensolarada, Freud o alertara sobre os perigos de sua pesquisa (a teoria psicanalítica). O pastor-analista, após advertência do nobre amigo, declarou, convictamente, largar o ministério pastoral, caso a verdade, empreendida por Freud, apontasse como legítima e exclusiva. Porque “propagar uma crença que o raciocínio refuta, ou adaptar a cabeça para a morada da descrença e o coração para a sede da fé, isto me pareciam truques de malabarista, com os quais não queria ter nada a ver. Eu não saberia o que deveria modificar nesta posição”¹⁹⁸.

Segundo Pfister, é incorreto comprimir toda a rejeição da religião no plano do desejo; embora algumas observações por parte do amigo fossem válidas. Inclusive, o pastor-analista já havia constatado há um tempo, em sua obra *Die psychoanalytische Methode* de 1924, a correlação entre Deus/pai, pastores e etc. Ou seja, ele já havia visto a face do seu pai e dos pastores na sua imagem de Deus; assim como as implicações inerentes a essa relação. Portanto, não era novidade para ele o fato de as representações de Deus e de todas as figuras do além, muitas vezes, serem pintadas de acordo com as cores da paleta do desejo. Referindo-se à sua obra de 1924, ele menciona que aquele foi o momento “quando pela primeira vez constatei numa representação alucinada de Deus os traços do pai, de vários pastores, etc.

¹⁹⁷ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 26.

¹⁹⁸ Id. Ibid. p. 27.

(...)”¹⁹⁹. Pfister, portanto, declara ter sido muito interessante perceber essas correlações. No entanto, ele declara que não havia nada de extraordinariamente novo ou inesperado nas constatações de Freud.

Da mesma forma que os crentes, os ateus também não seriam dirigidos por pensamentos de desejo? Pfister, quanto a esse questionamento, responde: “Que analista não encontraria com frequência ateus, cuja descrença era camuflada eliminação do pai?”²⁰⁰. É interessante observar como o complexo de Édipo tem sido utilizado, comumente, como uma ferramenta, para explicar a crença religiosa. Mas também, na concepção do pastor reformado, ele pode ser utilizado para explicar o ateísmo. O próprio Freud em *O futuro de uma ilusão* afirma que “O crente está ligado aos ensinamentos da religião por certos vínculos afetivos. Contudo, indubitavelmente existem inumeráveis outras pessoas que não são crentes, no mesmo sentido”²⁰¹. Isso parece mostrar que a origem tanto da crença quanto da descrença é, essencialmente, psicoemocional; e só, secundariamente, racional²⁰².

Pfister considera necessário admitir que, na maioria das vezes, os desejos que conduzem à religião são de natureza egoísta²⁰³. Mas, segundo ele, na ciência, isso não seria diferente. Para ele, o homem natural, ao professar sua crença e expressá-la na forma de culto, revela uma necessidade moral, como forma de penitência para um ato impróprio (injusto) que cometera. Contudo, “com o desenvolvimento moral também amadurece o desenvolvimento religioso. Os desejos egoístas passam cada vez mais para segundo plano, mesmo que haja recaídas ao pensamento egoísta”²⁰⁴. Porque, segundo ele, é sempre delicado separar o homem selvagem (natural) do religioso. De acordo com Patrícia Leirner Argelazi, referindo-se à tese de Oskar Pfister de 1928, há também outros fatores que podem levar o homem à religião: “Aspirações morais, altruístas, desejos que apontam para um ideal, desejos de amor (Eros, e também

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 54-55.

²⁰² A respeito do *complexo de Édipo* para explicar o ateísmo, recomenda-se o artigo de VITZ, P. C. *The psychology of atheism*. Disponível em: <<http://www.leaderu.com/truth/1truth12.html>> Acesso em: 12 abril 2013.

²⁰³ Quais seriam esses desejos? Como observara Freud: a) desejos de proteção contra a natureza, contra o destino e contra a angústia da morte; e b) uma recompensa futura devido às privações no presente, porque o mal-estar da civilização necessita ser compensado. Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²⁰⁴ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28.

Ágape), desejos que estão relacionados à arte”²⁰⁵. Ainda segundo ela, “Pfister aponta, portanto, para uma evolução moral, em que as formas menos evoluídas seriam aquelas em que o ser humano busca apenas a satisfação de desejos egoísticos e imediatos, ao passo que as mais evoluídas são as mais altruístas”²⁰⁶.

Em relação aos desejos pulsionais, Pfister chama a atenção do leitor para o Evangelho, porque nele pode ser visto como esses desejos são combatidos, veementemente, à medida que Jesus aproxima-se da sua luta contra as tradições. Quanto mais Ele desenvolve sua luta em favor da liberdade, mais acentuado é o combate. Sua atitude de amor é mais adequada do que a mais rigorosa filosofia do imperativo categórico, onde o amor é desprezado. O que o Mestre de Nazaré, em nome do cristianismo, exige, na maioria das vezes, é justamente tudo aquilo que se contrapõe ao egoísmo. Ao pregar a respeito do amor-próprio, inclusive, Ele exclui o sadomasoquismo. Jesus combateu toda forma de discriminação, arrogância e etc. Conforme Pfister, a própria oração cristã (“Pai Nosso”) que Ele ensinou é uma revelação simples e humilde, contrapondo-se, portanto, a toda e qualquer natureza egoística. É a demonstração da subsistência através do “pão nosso”, onde estão depositados os ideais éticos universais. A vontade é conferida além dos próprios interesses: “Faça-se a Tua vontade”.

A mansidão e a humildade, a negação de si mesmo e a recusa de acumular tesouros, a entrega da própria vida por amor aos mais sublimes bens morais, em suma, toda a atitude de vida, como o crucificado do Gólgota à demanda dos seus discípulos, é diametralmente oposta às concupiscências da natureza humana originária. Ela corresponde, porém, a uma concepção mais elevada da natureza humana, certamente não derivada das baixas exigências pulsionais, mas que somente podia brotar de um realismo ideal conquistado sob duras aflições e surgido de uma grandiosa antropologia e cosmologia intuitiva²⁰⁷.

Quanto à declaração de Freud de que a religião promete satisfazer para além-mundo, para além da morte, os desejos pulsionais, dos quais os seres humanos privaram-se em vida, como forma de diminuir o mal-estar da cultura, Pfister assegura que isso não tem nada a ver com os ensinamentos de Jesus, de acordo com o Evangelho. A concepção cristã, diferente da islâmica, por exemplo, orienta que qualquer expectativa de sensualidade (de desejos

²⁰⁵ ARGELAZI, P. L. *Psicanálise e religião*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2008, p. 88.

²⁰⁶ Id. Ibid. p. 90.

²⁰⁷ Id. Ibid. p. 28.

pulsionais), no além, pode ser descartada. Porque quanto a isso, segundo o pastor, Jesus foi enfático, de acordo com Mt. 22:30²⁰⁸. Para o autor de Zurique, o ideal mais sublime, conforme os ensinamentos de Jesus é o reino de Deus, que tem como cenário a própria terra, e cujo conteúdo são os bens ideais éticos e religiosos.

2.5.1. O desejo e o postulado

Da mesma forma que Sigmund Freud, em sua obra *O futuro de uma ilusão*, Oskar Pfister também criou um opositor imaginário. E este lhe indaga se não corresponderiam à religião ao menos desejos de natureza superior. Pfister responde que é preciso, primeiramente, esclarecer a diferença entre *desejo* e *postulado*. “O desejo busca sua satisfação na alucinação e em outros fenômenos que foram explicitados para nós por Freud, sem se importar com as situações reais”²⁰⁹. Dessa forma, segundo ele, há muitos fenômenos religiosos que supõem um *ser* pelo salto ilusório do desejo. Há, sim, muitos fenômenos religiosos que transitam do desejo à assunção de que algo existe. Entretanto, ninguém pode afirmar que cada desejo alcança sua satisfação, unicamente, por meio desse modo espúrio. Pois “é possível buscar a satisfação dos desejos de um modo muito condizente com a realidade”²¹⁰.

Quanto a isso, portanto, à satisfação dos desejos de acordo com a realidade, Pfister faz uma leitura dos imperativos do amor, os quais o pastor reformado afirma que Jesus tinha Consigo. Contudo, esses imperativos contradiziam toda a tradição sagrada. Segundo o autor de Zurique, Jesus tentara harmonizar as aspirações de suas exigências internas com aquelas do mandamento mosaico (*A aliança de Deus com Moisés*), conforme: Mt. 5:17-22²¹¹. Mas como isso não foi possível, como o mandamento interior de Jesus não conseguiu derrubar o mandamento da tradição (o mandamento externo), e, também, não influenciou a todos (Mt. 5: 27, 33 e 38), foi necessária, então, uma radicalização, uma total ruptura. “Nesse caso, porém, esta necessidade moral interna tinha de se originar diretamente de Deus. E como ela visava ao

²⁰⁸ “Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos do céu.” BÍBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualizada no Brasil. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 984.

²⁰⁹ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 29.

²¹⁰ Id. Ibid. p. 29.

²¹¹ Ao cumprir a lei, o Mestre de Nazaré não anula, altera ou substitui os mandamentos que o antecediam; antes, ele estabelece Seus propósitos: ensinar e os cumprir em Sua vida obediente.

amor, Deus tinha de aparecer como amoroso, e não mais como o Deus severo e ciumento do Antigo Testamento”²¹². Aqui jaz um aspecto muito relevante: a revelação de quem é Deus dar-se-á a partir de dentro, do interior.

Assim, quando se toma como referência e se compreende esse episódio inexprimível que se desenvolveu, intuitivamente, no interior de Jesus, culminando-se em intensos atos cognitivos, chega-se, segundo Pfister, ao caminho do *postulado*²¹³. Este não é cego em si mesmo. Ele não diz que é real, porque deseja. Assim, o que uma pessoa necessita pensar como real, para que esse real, verdadeiramente, torne-se inteligível, que possa vir a ser e possa continuar sendo real? “O postulado parte do existente que é reconhecido ou pressuposto como assegurado e tira a conclusão de outro dado existente, logicamente resultante do primeiro”²¹⁴.

Para Pfister, de certa forma, isso não é diferente com a ciência natural. Porque ela também trilha por um caminho semelhante, por meio de suas hipóteses, que, posteriormente, de acordo com as confirmações necessárias, transformam-se em teorias. Contudo, os dados da ciência natural são existentes e se direcionam, progressivamente, em direção a outros. “No postulado, pelo contrário, o ponto de partida é formado por uma valoração ou um imperativo”²¹⁵. Aqui, Pfister aproxima-se de Kant. Enquanto este postula um Legislador a partir do imperativo categórico “tu deves” (tendo esse imperativo como ponto arquimediano), aquele, ao contrário, partiu de outra perspectiva (certeza) ética, que se revelou a ele, incisivamente, por meio do contato apreciativo que ele tivera tanto pelo viés da psicanálise quanto da sociologia. Portanto, para o pastor-analista, Deus é postulado a partir desse imperativo; que, segundo ele, é:

(...) a determinação de amar ao próximo, a si mesmo e ao ideal absoluto. Nesta norma, que resulta da particularidade do ser humano, porque o seu ser contém um dever, encontrei o lugar, a partir do qual tive de inferir um absoluto como origem do ser e do dever, como aliás de todos os valores. Esta operação filosófica não é fundamentalmente outra coisa que a certeza empírica e intuitiva que Jesus tinha de Deus. É flagrante que nessa

²¹² Idem.

²¹³ Pfister, portanto, fala de outros desejos além dos que Freud falara, mas ele também não parte da ideia de que é por meio desses desejos que se origina a religião. Para o pastor-analista, Deus é um *postulado* e não o resultado de um desejo. É através da consciência do ser humano que se pode conhecer a natureza de Deus, e não a partir dEle mesmo, ou ao que se é dado ao Seu respeito.

²¹⁴ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 30.

²¹⁵ Id. Ibid. p. 30.

constatação precisa ser sacrificada à dura prova da realidade uma série de desejos da predileção pessoal, sim, até várias ‘necessidades’²¹⁶.

Pfister declara que o fundamento ontológico da destinação ao amor, no sentido mais sublime, é enfocado como intelectual e amoroso, e que isso não redundava em contrassenso. Tanto na religião, como na ciência, de certa forma, trabalha-se com a fantasia figurada, com os arautos do antropomorfismo, tanto nos seus procedimentos quanto nas suas dissimulações: “A história das ciências é uma luta incessante com antropomorfismos e outras projeções não autorizadas de fatos conhecidos sobre desconhecidos”²¹⁷. Quanto a isso, Pfister, por exemplo, relata que lera com admiração o estudo de Robitsek, lançado na primeira edição da *Imago*, cujo relato era sobre a produção científica do químico Kekulé von Stradowitz, onde este contava que a teoria da estrutura do benzeno surgiu a partir das fantasias visuais de pares de cobras dançantes.

Chega-se aqui a uma questão filosófica, a um ponto pertinente, mas também complexo, que, inclusive, Freud recusou-se a penetrar: a realidade. Enquanto este, por exemplo, entende a realidade como possibilidade de descodificação apenas pelos sentidos e estes amparados pela ciência, Pfister a entende como uma possibilidade de apreensão para além dos sentidos. Compreende-se que para Pfister, a ciência é capaz apenas de uma compreensão superficial das coisas, principalmente, quando se trata das artes e da religião; e que o desejo de tirar a realidade da subjetividade humana é uma mera *ilusão*. Como se vê:

Decididamente posso assegurá-lo com respeito à filosofia, e mesmo que se possa admitir que as ciências naturais, rigorosamente exatas, tenham uma vantagem de objetividade pura, ainda assim carecem daquilo que o criticismo empirista procurou tão apaixonada e infrutiferamente: a experiência pura, da qual ficariam eliminados os acréscimos da subjetividade humana. Ao invés disso, a abordagem das ciências naturais acaba na amarga constatação de que somente observa uma manchinha superficial, que primeiramente precisa ser admitida como uma aparência fulgurante. As cores se volatizam em “vibrações do fluido cósmico” (...) Os sons revelam-se como oscilações do ar, cuja unificação numa melodia ou sinfonia não encontra espaço nos atos ou no mundo das ciências naturais. (...) Para a mais recente crítica científica, a lei natural revela-se como um produto do desejo de que um acontecimento sempre deveria processar-se de forma igual sob as mesmas premissas (...) Se há um produto seguro nas opiniões revolucionárias das ciências naturais mais recentes e mais críticas, ele é a conclusão de que nesse campo ficamos enterrados até o pescoço nos desejos, e o pragmatismo, por mais que se torça o nariz diante dele, ao menos apresenta o lado positivo de ter desvelado o interesse do americano prático

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Id. Ibid. p. 31.

por uma exaustiva aplicabilidade da realidade, ou seja, portanto desvelou, por trás do conhecimento, o pano de fundo do desejo²¹⁸.

Então, a ciência, assim como a religião e a teologia, também se configura pelos aspectos da fantasia figurada. No entanto, Pfister alega que assim como a teologia, a religião também se sacrificou, radicalmente, ao pensamento de desejo. E diante disso, há muitos naturalistas que não veem com dificuldade a relação harmônica entre a religião e a ciência. Exceto àqueles, cuja formação acadêmica é superficial e que, portanto, “alardeiam, nas rodas de cerveja, com mais facilidade que grandes pesquisadores do nível de Freud, a incompatibilidade de ambas”²¹⁹. Quanto à crítica de Freud ao defender que, na ciência, não há confusão alucinatória enquanto na religião ela faz parte de um predicativo, Pfister admite que isso acontece, sim; não somente raras vezes, mas nas suas mais diferentes formas. Mas seria para todas as vertentes da religiosidade? Ele conclui que “o grande mestre tem perante seus olhos formas bem definidas e as generaliza”²²⁰. Para Pfister, Freud talvez tenha sido um frequentador raro dos cultos protestantes e, também, um leitor apenas visitante da teologia crítica.

Parece que Pfister tem razão ao defender que o intelecto (a racionalidade) não é essencialmente um parâmetro de valor. Principalmente diante das vicissitudes da vida, que, onde o que vale, como meio para a subsistência, são as questões práticas. Valem-se, aqui, suas palavras finais:

E não esqueçamos: hipóteses científicas podem ser recusadas. Nas questões práticas, de cuja resposta depende a construção da vida, precisamos tomar posição, mesmo quando faltam comprovações irrefutáveis. Do contrário, como se fundaria uma família, e se abraçaria uma profissão, etc.? Do mesmo modo reside também na religião uma confiança. Contudo, ai daquele que só se casa por desejo, que escolhe uma profissão e assume uma fé religiosa sem levar em conta cuidadosamente a realidade!²²¹.

²¹⁸ Id. Ibid. p. 31-32.

²¹⁹ Id. Ibid. p. 33.

²²⁰ Id. Ibid. p. 34.

²²¹ Id. Ibid. p. 35.

2.6. A religião e a razão

Para Sigmund Freud, a atrofia intelectual tem como causa a religião. Por isso, valeria a pena pleitear por uma educação livre do seu veneno²²². Segundo ele, existem apenas três respostas do crente ao ser indagado sobre o fundamento de sua crença: a) os ensinamentos merecem crédito, porque eles já eram acreditados e ensinados pelos antepassados; b) existem provas que eles foram transmitidos desde os tempos primitivos; e c) é, absolutamente, proibido levantar qualquer suspeita quanto à sua autenticidade²²³.

Quanto a essas questões levantadas por Freud, Pfister, mais uma vez, mostra-se aberto e, relativamente, solidário ao amigo, pois ele concorda que de fato, aqui e ali, podem surgir respostas rasas em relação ao fundamento da crença. Mas, segundo ele, um cristão instruído jamais se valeria desses argumentos, principalmente, os cristãos protestantes²²⁴, educados a partir de uma crítica bíblica e teológica rigorosa: “Nós, protestantes, sabemos muito bem quanto devemos à razão para a nossa religião, para que não lhe neguemos totalmente o espaço”²²⁵. O autor de Zurique traz à lembrança do leitor e, principalmente, à de Freud, que reformadores, como Lutero, Zwinglio e Calvino, cada um a seu modo, influenciaram a religião, por meio da teologia, com seus rigorosos pensamentos realistas.

Conforme Pfister, durante as suas andanças, ele jamais ouviu falar de interdição quanto aos assuntos religiosos. Pelo contrário, nas escolas e igrejas protestantes, principalmente, de cunho liberal, os alunos são instigados, por seus pastores e professores, a desenvolverem um pensamento crítico e livre. Inclusive, ele diz que, mesmo em relação aos pastores conservadores, ele pôde constatar esse tipo de orientação por parte de alguns deles. Porque “Deus ama ao sincero que tem dúvidas e de que uma fé fortalecida pela razão é muito mais valiosa que uma fé simplesmente copiada e aprendida”²²⁶.

Pfister nega-se a acreditar que Freud, de fato, pensasse que uma educação livre de religião pudesse despertar uma inteligência magnífica. Para isso, Pfister listou uma série de

²²² Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²²³ Idem.

²²⁴ É bom lembrar que Pfister fala a respeito de um protestantismo europeu; embora, geograficamente, original, ele também já vinha sofrendo algumas alterações em suas raízes, conforme as reformas protestantes propostas no século XVI.

²²⁵ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 36.

²²⁶ Id. Ibid. p. 36.

intelectuais e pensadores, das mais diferentes áreas, que não somente foram educados a partir dos princípios religiosos, como também, anuíram à interface entre ciência e religião; inclusive, com maior devoção à segunda por parte de alguns. Entre muitos, listar-se-ão alguns: área da medicina: Herrman Lotze e Wundt; da física: Descartes e Newton; da química: Justus Liebig; da biologia: Pasteur; da matemática: Leibnitz e Pascal; da geografia: Ritter; da história: Johannes von Müller ; do estado: Lincoln; da filosofia: Kant, Schelling e Hegel; e da poesia: Goethe e Schiller. Para Pfister, esses homens e uma série de outros não apresentaram nenhuma atrofia ou deficiência mental, “apesar de terem crido em Deus”²²⁷. Por outro lado, ao voltar-se para a opinião de Freud, quanto a uma educação sem religião, portadora de uma possibilidade maior de desenvolvimento intelectual, o autor de Zurique relata que, como analista, teve de lidar com pacientes sem qualquer educação religiosa, e assegura que não encontrara neles, sequer, “(...) um adicional de inteligência”²²⁸.

2.7. A religião como protetora da cultura

Sigmund Freud dissera que a religião prestou grandes serviços para a civilização humana, auxiliando no domínio dos instintos primitivos. No entanto, ela não somente foi ineficiente nessa empreitada, como também, não pôde assegurar à humanidade a felicidade e o conforto esperados. E segundo ele, ela teve tempo para isso. Porque caso a religião tivesse reconciliado o homem com a vida e, principalmente, transformado a humanidade em veículo de civilização, certamente, ninguém iria ousar mudar as condições existentes²²⁹. Oskar Pfister concorda de modo pleno com o seu amigo a respeito da falta de competência por parte da religião como policial da cultura. Mas quanto a isso, ele acrescenta: “parece-me uma felicidade que tenha sido assim, pois a religião tem coisas mais importantes a fazer que proteger a mistura de sublimidades e atrocidades que hoje se chama cultura”²³⁰.

Segundo Pfister, a religião não tem motivos para ocupar-se de coisas tão depravadas quanto às que a cultura tem apresentado. Ela não pode e nem deve comprometer-se em

²²⁷ Ib. Ibid. p. 37.

²²⁸ Id. Ibid. p. 38.

²²⁹ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²³⁰ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 39.

cultivar o estado lastimável de coisas que se encontram nela. Há tantas coisas impregnadas, no que Freud define como tudo aquilo que está acima do animal; tanta crueldade, injustiça, ganância e tantas outras coisas, que Pfister diz que no ponto onde se diferencia o homem do animal, há muita coisa que se revela vergonhosa e repugnante. Para o pastor, ao tratar-se de cultura, é necessário distinguir entre o que é bom ou o que é mau; o que vale ou não a pena. Existem coisas que merecem ser protegidas, mas também, tantas outras (o mal de forma geral) que merecem ser combatidas.

Parece-me até que o cristianismo levado a sério deve aspirar a revoluções muito profundas em relação à nossa cultura, que se mostra tão superficial e tão atrofiada de valores interiores, principalmente de valores de caráter. E o estudo da psicanálise reforçou a minha opinião. A religião não deveria tornar-se para nós uma polícia conservadora, mas guia e luz para a verdadeira cultura, retirando-nos da nossa cultura de aparências²³¹.

Da mesma forma que para Pfister a religião não é uma policial da cultura, tampouco, ela deve servir de consolo para as renúncias pulsionais, as quais a cultura exige, como Freud pensava. De nada adiantariam as algemas ou a focinheira, ao tratar-se de uma massa antissocial. Porque reprimir esses impulsos certamente é reverter aquilo que poderia ser positivo. O teórico suíço lamenta o fato de as pessoas (a cristandade) não terem entendido o Evangelho. E explica que um dos fatores que levou a mensagem de Jesus a uma caricatura, sem dúvida, conforme mostrou Freud, foi a neurose obsessiva. Segundo Pfister, a terra está em miséria, mas, de forma nenhuma, Jesus ofereceu substituí-la pelo céu. As coisas devem acontecer primeiro e serem tratadas aqui. Os ensinamentos do Mestre de Nazaré são de aplicabilidade ao próximo. Para isso, o pastor cita o sermão do Monte (Mt. 5: 24). Amparado nos ensinamentos de Jesus a respeito das questões sociais, das ações sobre o próximo, Pfister elucida e aponta algumas tarefas impreteríveis por parte da religião. Segundo ele, ela

deve desencadear as mais sublimes forças intelectuais e de caráter, fomentar as realizações mais elevadas na arte e na ciência, preencher a vida de todos, também dos mais pobres, com os bens máximos da verdade, da beleza e do amor, ajudar a vencer as aflições reais da vida, abrir caminho para novas formas mais substanciosas e autênticas de vida social. Assim pode dar vida a uma humanidade mais nobre e rica interiormente, que corresponde melhor às

²³¹ Id. Ibid. 39-40.

exigências da natureza humana e da ética do que a nossa tão glorificada não-cultura (...)”²³².

Pfister afirma, categoricamente, que “*não há realismo mais autêntico que o cristianismo*”²³³. Mas para que o leitor compreenda essa declaração, o pastor considera ser necessário que ele não se esqueça de que há outras coisas pertencentes à realidade: muito além do que pode ser captado pelos sentidos; muito além das janelas da alma. No entanto, para que isso seja assimilado, é essencial que se busque uma visão mais holística e profunda da realidade; uma filosofia de valores e, que por intermédio dela, o ser humano possa compreender que “abandonar essas realidades superiores situadas além do palpável e maciço apenas conduz a um realismo *ruim*”²³⁴.

2.8. Abordagem crítica do cientificismo freudiano

O ensaio, em análise, configura-se extremante rico. O autor desta pesquisa tem buscado, na medida do possível, extrair seus principais elementos. Aqui, neste subtópico, em especial, buscar-se-á desenvolver o conceito de *ciência* para Sigmund Freud e Oskar Pfister. Considera-se importante trazer os contornos dessa concepção de um e de outro, para que o leitor compreenda um dos motivos que impossibilitaram Freud a não observar a realidade além-mundo, que, para Pfister, é fundamental para a felicidade e bem-estar do homem; pelo menos para aqueles que creem, conforme se tem visto até aqui.

De imediato, o teórico de Zurique diz que Freud, ao tratar de ciência, apenas inclui o método *empírico*. Logo, surpreendentemente, o pastor agradece a Deus por seu amigo ser *positivista*. Diante disso, surge uma pergunta: Por que Pfister, como pastor, agradeceria a Deus pelo fato de Freud ser positivista? A resposta dele é simples e direta: porque “Sem a sua dedicação concentrada no empírico, ele não se teria transformado no grande desbravador”²³⁵.

²³² Id. Ibid. p. 40. (Destaque feito pelo próprio teórico).

²³³ Id. Ibid. p. 41. (Destaque feito pelo próprio teórico).

²³⁴ Idem.

²³⁵ Idem. Esta passagem faz lembrar a pergunta feita por Freud a Pfister: “(...) por que nenhum de todos (os) devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu?” FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009 p. 84. (O artigo entre parênteses foi acrescentado pelo autor desta pesquisa). À pergunta, Pfister responde-lhe: “Ora, porque devoção ainda não significa gênio descobridor, e porque os devotos em boa parte não foram dignos de produzir estes resultados.”

Segundo Pfister, ao mesmo tempo em que Freud tenta estrangular a ilusão religiosa, ele também, sem perceber, edifica o messianismo científico, cuja ilusão também se faz presente e se amplia.

Segundo Pfister, Freud incrementou, em seu positivismo, o isolamento, além do que era usual, sobre o conceito de ciência em relação à filosofia. Para o pastor, o empirismo do criador da psicanálise era extremamente diferente daquele dos ingleses; porque estes, apesar de apoderarem-se do mundo da experiência com precisão, concomitantemente, permitiam, em ato, a condução por parte do instinto natural e da consciência, e não mais da ciência. Ele também se lembra de John Stuart Mill²³⁶, que embora tenha sido educado sem religião, assim, como os demais empiristas ingleses, apoiava-se na religião.

Pfister aponta para o que Freud entende por *ciência* e até que ponto vai o seu otimismo em relação a ela. O que o pastor deixa claro é que não restam dúvidas que o autor de Friedberg apresenta, em sua atitude, no que tange à vida anímica, uma decidida refração à filosofia. No entanto, o pastor surpreende-se ao descobrir que seu amigo valida a *teoria do conhecimento*, na medida em que se possa responder o questionamento, se é possível ou não, experimentar algo, advindo da realidade externa. Segundo Pfister, Freud entende que compete ao homem somente versar sobre o mundo sensível. Mas aquele, por meio de um questionamento, esclarece a natureza da ciência, que é “decompor o mundo perceptível e contrapor-lhe abstrações”²³⁷, para que, então, estas proporcionem o entendimento do mundo dos sentidos. Pois para ele, por exemplo, não se assimila a causalidade, olfativa ou oticamente; mas, pela compreensão, ela é inserida nas aparências.

Pfister deixa claro, nessas arguições, que embora o *aparelho anímico perceptivo* deva ser considerado por toda e qualquer investigação, ao tratar da natureza do mundo, conforme Freud, de maneira alguma, ele pode servir como elemento infalível. Para o teólogo, por exemplo, não se pode medir a temperatura, sem confiar no termômetro. Ele chama a atenção para os labirintos científicos que, amiúde, o homem adentra, quando apreende, sem a menor reflexão, os conceitos da teoria do conhecimento e da metafísica; e, que, a ciência natural, sedutoramente, evidencia-os de forma enganosa. Aqui, o teórico de Zurique faz o leitor lembrar-se de como a ciência natural foi equivocada no seu conceito de lei natural, em relação

PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 84.

²³⁶ Filósofo e economista inglês (1806-1873), um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX.

²³⁷ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 44.

aos equívocos de atmosfera, de átomo, e etc. Enfatadamente, ele assegura, que “não há ciência natural sem metafísica, nunca houve nem haverá”²³⁸. Ele, inclusive, relata que, por alguns semestres, procurou pela “experiência pura”, ao passar pela escola do criticismo empírico, na esperança de obter um conhecimento da realidade, totalmente, livre da subjetividade. Mas

que vã tentativa! O mundo só nos é acessível através da nossa organização anímica, isto é, não apenas pelos portões dos nossos sentidos, que na realidade ainda não possibilitam nenhum conhecimento. Nossas categorias de pensamento, independente de as pensarmos à maneira de Kant ou de outro, sempre interferem. Por isso temos de fomentar a crítica epistemológica. (...) Quem teme abstração precisa tirar as mãos da ciência²³⁹.

Para Pfister, não é possível, ao tratar das questões religiosas, desconsiderar as questões básicas da teoria do conhecimento. Como também, não é possível assegurar a inexistência da vontade e sentimentos universais, pois se cairia num dogmatismo negativo. Mais uma vez, o pastor evidencia a importância da filosofia, para tratar dessas questões. Pois, “quando se acredita que a filosofia é uma mania de cabeças distantes da vida e da realidade, cabe referir ao fato de que a história da filosofia exhibe uma série de nomes brilhantes (...)”²⁴⁰. Aqui, ele traz um exemplo do cientista Driesch²⁴¹, que atuou por vinte anos nas ciências naturais, em que foi exaltado e coroado, mas que não deixou de transitar para a filosofia, juntamente com outros nomes. Isso mostra, portanto, que a filosofia não é, de modo algum, uma mania ou uma quimera, mas uma realidade que não pode e nem deve ser descartada.

²³⁸ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 45.

²³⁹ Id Ibid. p. 45.

²⁴⁰ Id. Ibid. p. 46.

²⁴¹ Hans Adolf Eduard Driesch: “Embriologista experimental e filósofo alemão nascido em Bad Kreuznach, Prússia, hoje na Alemanha, famoso por seus trabalhos em *embriologia*, *parapsicologia* e *vitalismo*, doutrina que afirma a necessidade de um princípio irreduzível ao domínio físico-químico para explicar os fenômenos vitais. Filho de um bem sucedido joalheiro de Hamburgo, recebeu educação humanista de seu pai e foi educado em um ginásio fundado por um amigo de Martinho Lutero. Desde criança demonstrou interesse por zoologia e formou-se em química e física em Jena e outras universidades como Hamburgo e Freiburg. Defendeu um doutorado em Jena (1887), sob orientação de Ernst Heinrich Haeckel, com um trabalho em filogenia, um ramo especial da teoria evolucionária. Nos dez anos seguintes trabalhou extensivamente na estação experimental internacional *Zoological Station*, em Nápoles, pesquisando em embriologia marinha. Depois de grandes sucessos em embriologia tornou-se *vitalista* (1895) e passou a morar em Heidelberg, onde continuou seus experimentos em embriologia, até que resolveu se dedicar a filosofia natural (1909) e ensinou filosofia em Heidelberg (1912), Cologne (1919) e Leipzig (1921). Obrigada a se aposentar pelo governo nazista (1935), continuou a escrever até sua morte e faleceu em Leipzig, Alemanha.” Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/HansAdo1.html>> Acesso em: 15 maio 2013.

A expansão do poder e o acréscimo de felicidade, por meio do conhecimento²⁴², conforme Freud, são recebidos por Pfister com ressalvas. Ele considera Freud um homem seguro quanto às suas ideias e, portanto, cumpridor dos seus prognósticos científicos. Contudo, ele também considera que Freud tenha feito afirmações além de um dado real. Caso o homem, por exemplo, conquiste o poder através do conhecimento, isso se daria até que ponto? Para o teórico da religião, a humanidade poderia ter a ruína da cultura, como consequência da expansão de um poder arbitrário, pois “seria impensável que uma cultura guiada somente pela ciência sucumbirá às paixões selvagens, depois que a guerra mundial desvelou a barbárie oculta nas profundezas dos povos?”²⁴³. Ele chega à conclusão de que, na verdade, o prognóstico científico de Freud é baseado “em uma simples dedução por analogia”²⁴⁴, e, que, portanto, não é segura. Até porque, mesmo com o avanço das ciências, a humanidade não ganhou a alegria de viver; pelo contrário, Eduard von Hartmann²⁴⁵ e tantos outros mostraram que a miséria multiplicou-se com o desenvolvimento delas.

Quanto à humanidade suportar com resignação as contingências do destino²⁴⁶, segundo teoriza Freud, o pastor salienta que isso já era feito num tempo longínquo, num período sem ciência. Para ele, a resignação não é detentora da última palavra. E, que, mesmo grandes cientistas, no auge da carreira, em meio ao desespero, atentaram contra a própria vida. Outros se apresentaram diante da vida com ódio, outros se anestesiaram, em excessos, dos mais variados tipos, etc. Parece que no lugar da ilusão religiosa, Freud deseja que surja uma ilusão científica. Pfister conclui que o amigo, ao dizer que a ciência não é uma ilusão, e, que, ilusão seria achar que o que a ciência não pode oferecer ao homem, este poderia encontrar em outro lugar²⁴⁷, é, na verdade, a profissão de fé de Freud. E diante disso, o pastor, então, é categórico quanto ao seu posicionamento:

Por mais que eu acompanhe Freud com alegria e entusiasmo no maravilhoso caminho da sua ciência experimental, neste ponto é impossível para mim,

²⁴² Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²⁴³ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 47.

²⁴⁴ Id. Ibid. p. 47.

²⁴⁵ Filósofo alemão (1842 – 1906), conhecido como “filósofo do inconsciente”, já que em sua metafísica ele busca conciliar duas correntes contrárias de pensamento: o racionalismo e o irracionalismo, atribuindo ao inconsciente o papel central.

²⁴⁶ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²⁴⁷ Idem.

manter o passo com ele. Aqui, o brilhante intelecto de Freud excede-se num intelectualismo, o qual, extasiado pelos seus sucessos, esquece seus limites. Nós pessoas, não somos apenas aparelhos de pensar, somos entes vivos, sensitivos e volitivos. Precisamos de bens e valores, necessitamos de algo que satisfaça nossas emoções, anime nosso querer. Também o pensar precisa nos oferecer valores (...). (Pois) é sabido que o intelecto não é capaz de atribuir valores. (...) A ciência carece da capacidade de avaliar grandezas estéticas e éticas²⁴⁸.

Parece que Pfister não vê em Freud, no que diz respeito ao conceito de *ciência*, nenhum espaço para os *valores afetivos*. Embora aquele sempre os veja evidenciados na vida do nobre amigo. Sem dúvidas, é um fato que surpreende o teólogo, pois foi o próprio criador da psicanálise quem provara a existência de uma consciência que julga ou recompensa; do sentimento de culpa; do real significado da valoração; dos afetos; das pulsões. Pfister, também, interroga-se, surpreso, pela ausência da *arte* no edifício científico freudiano. Seria ela apenas um sinal de fraqueza, de falta de análise? Poderia, mesmo, a ciência substituí-la com seus achados? A arte deveria, mesmo, desaparecer? “Ó, feliz quem ainda é capaz da esperança de emergir desse mar do engano! (...) Como fico horrorizado diante de um Estado de eruditos privado da arte!”²⁴⁹.

Para Pfister, a ciência precisa ter consigo, além do raciocínio lógico, a finalidade ética, para que não seja reduzida em mero engano, em dúvida e, talvez, em decadência. Ele lembra que o homem não se encontra mais no solo socrático da doutrina de que saber, em si, é poder. Como exemplo, ele traz à tona a dificuldade do alcoólatra, que, mesmo cômico de que será destruído pelo vício, não consegue libertar-se dele. O raciocínio lógico ou a tomada de consciência não basta. Nem mesmo o conhecimento da dinamicidade do inconsciente é capaz de libertá-lo, pois o próprio “Freud nos ensina que as pulsões aprisionadas igualmente precisam ser redimidas na *transferência*”²⁵⁰.

Em se tratando dos aspectos práticos da vida, o intelecto é apenas, minimamente, importante. Não é fundamental. Pfister lembra que, Alexander von Otingen, numa pesquisa percentual, mostrou que o número de criminosos é maior entre os eruditos que entre os de média intelectualidade. Ele lembra, também, que o objetivo, ao criar a escola pública, era diminuir a criminalidade. Vê-se isso hoje? Para o pastor-analista, vale notar também, que a

²⁴⁸ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 48-49. (A conjunção entre parênteses foi acrescentada pelo autor desta pesquisa).

²⁴⁹ Id. Ibid. p. 50.

²⁵⁰ Idem. (Destaque feito pelo próprio teórico).

mentalidade mesquinha é acentuadamente presente entre os acadêmicos. Parece que o autor de Zurique faz o leitor refletir consideravelmente a respeito dos limites do cientificismo freudiano; da impossibilidade de, por meio da ciência e da técnica, produzir a complementação das forças éticas. De fato, para Pfister, a ciência não poderá substituir a religião, pelo simples fato de que esta

(...) é o sol que gerou o mais belo florescer da arte e a colheita mais rica da mentalidade ética. Toda arte magnífica e portentosa é oração e oferta perante o altar de Deus. Deus, que para o filósofo da religião é o fundamento real dos ideais, é para o devoto o fundamento ideal do seu real agir, é o Espírito de Pentecostes que desce em línguas de fogo sobre a terra, o Revelador, cujo 'haja luz' também ilumina com ofuscante claridade as trevas das mentes humanas. Aquele que pudesse destruir a religião perfuraria a raiz-mestra da grande arte que revela o sentido mais profundo e as mais elevadas forças da vida²⁵¹.

A história do cristianismo tem mostrado que a *moral* tem sido construída, como pilar fundamental, *na* religião. Por meio da fé devota é que os juízos éticos têm sido acolhidos. Segundo Pfister, os avanços éticos mais sublimes “apenas puderam iniciar como religião”²⁵². Ou seja, não iniciaram com os cientistas, mas, tão somente, com os fundadores da religião. Assim como Freud, o jurista Kelsen²⁵³, também era positivista, e Pfister diz que, ao ouvi-lo, num debate aberto, ele dissera que o positivismo não era capaz de criar, nem mesmo, uma legislação. Diante disso, o pastor conclui, então, que, tampouco, ele é capaz de iniciar um sistema de doutrinas éticas. Portanto, ao criar-se uma ciência empírica, não haverá espaço para os conceitos éticos, pois estes demandam um aspecto dinâmico da vida. Os cientistas precisam compreender que os conceitos inflexíveis não constroem ou não impetram uma geração de vida moral. Pois

a religião, com seus símbolos em parte sublimes, em parte encantadores, com seu esplendor poético e suas avassaladoras interpretações da realidade, com seus personagens arrebatadores, que atraem por suas ações e seus sofrimentos comoventes e que por suas falhas e fraquezas alertam por um lado e por outro novamente insuflam ânimo na pessoa abatida para novas forças perseguir seu ideal, a religião com suas gigantescas bases metafísicas e perspectivas de futuro, com sua sanção divina dos mandamentos morais e sua mensagem de redenção, que antecipa algumas das mais significativas

²⁵¹ Id. Ibid. 51.

²⁵² Idem.

²⁵³ Hans Kelsen (1881- 1973) foi jurista e filósofo austríaco, um dos pensadores mais importantes do século XX.

conquistas da psicanálise, a religião com suas exigências que superam toda a resistência do mundo empírico pela certeza de um compromisso e uma aliança maiores, em suma: todo este mundo do ideal, que apenas tem certeza de ser expressão de uma realidade superior, suprema, e que com facilidade pode acolher todas as dádivas da ciência, mas que acrescenta uma plenitude de outras riquezas, de bens e forças vitais, é uma educadora que de forma nenhuma visa a substituir a ciência e suas teorias. Contudo, se a fé fosse inverdade, teríamos de combatê-la apesar de suas realizações. É melhor ir ao inferno com a verdade que ao céu à custa de mentiras!²⁵⁴

Freud, em dado momento, exaltou a religião como proteção contra as neuroses²⁵⁵; bem como, reconheceu o acentuado crescimento das neuroses com o enfraquecimento das religiões²⁵⁶. No entanto, Pfister, em contrapartida, reconhece, também, que, no meio dos religiosos mais devotos, há uma imensa parcela de histéricos e obsessivos neuróticos. O que deve ser observado, segundo o pastor, é a devoção que será apreendida por parte do religioso; ou seja, a forma ou a intensidade que essa devoção será construída. O que não deixa a menor dúvida para o teólogo, é que o “evangelho genuíno constitui uma proteção indispensável contra o perigo das neuroses”²⁵⁷.

Quanto ao campo da religião, Pfister diz que, de maneira alguma, ele expôs todos os seus predicativos. Há na religião, muitos outros aspectos, além da moral; do entusiasmo em favor da arte; da proteção contra as neuroses. A religião ocupa-se do sentido e do valor da vida; da liberdade por meio da graça; do amor a Deus e ao próximo. Parece que de acordo com a concepção de Pfister, tanto o não-religioso quanto o não-artístico são incapazes de vislumbrar o mistério e, portanto, são impedidos de contemplar os prazeres que a alma oferece. Mas isso é compreensível, porque o pastor lembra ao leitor as palavras do apóstolo Paulo, em sua segunda carta, à Igreja de Tessalônica (3:2): “A fé não é de todos.” E segundo ele, a fé não é “apenas uma imaginação, mas uma comoção de todo interior da pessoa”²⁵⁸.

Pfister considera relevante que o pensamento realista cresça e se desenvolva. No entanto, que isso aconteça até a marca-limite que a realidade estabelece. Para o teólogo reformado, uma religião somente pode ser considerada inteligível e madura, quando houver uma

²⁵⁴ Id. Ibid. p. 52-53.

²⁵⁵ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²⁵⁶ Cf. FREUD, S. *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1910).

²⁵⁷ PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 53.

²⁵⁸ Id. Ibid. p. 54.

interação entre *fé* e *ciência*. Onde o pensamento de desejo e o pensamento realista interpretem-se e se compreendam. Contudo, essa relação harmônica, entre os pensamentos, não poderia esvaziar a religião da sua essência, já que o cristão teria que negar ou rejeitar algumas intervenções na natureza, que outrora, certamente, seria de origem Divina? De modo nenhum. Pfister assegura que o cristianismo não seria afetado por causa disso, tampouco a fé do crente. Pelo contrário, o verdadeiro cristão, amadurecido, autônomo, será capaz de examinar, por meio da sua devoção, o entendimento ético das situações que o cercam, e contestar ou banir o que for necessário, sem ter que se desfazer da fé e, sobretudo, do Livro Sagrado. Pois diante disso,

a *Bíblia* não se tornou menor para nós, mas mais maravilhosa, desde que não mais a consideramos um papa de papel e oráculo infalível, como base legal para processos contra hereges, e sim, em virtude da liberdade evangélica, a submetemos à crítica mais inexorável²⁵⁹.

O autor desta pesquisa está convencido da profundidade e da riqueza da obra *A ilusão de um futuro*. Cada página mostra a vitalidade e o entusiasmo do autor suíço em relação à sua causa, que é mostrar o princípio norteador da vida, conforme mostram os ensinamentos de Jesus e do cristianismo protestante reformado. Indubitavelmente, a principal crítica que Oskar Pfister faz a Sigmund Freud é a falta de conhecimento ou descaso, por parte deste, em relação à filosofia. Para o pastor, seu amigo estava, sem perceber, introduzido, indeliberadamente, no campo filosófico. Devido ao fato de Freud apresentar um intenso envolvimento com o iluminismo do século XVIII, ele não pôde contemplar os aspectos positivos da arte e da religião. Quanto à arte musical, por exemplo, Peter Gay diz que Freud gostava de ópera, porque ela apresenta apenas um texto e uma história; e isso sensibilizava a sua alma²⁶⁰. E para Pfister, quem não gosta ou não entende o valor e a beleza da arte, tampouco, pode compreender o fenômeno religioso.

Freud compreendia a realidade apenas pelo prisma das ideias, conforme ele escrevera a Romain Rolland, em *O Mal-estar na civilização*. Infelizmente, ele entendia a arte apenas como um meio de o homem aproximar-se do mundo do desejo e fugir da realidade. Diferente de Pfister, que a considerava uma realidade intrínseca a todo ser humano. O teórico de

²⁵⁹ Id. Ibid. p. 55.

²⁶⁰ Cf. GAY, P. *Uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Friedberg, em suas obras, ao tratar-se de religião, discorreu a respeito de suas mazelas e neuroses; bem como, de suas experiências amargas em relação a ela. A religião para Freud era o refúgio dos doentes; como também, daqueles que se mostravam inseguros diante das vicissitudes da vida. Ele não mencionou as mais belas obras de arte promovidas pela religião. Na concepção de Pfister, esta, quando bem apreendida, é uma fonte de vida; um bálsamo para os conflitos; e, portanto, uma proteção contra as neuroses. O filósofo Olinto A. Pegoraro, em pronunciamento na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, corrobora as palavras do pastor reformado, quando diz que

a imensa maioria dos crentes é formada de pessoas psiquicamente equilibradas para as quais a religião não é um mero refúgio contra o sentimento de insegurança psicológica ou o pavor das forças da natureza; pelo contrário, a religião é fonte de vida, luz que ilumina os passos do crente; estas são pessoas que, inspiradas na fé, prestam com alegria grandes serviços à humanidade na área da saúde, educação, incentivando a todos a formarem uma visão positiva e otimista da vida pessoal e sociopolítica, numa palavra, para esta gente, a religião não é um esconderijo, mas um palco de grandes realizações²⁶¹.

Conclui-se, portanto, que tanto Freud quanto Pfister apresentam suas razões quanto às influências da religião na cultura e no sujeito. Portanto, nas palavras do pastor: “Unem-se, pois, *O futuro de uma ilusão* e *A ilusão de um futuro* numa mesma fé sólida, cujo credo é: *A verdade vos libertará!*”²⁶².

²⁶¹ PEGORARO, O. *Freud, Ética e Metafísica*: o que ele não explicou. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 77-78.

²⁶² PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão*: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 56.

3. UMA RECEPÇÃO DOS CONCEITOS DE ILUSÃO E SUBLIMAÇÃO, A PARTIR DE CARLOS DOMINGUEZ MORANO E ANTOINE VERGOTE

Talvez devêssemos renunciar à questão, sempre latente no diálogo entre Freud e Oskar Pfister, de se o homem pode ou não crer em Deus e interrogar-se sobre as modalidades segundo as quais cada um reconhece o que define sua própria consciência, Verbo ou Destino, Logos ou *Ananké*²⁶³.

O diálogo rudimentar entre Sigmund Freud e Oskar Pfister inquestionavelmente trouxe uma nova forma de pensar o homem e a experiência religiosa. O encontro entre ambos foi fundamental para uma reflexão a respeito da interface entre psicanálise e religião. Embora com mudanças de ênfase, a temática psicanálise e religião perdura até o dia de hoje. Esse diálogo proporcionou um rico material de opiniões, ideias e teorias; bem como dúvidas e interrogações; inclusive para o próprio pai da psicanálise. “Pfister afigurou-se para Freud como uma oportunidade para esclarecer um debate, de que tanto necessitava, não apenas com a religião como, através dela, consigo mesmo”²⁶⁴. Tanto um quanto outro, apesar de terem deixado um material abundante para reflexões, também deixaram a desejar em alguns pontos sobre os conceitos de ilusão e sublimação para a compreensão e a formação do fenômeno religioso. “Permanecem pendentes, com toda a sua vigência, uma série de questões importantes suscitadas nesse encontro, como a crítica de Pfister aos conceitos freudianos de ilusão e realidade, e a crítica ao seu conceito pobre de sublimação (...)”²⁶⁵. Portanto, este capítulo propõe refletir justamente a respeito desses conceitos: *ilusão* (e realidade) e *sublimação*, respectivamente, de acordo com Carlos Dominguez Morano e Antoine Vergote. Além de pontos para um diálogo entre psicanálise e fé religiosa.

²⁶³ Widlöcher *apud* MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 225.

²⁶⁴ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 183.

²⁶⁵ Id. *Ibid.* p. 192.

3.1. O diálogo entre a psicanálise e a fé religiosa

Alguns grupos psicanalíticos ortodoxos, com argumentos unilaterais e, muitas vezes, simplórios, apresentam a psicanálise somente como um instrumento contrário à religião. Com discursos meramente cientificistas, estes deixam de observar o que a psicanálise poderia contribuir com a metapsicologia do fenômeno religioso; bem como elucidar alguns pontos necessários de uma contribuição favorável da religião para com a própria metapsicologia psicanalítica. Como elucidam Maciel e Rocha, num artigo questionador:

Ao longo da história do movimento psicanalítico, houve uma vulgarização ou uma divulgação do pensamento de Freud sobre a religião nos seguintes termos: “a religião é a neurose obsessiva da humanidade”, “a religião é uma ilusão”, ou ainda, “a religião é inimiga da ciência”. Por outro lado, foram desvalorizadas e esquecidas determinadas contribuições da psicanálise freudiana que poderiam enriquecer a compreensão metapsicológica do fenômeno religioso²⁶⁶.

Da mesma forma que alguns pesquisadores encontram na psicanálise formas de destacar a ineficácia e a mera ilusão da religião na vida do ser humano, outros, entretanto, podem encontrar, por intermédio desse mesmo método, as reais possibilidades de satisfação emocional através do religioso. Conforme o próprio pai da psicanálise:

Na realidade, a psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial (...) Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas²⁶⁷.

De acordo com as palavras supracitadas, fica evidente que Freud reconhece que sua investigação psicanalítica, a respeito da religião, não tem nenhum tom de palavra final em relação à interface psicanálise e religião. É interessante deixar bem claro que a psicanálise não pretende ser uma religião e, tampouco, uma ciência. A psicanálise, bem como nenhum outro

²⁶⁶ MACIEL, K. D. de S. A.; ROCHA, Z. J. B. *Freud e a Religião*: possibilidades de novas leituras e construções teóricas. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400007>. Acesso em: abril de 2012.

²⁶⁷ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Obras completas, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927), p. 45.

campo do conhecimento, não pode elucidar quaisquer pontos de verdade definitivos e completos sobre o fenômeno religioso.

Diante disso, psicanalistas e pesquisadores da religião devem buscar formas plausíveis de conexão, mas que não sejam fundamentadas num absoluto ou numa resposta *prêt-à-porter*. Mas que se aproximassem da interrogação, seguidas de uma pesquisa nem *outsider*, nem *insider*. Porque o objetivo permanente de uma pesquisa indubitavelmente deve ser a imparcialidade. A posse da certeza de uma verdade exclusiva seguramente não tem interesse nenhum pelo diálogo.

Existem religiosos que se relacionam com o Sagrado não enquanto certeza, mas enquanto mistério, e incorporam nessa vivência toda a multiplicidade de variações que nos constituem enquanto sujeitos humanos. De outra parte, existem psicanalistas com a clara compreensão de que a existência não se encerra nos limites do campo freudiano e existem dimensões de beleza e verdade para além do muro da linguagem²⁶⁸.

Enquanto a religião deseja abraçar o infinito, divino, absoluto, Deus; ou seja, relacionar-se com o transcendente, a psicanálise deseja manter-se distanciada, pois não é o seu objeto de estudo. Entretanto, ela não deve ocupar somente um posicionamento iluminista, ou seja, manter-se distanciada a ponto de não querer nenhuma proximidade, adotando uma posição distante. Porque como método investigativo, ela deve buscar compreender o âmago desta primitiva relação do homem com o Divino.

A religião e a psicanálise são formas de conhecimento distintos, independentes e, no entanto, complementares. Neste trabalho, buscam uma possível interação para compreender a estrutura fundante do indivíduo, enquanto ser-no-mundo. De fato, como se tem visto aqui, essa interface é possível. Porque o próprio Freud diz que “A psicanálise em si não é nem religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores”²⁶⁹.

²⁶⁸ NETO, J. L. F. Freud perante uma experiência religiosa: Interloquções possíveis. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 84.

²⁶⁹ FREUD, S. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Traduzido por WONDRACEK, K. H. K. e JUNGE, D. FREUD E. L. e MENG, H. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 25.

Assim, pode-se considerar que há entre a psicanálise e a religião uma diferença que não é paradoxal; bem como uma autonomia que não é excludente. Pois são áreas do conhecimento e, como tais, estão longe de uma verdade absoluta, ideal. Portanto, elas buscam nesta pesquisa, por meio da interface, importantes contribuições. Explorar o objeto de estudo da psicanálise: o inconsciente, no campo do sagrado, faz-se valioso para desmistificar e ou até mesmo substanciar conceitos ou imagens que ainda se encontram informes.

3.2. Uma visão crítica do conceito de *ilusão*, segundo Carlos Dominguez Morano²⁷⁰

Tratar de futuro é tratar de ilusão. A partir disso é compreensível que esse conceito tenha feito parte de modo tão peculiar nas obras de Sigmund Freud e Oskar Pfister, conforme se viu nos capítulos anteriores. A palavra *ilusão* é formada a partir do latim, *in* mais *ludere*, e significa *jogar dentro*. Como um jogo, uma brincadeira, que ocorre no mundo interno. Assim, diante dessa etimologia, entende-se que a ilusão é como um jogo e que imaginar ou criar seja uma necessidade. Portanto, pensar-se-á aqui o *eu* como um teatro, onde cenas são delineadas e que de certa forma marcam e constituem a realidade psíquica.

A proposta de Pfister trouxe aspectos importantes para a psicanálise a respeito de ilusão. Segundo ele, o pensamento realista e o desejo podem conviver em muitas situações da vida, inclusive na ciência²⁷¹. A ilusão, apresentada por Freud como um confronto com a realidade²⁷², passou a ser considerada como um instrumento de desenvolvimento humano e de

²⁷⁰ Carlos Domínguez Morano é doutor em Teologia pela Universidade de Granada e também doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Madri. Licenciou-se em Filosofia Pura pela Universidade de Valência e em Psicologia pela Universidade de Madri. Formou-se em psicanálise no Centro L'A.M.A.R., de Paris, e no Instituto de Psicoterapia Analítica *Peña Retama*, de Madrid. Morano é professor de Psicologia da Religião na Faculdade de Teologia de Granada e psicoterapeuta no Centro Francisco Suárez, onde realiza também um trabalho formativo com profissionais de saúde mental. Suas obras abordam a problemática entre psicanálise e fé cristã, tais, como: *El psicoanálisis freudiano de la religión*. Madri: Ed. Paulinas, 1991; *Creer después de Freud*. Madri: Ed. Paulinas, 1992; *Experiencia mística y psicoanálisis*. Santander: Sal Terrae, 1999; *Psicoanálisis y Religión: diálogo interminable*. Madrid: Trotta, 2000; *Psicodinámica de los Ejercicios Ignacianos*. Santander: Sal Terrae, 2003; e *Experiencia cristiana y psicoanálisis*. Córdoba: EDUCC, 2005. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=404&secao=196> Acesso em: 12 mar 2014.

²⁷¹ Cf. PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

²⁷² Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

saúde psíquica. O próprio Winnicott²⁷³ a compreendeu como uma fonte de criatividade, em que o homem brinca com a realidade, como num jogo. A ilusão seria, pois, como um caminho para a realidade e não um obstáculo. Ela se faz importante para que o homem se insira no mundo da experiência e encontre na realidade um sentido. Segundo Morano, o conceito de ilusão foi questionado por outras abordagens psicanalíticas como Julia Kristeva, da escola de J. Lacan. Segundo ele, essa autora por exemplo compreende que

a função do analista é despertar o imaginário e possibilitar um mundo de ilusões. Na realidade, a posição do analista, diferentemente da de Freud, consistiria em restituir todo o valor terapêutico e epistemológico à ilusão, ainda que para essa autora isso não signifique um convite nem à fé religiosa nem ao ateísmo²⁷⁴.

A ilusão e a crença configuram-se como elementos indispensáveis para a dinâmica do aparelho psíquico. Para J. B. Pontalis, “apenas os mortos não creem”²⁷⁵. E “crer equivale a (justamente) não querer morrer”²⁷⁶. Segundo Morano, Pontalis faz uma significativa observação, ao dizer que a expressão *eu creio* na verdade não se diz, pois vem antes do predicado. Crer, ilusão e realização de desejos estão implicados nas decisões e escolhas de todo ser humano. Isso inclui a própria psicanálise. Não se opta por estudá-la por razões puramente lógicas. Ela seduz, persuade com a sua surpreendente e envolvente história dos desejos inconscientes, sobretudo “o desejo de se ter um pai”²⁷⁷. Atrela-se à crença, à ilusão. Esta, ao contrário do que pensa Freud, deveria ser não somente compreendida, mas defendida:

Creio que a essência de toda fé religiosa consiste em formar ilusões sobre a realidade. Isso quer dizer: a fé não se satisfaz com a realidade que encontra diante de si, tal como ela é; não se dando por satisfeita, situa-se um pouco fora da realidade. Pois bem, isso não me parece algo que podemos desqualificar simplesmente como pensamento quimérico ou infantil. Longe disso, tenho a impressão de que necessitamos, e até urgentemente, dessa atitude para com o futuro e para o seu domínio²⁷⁸.

²⁷³ Cf. WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: José O. de A. Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

²⁷⁴ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 217.

²⁷⁵ PONTALIS, J. B. *apud* MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 217.

²⁷⁶ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 218. (Palavra entre parênteses acrescentada pelo autor desta pesquisa).

²⁷⁷ Id. *Ibid.* p. 218.

²⁷⁸ SCHARFENBERG, J. *apud* MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 218.

Evidentemente que isso não se dá de forma leviana. Pfister, em *A ilusão de um futuro*, ressalta que o desejo pode estar em plena conformidade com a realidade. Dialeticamente ele impulsiona o ser humano para ela, de maneira temporal, convenientemente; de forma que a realidade lapida-o, organiza-o. A palavra *ilusão* na verdade, diferentemente de outros idiomas, revela, por exemplo, no espanhol, além do significado comum de engano, miragem e etc., a expectativa pela fantasia, imaginação. Segundo Morano, no *Diccionario de uso Del español*, de María Moliner, a ilusão é definida, como: “Imagem formada na mente de uma coisa inexistente tomada como real, (...) alegria, felicidade que se exprime com a posse, contemplação ou esperança de algo”²⁷⁹. Portanto, a ilusão pode por um lado ser um produto do mero desejo quimérico, mas por outro, também pode ser a manifestação desse desejo em conformidade com a realidade. O conteúdo semântico de *ilusão* revela-se importante para que se possa refletir a respeito da ambivalência desse termo²⁸⁰. Segundo Morano,

a partir de sua etimologia latina que a relaciona com o jogo (*illusio* procede de *illudere*, cuja forma simples é *ludere*, jogar), foi progressivamente adquirindo o caráter de engano. É o que observamos no Tesoro de La Lengua Castellana o Española de Sebastián de Covarrubias de 1611 (“coisa na aparência diferente do que é”) e é assim que adquire força em toda literatura barroca do Século de Ouro, especialmente na linguagem da ascética e da mística. O demônio é um mestre na arte de criar ilusões e torpes enganos para a alma incauta²⁸¹.

Conforme destaca Morano, auxiliado por María Moliner, a ilusão também possui um sentido positivo, relevante. E lembra que *ter ilusão* não significa *iludir-se*; bem como *não ser um iludido* não equivale a viver *desiludido*. A realidade é pessoalmente interpretada. A maneira como o ser humano vai compreender a (sua) realidade dependerá da forma de *iludir-se* ou de *desiludir-se*. A ilusão trará por parte do homem a contemplação, o espetáculo; ou o

²⁷⁹ MOLINER, M *apud* MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 219.

²⁸⁰ De acordo com Morano, Julián Marías, em sua obra *Breve tratado de la ilusión*, trata da evolução semântica do uso da palavra *ilusão*, no espanhol, a partir do Romantismo, e da demora, por parte dos lexicógrafos, ao apreender e adotar o uso em seus dicionários. Morano relata que segundo Julián Marías, Esponceda é quem descobriu o novo significado da palavra *ilusión*. Em 1845, o *Nuevo Diccionario de Salvá*, bem como o *Diccionario de la Sociedad Literária* mantinham o sentido de *engano*. Ressaltando que até hoje, o Pequeño Larousse traz o significado de “erro dos sentidos ou do entendimento”. O primeiro registro do novo sentido surgiu no *Diccionario Nacional*, de Dominguez. Aqui, a palavra *ilusión* é tida como: “Objeto concebido pela fantasia, criação imaginária, deleitável, que aumenta a autoestima, e faria a felicidade do indivíduo caso se realizasse, mas que quase sempre beira o impossível.” Essa tradição lexical perdeu-se, somente resgatada por María Moliner, em 1967, reincorporando o duplo sentido, tão importante para a realidade do ser humano. Até 1982, o *Diccionario de la Real Academia Española* não havia incorporado o sentido positivo da palavra *ilusão*.

²⁸¹ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 219.

enfrentamento, a negação. Vai depender de suas expectativas (desejos) em relação ao futuro; caso no presente elas não lhe forem cumpridas. É a força da ilusão de antecipar. Fantasiar no momento vigente o que ainda *não tem* ou *não está*.

Diante disso, Morano observa que a ilusão não necessita ser reduzida ao desejo. Ele se apoia em Julián Marías, ao dizer que o desejo é apenas uma condição necessária para a ilusão, mas que ainda não é suficiente. Porque esta apresenta um argumento a mais; além de revelar um caráter dramático. Claro que isso muda a configuração, a perspectiva diante da vida. Como já havia ressaltado Pfister, não é possível viver sem ilusões, pois o pensamento realista e o desejo constituem parâmetros essenciais para a existência do homem²⁸². Portanto, o significado positivo de ilusão é fundamental para que se entenda a importância da ilusão para a vida psíquica.

Morano chama a atenção para o campo semântico de valor da palavra *ilusão*, conforme Remedios Ávila. Este fala a respeito da carga vital e motivadora do indivíduo. Ele traz o exemplo de Zaratrasta, de Nietzsche. Pois este, sob a máscara daquele, revela-se como um criador de ilusões, de símbolos; um narrador sedutor.

Por isso entendemos o viver desiludido – devido a essa proximidade semântica entre a ilusão e o valor – como equivalente a viver desmoralizado, desmotivado, carente de suficiente energia vital. As relações entre a ilusão e o superego, particularmente em sua dimensão de ideal do ego, tornam-se assim ressaltadas²⁸³.

Como visto no primeiro capítulo, o próprio Freud não se mostrou convencido de sua teoria da ilusão. Pois de certa forma, ele não se assegurava em sua teoria de que a relação com a realidade desenvolve-se necessariamente de acordo com a Ananké²⁸⁴, ou sob a mera ilusão infantilizada. Duvidava inclusive de que uma renúncia total da ilusão não seria, em contrapartida, também ilusória. Assim, vê-se que a relação da ilusão com os valores culturais e com a sublimação, abre uma problemática para Freud. Pfister, por outro lado, parecia ter diante de si a resposta para essa problemática, mas provavelmente também não pôde

²⁸² Cf. PFISTER, O. A ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

²⁸³ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 222.

²⁸⁴ Uma necessidade externa; uma ordem natural, destino.

consolidar essa relação devido às suas idealizações. Deste debate entre os autores, gerou-se uma ambivalência.

Ao abordar todo esse contexto ambivalente, Morano chama a atenção para o pequeno trabalho de Freud *O humor*, publicado na mesma época que *O futuro de uma ilusão*. Naquele, o autor de Friedberg elucida que por intermédio do humor, o ego não se deixa esmorecer diante do real, não se permite injuriar pelos traumas do mundo externo. Pelo humor, o ego enche-se de prazer; converte aquilo que seria uma fonte de frustração em satisfação. Da mesma forma que na ilusão, o humor estabelece de forma contrária e ambivalente uma vertente ativa e reacionária diante dos revezes da realidade. Ele não permite ao ego sofrimento ou submissão; ao contrário, coloca-o acima. Contudo, o que faz com que o ego tenha esse mecanismo, mantendo a sua estabilidade e assegurando o princípio do prazer? Para isso, Freud recorre à estrutura do superego.

Geralmente, conhecemos o superego como um senhor severo. Dir-se-á que não combina bem com tal caráter o fato de o superego condescender em capacitar o ego quando este se sente compelido a obter uma pequena produção de prazer. É verdade que o prazer humorístico jamais alcança a intensidade do prazer do cômico ou dos chistes, que jamais encontram vazão no riso cordial. Também é verdade que, ocasionando a atitude humorística, o superego está realmente repudiando a realidade e servindo a uma ilusão. Entretanto, (sem saber exatamente porquê), encaramos esse prazer menos intenso como possuindo um caráter de valor muito alto; sentimos que é especialmente liberador e enobrecedor²⁸⁵.

Diante disso, o superego ganha uma função de auxiliador, de protetor do ego diante das vicissitudes do mundo real. A instância familiar, portanto, tem papel fundamental para a estabilidade do ego e a sustentabilidade do princípio do prazer. E Freud deixa isso claro quando diz que “Se é realmente o superego que no humor fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego”²⁸⁶. Portanto, o humor coloca-se como um mecanismo não patológico para opor-se às pressões exteriores; e, paralelamente, apõe-se à ilusão. Isso claro não significa uma repressão negativa da realidade; pelo contrário, numa outra perspectiva, o humor busca contemplar o prazer, a satisfação. Não pela vertente do ego, mas do superego, que como instância parental, revelar-se-á carinhoso e solidário.

²⁸⁵ FREUD, S. *apud* MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 223.

²⁸⁶ *Ibid.* p. 223-224.

De forma segura, pode-se compreender que para o próprio Freud, o contato com a realidade não está marcado ou condenado a ser empreendido pela ciência ou pela submissão histórica, ou mesmo pela infantil e ilusória aceitação da vida. Segundo Morano, é perfeitamente possível, mediante o superego, que o homem experimente o prazer do mundo real pelo seu desejo, sem que a realidade seja negada em sua forma patológica. Portanto, é nessa instância dos valores culturais que o homem encontrará formas de sublimação e formação religiosa. Dessa forma, parece que a ambiguidade traz à ilusão um aspecto essencial para o desejo: “Ilusão, superego, sublimação e crença revelam, assim, suas conexões íntimas e parecem demonstrar a possibilidade de uma leitura do real que escapa à alternativa fatal entre engano ou resignação”²⁸⁷.

Assim, Morano chega à conclusão de que uma análise cuidadosa a respeito do real significado da palavra *ilusão* apontará para a sublimação. Pois a ilusão pertence ao projeto vital do ser humano diante da realidade. Os valores (morais, religiosos e outros), bem como a participação do desejo em todo esse projeto cultural, podem ser empreendidos por meio da sublimação. Diante disso, Pfister postulou um excelente material analítico, porque ele apresentara a Freud, seja pela teoria, seja pela técnica analítica, que essa problemática poderia certamente resultar numa via de valores superiores. Mas infelizmente isso ainda não foi compreendido no campo da metapsicologia freudiana.

3.3. O fracasso de Sigmund Freud no projeto de uma teoria da sublimação, segundo Antoine Vergote²⁸⁸

Viu-se que boa parte do acervo de opiniões teóricas dos autores de Friedberg e Zurique mostrou-se inflexível, porque de um lado imperava o positivismo e de outro a idealização. Ambos foram verdadeiros e coerentes. Contudo, preferiram o ensurdecimento diante da

²⁸⁷ MORANO, C. D. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável*. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2008, p. 224.

²⁸⁸ Antoine Vergote nasceu na Bélgica, em 1921. Ele é professor na Universidade de Louvain, e foi discípulo de Jacques Lacan. Estudioso de filosofia, psicanálise e teologia, Vergote dedicou-se à análise do fenômeno religioso, observando e pesquisando como este afeta o homem moderno. Autor de numerosos livros, ele tem se interessado, particularmente, pela relação entre a psicanálise, a antropologia e a fé cristã. Como cofundador da Escola Belga de Psicanálise, ele tentou refutar aqueles que veem a religião como uma neurose, mostrando que as ferramentas da psicanálise podem ser usadas para provocar uma experiência de compaixão e sensibilidade, capazes de uma verdade reveladora, dando sentido à história da humanidade, e que se reflete na vida de Jesus Cristo. Disponível em: <<http://www.conviviumpress.com/en/authors/28/detail>> Acessado em: 25 março 2014.

verdade um do outro. Pois pensavam poder reduzir suas respectivas experiências psicanalíticas e religiosas a um mesmo desejo ou a um mesmo objeto de conhecimento. Talvez porque por detrás do conhecimento, houvesse um interesse libidinal recalcado, fazendo com que seus objetivos não fossem concretizados.

Tanto Pfister quanto Freud deixaram um legado marcante quanto ao papel da ilusão e da sublimação. Embora nem um nem outro tenha desenvolvido um conceito sistemático a respeito da sublimação. Prenderam-se, demasiadamente, em suas verdades. Mas ambos admitiram o papel fundamental dessa via dos valores superiores como um método para a canalização da pulsão sexual. Acredita-se que o desejo só é compreensível a partir de um determinado contexto, de uma determinada história. O sujeito e o desejo inconsciente conseguem satisfazer-se pelo simbólico e a sublimação é um meio primordial para se evitar o vazio. Neste ponto, a religião sem dúvida assume todas as vertentes para se evitar esse vazio, através de produções místico-criativas, pelo deslocamento sublime²⁸⁹.

Esta pesquisa sustenta que Antoine Vergote traz pontos importantes para serem refletidos a respeito do conceito de *sublimação*. Segundo ele, o mote freudiano sobre a sublimação é entender a sexualidade como uma pulsão, ao lado de outras, como a autoconservação e a agressão. Sem querer pensar em generalidades e complexidades, buscar-se-ão aqui objetivos, focos singulares. Em princípio pensar-se-á a particularidade da pulsão sexual que é a possibilidade de transformação em algo nobre, em obra cultural. Diante disso, levantam-se dois questionamentos, cujas respostas não são objetivas: a) por que Freud deseja direcionar as atividades culturais, cujo caráter não é sexual, à sexualidade como a sua única fonte? E b) qual seria o caminho a ser percorrido entre a pulsão sexual e a atividade cultural?

Segundo Vergote, Freud tinha forte admiração pelos valores culturais, e de forma nenhuma ele teorizou que as atividades culturais eram puramente de ordem sexual, travestidas de moral, arte e religião. Freud “(...) fala da canalização da sexualidade para um objeto superior”²⁹⁰. Ilustra-se aqui a força da sexualidade com a metáfora de um rio, como se este escolhesse um caminho contrário àquele que lhe seria natural. Vergote chama a atenção para o emprego que as pessoas instruídas fazem do termo *recalcamento*. Segundo ele, por exemplo, na ciência, é pela metáfora que se começa a se formular uma descoberta, a partir de um

²⁸⁹ Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²⁹⁰ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 160.

trabalho cotidiano. E diante disso, surge a impressão de se ter compreendido algo. Dessa mesma forma, que, para ele, as pessoas empregam e se utilizam da metáfora freudiana do *recalcamento*. Mas essas imagens apenas configuram relativamente o problema. É necessário aprofundamento.

Para Vergote, Freud, depois de algum tempo ter falado de canalização, passou a dizer que “(...) a sublimação deve consistir em uma transformação psicológica da pulsão sexual”²⁹¹. Mas de que forma isso poderia ser feito? O pai da psicanálise, mesmo depois de anos de pesquisa, reconheceu que não foi possível encontrar uma resposta. Portanto, aqui está a problemática em torno desse conceito. Ao estabelecer uma reflexão a esse respeito, Vergote decide aceitar a tese freudiana de que a cultura resulta da transformação da libido²⁹².

Para se pensar a esse respeito faz-se necessário questionar por que Freud introduziu o conceito de sublimação em sua teoria. Este termo era mesmo necessário? O teórico de Friedberg era um homem extremamente culto, um psiquiatra-terapeuta, advindo da neurologia. Fez cursos com Brentano, professor de Husserl, fundador da fenomenologia. Ou seja, ele demonstrou interesses filosóficos e por tudo que era próprio do homem e suas atividades culturais. Por intermédio dos estudos neurológicos, ele se interessou pela linguagem e pela afasia. Aqui ele se inclinou para os problemas psiquiátricos, com objetivos claros de investigação em relação à ordem psicológica em torno do homem. “Ora, é precisamente a experiência clínica que o conduz a fazer do conceito de sublimação um conceito-chave em seu sistema teórico”²⁹³.

Freud ocupou-se em seus estudos e casos clínicos das doenças que não apresentavam nenhum problema de ordem fisiológica: angústia, histeria, fobia e outros. Portanto, seu objetivo eram os doentes que mantinham a razão e que na sua época eram chamados de neuróticos. Esses problemas psicológicos são tipicamente relacionados ao homem, distinguindo-o dos animais (no sentido psicopatológico). Relacionando o homem ao animal, o primeiro é o único capaz de adquirir uma psicopatologia e assim, conforme Freud, de produzir a civilização. Sob esse ponto de vista, Vergote define o homem como: “(...) o ser vivo que pertence à natureza biológica como os animais, mas, diferentemente deles, é capaz de cultura

²⁹¹ FREUD, S. *apud* VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 160.

²⁹² Cf. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

²⁹³ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 161.

e de psicopatologia”²⁹⁴. Diante disso, de alguma forma, orientado pela história da filosofia, antropologia cultural e experiência clínica, o pai da psicanálise entende que a chave de compreensão a respeito dessas duas características do ser humano, concentra-se na sexualidade.

Para compreender o motivo que levava Freud a pensar a sexualidade humana, Vergote busca esclarecimento primeiramente na história da filosofia, ao refletir sobre *O Banquete*, de Platão. Neste texto, o filósofo grego traz a encenação de uma refeição, em que sete oradores reúnem-se para tributar elogios ao deus Eros, cuja “(...) palavra significa a unidade de sexualidade e desejo”²⁹⁵. No coração de Eros, além de outros desejos, encontra-se o desejo pela felicidade. Aqui surge, então, uma problemática. Diferente dos animais, a sexualidade humana não tem apenas objetivo de reprodução. Há o desejo que se inclina para uma felicidade, em que há “(...) uma qualidade divina”²⁹⁶. Porque é justamente nesse texto de Platão que a sacerdotisa Diotima revela a divindade por detrás de Eros. Quanto à antropologia cultural, Vergote aponta para o rito da iniciação, como fator importante nas culturas primitivas. Este rito para ele é a iniciação da sexualidade humana e particularmente aos mitos fundadores da cultura. Conforme seus contemporâneos, “Freud pensa, portanto, por motivos clínicos e razões de história cultural, que a psicopatologia e a criação cultural se vinculam, ambas, à natureza muito particular da sexualidade no homem”²⁹⁷. Assim é nesse conjunto que a sublimação apresenta seu significado.

A natureza específica da sexualidade humana é uma questão que precisa ser refletida. E é o que se vê em *O Banquete*, pois nele Platão revela diferentes concepções antropológicas: médica, mitológica, moral e religiosa a seu respeito. Em sua experiência clínica, Freud observa que a sexualidade traz ao homem desordens, não só em suas questões teóricas, mas, sobretudo em sua própria vida. E essas desordens se constituem muito antes de uma tomada de consciência. O teórico de Frieberg designa os fatos cotidianos e de conhecimento comum, “chamados perversões sexuais: fazer sofrer uma pessoa (por exemplo, no estupro) para gozar sexualmente do sofrimento do outro; ou o contrário no masoquismo: por exemplo, fazer-se flagelar até o sangue para gozar sexualmente”²⁹⁸. Estes comportamentos eram considerados como perversões morais. Naquela época, “(...) já se compreende que são também doenças e

²⁹⁴ Id. Ibid. p. 161.

²⁹⁵ Id. Ibid. p. 162.

²⁹⁶ Idem.

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ Idem.

procura-se uma explicação médica, e por isso fisiológica”²⁹⁹. Mas para Freud “(...) trata-se de uma deformação psicológica da sexualidade em curso de formação psicológica”³⁰⁰. O pai da psicanálise também observa “que por detrás das neuroses, doenças em que não há sintomas sexuais (...)”³⁰¹, há representações e sentimentos sexuais que de alguma forma foram precocemente banidos da consciência. Ou seja, pelo recalque, tornaram-se inconscientes.

Assim, Freud estabelece uma importante conclusão, no que diz respeito à sexualidade: diferentemente do animal, o homem não apresenta um instinto natural reprodutor pré-programado. O processo dinâmico do instinto é característico do animal; ou seja, consiste em um impulso de energia, que faz com que o organismo se volte para um determinado alvo de forma natural. Por isso, o animal não precisa ser educado para que possa acasalar e reproduzir. Já no ser humano, a sexualidade não é natural. Ela não é pré-programada pela natureza. Ela surge, se forma e também se (de)forma, como revelam as perversões e de forma mais dolente as neuroses.

A sexualidade humana tem evidentemente uma base biológica; por isso há uma maturação neurocerebral, hormonal e fisiológica da sexualidade, exatamente como no animal. Mas essa base é sempre retomada numa formação propriamente psicológica³⁰².

Portanto, se a pulsão sexual não é pré-programada, qual seria seu alvo? Já que não apresenta, como no animal, um alvo naturalmente programado é óbvio que ela pode ligar-se a quaisquer outros destinos além da reprodução. Ela pode ligar-se à agressão, ao sadomasoquismo, ao voyeurismo, à pornografia, dentre outros. Quando o ser humano, de forma voluntária e madura, não busca explicação daquilo que lhe é inconsciente, ou seja, sob o auxílio de um analista, bem como pela via da sublimação, isso será feito pelo recalque e certamente as neuroses virão à tona. Pelo fato de não haver um instinto pré-programado na sexualidade humana, esta buscará desordenadamente, numa pulsão libidinal, por diversos alvos, comprometendo o próprio sujeito e também a sociedade. Portanto, é bom deixar claro

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ Idem.

³⁰² VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 163. Por isso que Freud, para evitar confusão, como se viu no primeiro capítulo, distinguiu, no alemão, *Instinkt/instinto* (para o animal) de *Trieb/pulsão* (para a sexualidade humana). Aqui também, como Morano, no subtópico anterior, Vergote chama a atenção para o significado de vocabulários em certos idiomas, pois no inglês e no espanhol, por exemplo, a palavra *Instinkt* é utilizada tanto para o animal quanto para o homem, dando espaço, portanto, para interpretações equivocadas.

que não existe satisfação da pulsão sem consequências punitivas. A partir dessas orientações, Vergote, em conformidade com a teoria psicanalítica, traz três possibilidades para que o homem possa lidar com a força pulsional:

- a) ou o homem dá livre curso aos impulsos sexuais, e isso produzirá as perversões e os crimes;
 - b) ou o homem recalca a parte da pulsão sexual que a moral, a sociedade e o cuidado consigo mesmo proíbem satisfazer: isso conduzirá à psicopatologia;
 - c) ou o homem sublima uma parte importante do impulso da pulsão sexual, orientando-a para os valores culturais; mais precisamente, como vimos, transformando uma parte de pulsão sexual em atividades que têm valor cultural: interesse intelectual, trabalho profissional que pratica com prazer, criação e gozo artísticos, religião, formação de um comportamento moral.
- A sublimação deve, portanto, salvar o homem da psicopatologia de natureza neurótica³⁰³.

Volta-se aqui, àquela pergunta: de que forma a sublimação deve consistir em uma transformação psicológica da pulsão sexual? Infelizmente Freud não respondeu. Mas se manteve convicto de que a sublimação é a única via para livrar o homem da psicopatologia. Para Vergote, há dois caminhos para lidar com o resquício da ausência dessa teoria: “(...) ou se rejeita o conjunto das concepções psicanalíticas, ou se elabora uma teoria fundada da sublimação!”³⁰⁴. E a sua tese é a seguinte: a) a teoria freudiana é a única capaz de reconhecer e explicar que as psicopatologias não são de ordem neurofisiológica; e b) que é necessário que se construa uma teoria da sublimação, corrigindo os suportes teóricos em entorno dessa temática. E para Vergote, há razões e fundamentos para isso.

Em Primeiro lugar: Freud em suas observações clínicas tomou como protótipo apenas os casos de ordem psicopatológica, quando seu objetivo era desenvolver uma teoria que pudesse explicar tanto o normal quanto o patológico³⁰⁵.

Em Segundo lugar: Muito preso aos ideais positivistas de sua época, Freud, embora tivesse sido inovador, não conseguiu ultrapassar o positivismo filosófico e se manteve metodicamente enraizado em suas experiências clínicas. O exemplo disso foi o fato de ele ter tido dificuldade em compreender “como se faz a cura pela palavra em liberdade de associação”³⁰⁶. Freud colocava toda a sua hipótese teórica à prova de sua experiência clínica;

³⁰³ Id. Ibid. p. 164.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Freud reconhece esse equívoco em *O ego e o Id*.

³⁰⁶ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 165.

e aos poucos descobriu e desenvolveu sua técnica terapêutica. Contudo, aqui, “ele ainda pensa demais que a cura se faz pela tomada de consciência objetiva e pela explicação das causas da neurose”³⁰⁷. Muitas pessoas, por exemplo, partem desse princípio, ao procurar ajuda psicoterapêutica. Chegam ao consultório e diante do seu analista, dizem querer se autoconhecer e compreender a angústia que as assola; ou o que lhes causa fracasso. Ou seja, apresentam uma concepção racionalista, positivista. Não há lugar para os atos de fala, conforme a filosofia da linguagem. Demonstrando dependência em relação às ideias iluministas, Freud creditou valor na análise do autoconhecimento e da autorreflexão. Ele “não conseguiu ver como a sublimação já está trabalhando no processo de cura”³⁰⁸.

Em Terceiro lugar: a forma como Freud compreendeu a pulsão sexual foi o motivo de ele não ter elaborado uma teoria da sublimação. O teórico de Friedberg não seguiu a distinção que fizera em 1905 entre *instinto* e *pulsão*. Suas observações das neuroses e de seus casos clínicos (tratamento analítico) comprovaram essa diferença. No entanto, ele afirmara existir o caráter especificamente sexual do bebê em suas experiências de prazer consigo, com a mãe e com tudo ao seu redor. Neste momento, Freud entra numa contradição, pois ele ao mesmo tempo em que afirma haver uma sexualidade infantil constituída, também diz “(...) que a sexualidade se deve formar progressivamente mediante vários processos”³⁰⁹. Para Vergote fica claro, portanto, que Freud não foi fiel à sua concepção a respeito da sexualidade, não respeitando o que ele mesmo constatara: “(...) que a libido não é determinada como um instinto, mas como uma pulsão”³¹⁰. Resta, pois, saber qual seria, então, a sua natureza. Segundo o pensador belga, “(...) a libido é caracterizada por sua tendência para o prazer como valor autônomo, independente das necessidades naturais e instintivas”³¹¹. Assim, compreender a teoria freudiana da sexualidade como uma determinação química em sua especificidade, impossibilitará qualquer transformação da pulsão sexual em valores superiores pela via da sublimação.

³⁰⁷ Id. Ibid. p. 165.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Idem. Em 1910, a teoria freudiana da pulsão foi enfaticamente criticada por Jung, por ela não explicar a psicose. Diante disso, ele discorda de Freud, ao dizer que a origem da libido não é propriamente sexual, que ela apenas se torna como tal durante a fase dos primeiros anos.

³¹⁰ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.166.

³¹¹ Id. Ibid. 166.

Em Quarto lugar: A maneira de Freud compreender o simbolismo como máscara de representação sexual recalçada, o impediu, mais uma vez, de elaborar uma teoria da sublimação. Outro resultado do olhar freudiano apenas circunscrito àquilo que é patológico.

A partir de agora será apresentada uma tese de Vergote quanto ao processo da sublimação, tendo como exemplo um caso extraído da própria obra de Freud de 1920, quando este fora testemunha das neuroses de guerra. Salienta-se que o teórico de Friedberg em momento nenhum menciona o termo *sublimação* nessa obra, mas Vergote observa a solução de um conflito psíquico de forma criativa, como um processo sublimatório, a saber: o caso do netinho de Freud e o seu carretel (o conhecido jogo do *Fort-Da*). No primeiro capítulo da obra, Freud conta episódios horríveis a respeito do que observara na Primeira Guerra Mundial. Pessoas que outrora eram normais passaram a apresentar lembranças vivas e intensas depois de ecoarem gritos de dor e desespero, numa experiência traumática, num cenário de terror e destruição.

Freud, então, passa a buscar uma explicação para esse novo sintoma: os conflitos traumáticos do pós-guerra. Até então as doenças neuróticas eram explicadas por aquilo que ele denominou de *o princípio do prazer*, em que fobia, histeria e outras experiências de desprazer eram recalçadas, advindo os sintomas neuróticos. Contudo, essa nova neurose apresentava diferente mecanismo. Ele não podia explicá-la pelo princípio do prazer, não havia tido recalçamento; pelo contrário, constantemente ela vinha ao espírito do doente. “Não se pode, portanto, dizer que nesse caso o princípio de prazer funcionou expulsando da memória a lembrança impregnada de desprazer”³¹². Qual seria, então, a funcionalidade, a explicação da neurose traumática? Freud deteve-se, por conta de suas análises, na evidência dessa nova neurose: a repetição, que se fazia presente constantemente na consciência. Aqui, então, Vergote recorre a uma experiência que Freud tivera com seu neto de um ano e meio, brincando sozinho com um carretel amarrado ao berço para discutir a experiência da sublimação.

Conforme traz o segundo capítulo de sua obra de 1920, Freud observa com espanto e admiração o comportamento do seu neto, numa ação repetitiva de jogar para longe o carretel com prazer e depois puxá-lo para si com um prazer ainda maior. Diante disso, Freud, como um bom cientista e observador, percebeu que estava diante de uma encenação de uma experiência infantil. Ele conclui que a criança, através do jogo, da brincadeira, vive na

³¹² Id. Ibid. p. 167.

verdade a sua relação com a mãe. Freud faz uma analogia dessa brincadeira com a experiência ocorrida entre a mãe e o bebê. Por intermédio dela, a criança busca superar o trauma do abandono sofrido, mediante a separação da mãe.

Freud compara essa experiência dolorosa da criança à natureza do luto; como um fato traumático, podendo acarretar sérios conflitos, até mesmo a depressão. Diferente do adulto, aquele menino não poderia reavivar as lembranças da perda, fazendo com que a pessoa ausente de certa forma se tornasse presente. Seu tempo e estrutura psicológicos não eram maduros, não lhe oportunizavam, por representações interiores, torná-la presente. “Essa criança, diz Freud muito justamente, repete nos gestos da brincadeira a experiência que ela não pode nem se dizer com palavras nem representar mentalmente. (...) (ela) é simbólica”³¹³. Por meio dessa brincadeira, em que o menino simbolicamente vive a partida e o retorno da mãe, de forma positiva evita a dolorosa experiência traumática. Aqui, segundo Vergote, Freud diz que “(...) essa brincadeira representa uma primeira grande realização cultural da criança”³¹⁴. Nesse momento, o primeiro reforça o que observara o segundo, dizendo que “as criações culturais são respostas humanas positivas, diante das dolorosas experiências que a realidade impõe”³¹⁵.

Em outras neuroses, para evitar a experiência dolorosa, a pessoa inconscientemente utiliza-se do recalçamento. O que poderia, então, nortear aquele menino para que ele pudesse lidar com a constante angústia do afastamento traumático? Qual o princípio ou o que poderia estar por detrás da brincadeira daquela criança? Qual a relação da brincadeira do menino com o carretel e o princípio do prazer? A resposta de Freud é a seguinte: “(...) a criança que sofreu a experiência *passivamente*, com sofrimento e sem a compreender, repete-a *ativamente* na brincadeira simbólica”³¹⁶. Esse prazer do ato simbólico que Freud propõe é “a satisfação de um impulso de vingança contra a mãe”³¹⁷. Como se seu neto estivesse dizendo: “Pode ir, eu mesmo a mando ir embora, porque não preciso de você.”

Portanto, Freud enxergou na repetição prazerosa dessa brincadeira, a satisfação de um impulso de vingança. Mas Vergote em contrapartida considera essa interpretação um grande

³¹³ Id. Ibid. p. 168. (A palavra entre parênteses foi acrescentada pelo autor desta pesquisa).

³¹⁴ FREUD, S. *apud* VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 168.

³¹⁵ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 168.

³¹⁶ FREUD, S. *apud* VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 168.

³¹⁷ Id. Ibid. p. 168.

equívoco, além de contraditória, pois o próprio Freud havia dito que era uma produção cultural. Assim, Vergote constata que na verdade aquela “(...) transformação de um acontecimento sofrido passivamente em repetição ativa na brincadeira é uma autoafirmação. É o nascimento do ego em sua liberdade”³¹⁸. Ele reinterpreta a maneira de Freud entender a atitude do seu neto diante da brincadeira; ou seja, de vingança contra a mãe. Porque segundo seu posicionamento crítico, “na vingança a pessoa não renuncia verdadeiramente à experiência traumatizante nem se livra dela; pelo contrário, na vingança fica-se ligado ao outro, mas com desprazer. A vingança é o apego do amor que se volta em ódio”³¹⁹. Assim, na vingança fatalmente o princípio de prazer é a autodestruição por meio do ódio.

Para Vergote, portanto, a superação do trauma – mediante a aceitação da ausência do outro, numa afirmação autônoma de si mesmo e a não destruição do outro – representa um momento de autotransformação e a construção do vínculo na alteridade. Um processo, segundo a filosofia, dialético. Assim, na brincadeira simbólica daquela criança, ocorria um verdadeiro processo sublimatório. Pois o menininho de Freud seguia ativamente sua brincadeira simbólica. Na volta do carretel, ele o saudava com imenso prazer, festejando a sua nova presença. Ele permitiu à mãe a liberdade de ausentar-se. Firmou-se como um ego capaz de viver mesmo diante da ausência do objeto do seu amor. Ele não destruiu com ódio o laço que existia entre ele e a mãe; ao contrário, ele se voltou para ela simbolicamente com enorme prazer e liberdade, demonstrando autonomia. Os momentos da ação simbólica naquela brincadeira estão interligados e constituem a transformação de si e do outro, reconhecido na alteridade. É importante observar a renúncia revelada pelo menino, passando pelo momento negativo e doloroso que toda renúncia exige: “Atravessando ativamente o momento negativo, a razão reencontra, de outro modo e melhor, o que perdeu e aquilo cuja perda aceitou na disposição ativa da renúncia.”³²⁰. A repetição apresentada não está ligada à angústia da neurose traumática.

Assim, como se sabe, a pulsão sexual apresenta exigências que a sociedade civilizada impede de satisfazer. Viu-se que a simples satisfação dessas exigências pode resultar em graves consequências. Portanto, é louvável observar as várias formas que o princípio de prazer assume nas atividades culturais, num processo sublimatório: o apreço pela pesquisa, pelo trabalho, pelo estético, pelo esporte, dentre outros; inclusive pela experiência mística.

³¹⁸ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 169.

³¹⁹ Id. Ibid. p. 169.

³²⁰ Id. Ibid. p. 170.

Caso aquela criança não tivesse renunciado, poderia ter desenvolvido psicopatologias, como a depressão. Como também, se tivesse desenvolvido, conforme Freud, um impulso de vingança, uma reação negativa, em pouco tempo ela iria recalcar. Mais tarde poderia ser acometida inconscientemente pela angústia da culpa.

O laço afetivo daquele menino com a mãe é mesmo puramente sexual? Aquele carretel é símbolo da sexualidade recalçada? Freud responde a questão afirmativamente, mas contraditoriamente, como se viu até aqui, apresentara uma explicação que esclarece a sua própria teoria: ao distinguir *Instinct* de *Trieb*. Devido ao seu cientificismo e aos seus casos clínicos patológicos, ele ignorou o papel da sublimação. Para Vergote, a relação da criança com a mãe não é propriamente sexual, tampouco o carretel um objeto sexual. Para ele, “esse laço é erótico no sentido de que se trata de um laço afetivo no qual domina o prazer psicológica e corporalmente experimentado”³²¹.

Portanto, para Vergote, não há a transformação da pulsão sexual para os valores superiores, já que, segundo ele, o que se manifesta é uma pulsão erótica. Como se dá, então, a transformação desse laço erótico na brincadeira simbólica daquela criança? Ele responde, dizendo que

(...) essa transformação visivelmente acontece quando, na renúncia, esse laço erótico se transforma na autoafirmação do ego. Rejeitando o carretel, o ego da criança se constitui num ato novo que é um ato de amor de si mesmo. (...) o ego se constitui a si mesmo ativamente num gesto em que ele se toma a si mesmo como objeto de amor. É esse o sentido do que Freud denomina (...) a fase do narcisismo³²².

Durante o processo, aquele laço erótico transforma-se em um laço afetivo com novas características. As qualidades dessa nova fase dão à relação, no ato da brincadeira simbólica, mais independência à criança, fazendo com que ela desenvolva em relação à mãe um laço menos egocêntrico. Esse novo laço é o que Vergote chama de amor. “Ora, a qualidade do apego que se chama ‘amor’ faz parte do que Freud denomina, de maneira abstrata, ‘os valores superiores’; portanto, também do processo de sublimação”³²³. Este se dá na transformação do laço erótico. E no caso da brincadeira do menino com o carretel, há dois aspectos indissociáveis: “De um lado, a realidade natural – aqui, o corpo, o movimento, o objeto do

³²¹ Id. Ibid. p. 171.

³²² Id. Ibid. p. 171. Nota-se que o significado de narcisismo, aqui utilizado, nada tem a ver com os escritos literários e sociológicos, conforme se vê depois de Freud.

³²³ Id. Ibid. p. 171.

mundo (o carretel) – adquire uma significação simbólica. De outro lado, o laço erótico se reestrutura numa relação dotada de nova qualidade”³²⁴.

Pode-se concluir, portanto, que Freud, mesmo que involuntariamente, tocou numa questão filosófica: como se dá a transformação do homem em um ser verdadeiramente humano? Em suas observações e análises clínicas, ele reconheceu que o homem é constituído de pulsão (uma força libidinal sem objeto específico) e que, por meio desta, ele deve humanizar-se. Esta humanização dá-se num processo dialético. Mas para que se dê o início desse processo, ele deve comportar em si a busca de uma renúncia, passando (ultrapassando) pelo momento da dor e da angústia. Aqui o trauma dará lugar ao prazer, depois do ato complexo de uma nova relação. A neurose surge justamente devido ao fracasso desse processo dialético.

Quanto à renúncia, dialeticamente falando, vê-se processo semelhante nos Evangelhos. Como o homem é constituído pela pulsão, ele se dispõe a buscar volitivamente por aquilo que lhe agrada, pois “o homem por natureza procura necessariamente o que é benéfico para si”³²⁵. Para Antoine Vergote e também para Oskar Pfister, não se pode encontrar cura psicológica sem buscar um sentido para a vida. É necessário que o homem se apoie numa visão global para que experimente restauração. “Ora, é a religião que pode oferecer essa visão global do mundo e que também ajuda a fazer que o homem reencontre a unidade com a natureza”³²⁶.

Segundo Vergote, mesmo que Freud não tenha afirmado a necessidade da religião, ele reconheceu que em muitas situações ela exerce importante papel na saúde psíquica. Referindo-se ao teórico de Friedberg, ele diz: “Oferecendo ritos de confissão, (...) a religião poupa a muitos homens uma neurose de angústia de culpa (Freud, 1907)”³²⁷. Em seu estudo clínico, *O homem dos lobos*, Freud reconhece que a educação religiosa do rapaz, devido à sua formação moral e referências ao modelo de Jesus, trouxe-lhe benefícios para que pudesse superar a sua neurose precoce.

O homem compartilha com os seus semelhantes aquilo que lhe pertence como natureza biológica: o desejo determinado pela pulsão de autoconservação. Se o desejo do homem é de conservar-se vivo e, portanto, defendendo-se da natureza, a religião pode garantir-lhe o

³²⁴ Id. Ibid. p. 173.

³²⁵ VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 21.

³²⁶ Id. Ibid. p. 20.

³²⁷ Idem.

sistema social por intermédio dessa pulsão: “(...) a religião é a manifestação de um elo afetivo dos homens religiosos com sua divindade”³²⁸.

A libido sublimada “se desenvolve como uma busca de união com o outro amado, portanto como amor e como gozo naquilo que não é necessário para a vida”³²⁹. Ou seja, como desejo, pode direcionar-se para além do necessário: “para o *divino*”³³⁰; que, por conseguinte, pode estar na natureza, na arte, na investigação científica. Muitos contemporâneos buscam esse divino, que por algum motivo, não creem em Deus, mas que de certa maneira revelam-se como religiosos. A experiência com esse divino faz com que o ser humano, seja aquele que crê ou não em Deus, experimente satisfação e prazer, porque é da ordem do desejo.

Nota-se, assim, que é perfeitamente possível a pulsão ser direcionada para o Divino, ao tratar-se de religião. Segundo Pfister, esta é o movimento de *religare* entre o ser humano e Deus, expressão da pulsão religiosa, que é um componente da pulsão vital³³¹. Enquanto que para Freud criticar as ilusões é a mesma coisa que abandonar a religião e se voltar para a ciência, para Pfister significa limpar, purificar tanto a religiosidade quanto o ateísmo de suas mazelas neuróticas e, por intermédio do amor, revelado em Cristo, torná-los imaculados. Em relação a esse amor, o pastor-analista deixa claro que sua origem pertence à esfera da pulsão e que apresenta uma forte tendência, uma inclinação a um objeto que promete satisfação. Esta satisfação, por sua vez, “corresponde o termo psicanalítico pulsão, que nomeia a energia sexual originada no instinto de perpetuação da espécie, a qual também é tradicionalmente designada por libido”³³². O amor precisa ser iluminado e a religiosidade retirada de suas distorções. Ou seja, essa experiência pode ser reconhecida como “uma notável realização da libido sublimada”³³³. Isso pode ocorrer “quando o homem recebe, compreende e aceita a mensagem religiosa que revela a Deus e que o torna presente. É nessa relação de fé que os

³²⁸ Id. Ibid. p. 22.

³²⁹ Id. Ibid. p. 23.

³³⁰ Idem.

³³¹ Pfister supõe uma única força original (monismo instintual, que difere do dualismo de Freud), que provém de Deus, e se concretiza no homem como instinto de amor, e a partir deste está a origem e as finalidades de todas as manifestações psíquicas.

³³² GOMEZ, M. L. T. Um estudo do pensamento de Oskar Pfister e uma reflexão sobre sua atualidade. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão*: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. *Petrópolis*: Vozes, 2003, p. 125.

³³³ VERGOTE, A. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo*: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 23.

místicos cristãos vivem seu desejo de Deus (...)”³³⁴. Para essa experiência humana, Vergote conclui:

A psicologia pode observá-la, mas não tem a competência para exercer um juízo de verdade filosófica sobre essa fé em Deus. (...) O que a psicologia da religião estuda são os fatores, as representações, os conflitos que compõem o tempo do desejo em relação ao divino, aos deuses, na religião cristã em relação a Deus³³⁵.

Portanto, a sublimação na experiência religiosa pode ser um lugar da transformação do sujeito, visando a sua humanização. E o simbolismo é um elemento intrínseco nesse processo, uma vez que nele a realidade natural adquire uma significação simbólica. Acredita-se que Ana-Maria Rizzuto em suas pesquisas, propõe elucidar esses diversos fatores de representações e representação de Deus que estão no âmago da experiência religiosa. Ao destacar o espaço *transicional*³³⁶ como essencial para o jogo e a ilusão, sobretudo, ao situar Deus e a experiência religiosa nesse espaço, ela se enquadra nas concepções de Vergote. Pois ela aponta que a relação da pessoa com o divino pode ser parte de um processo saudável do desenvolvimento humano. Por isso, adverte que:

Pedir a um indivíduo maduro e que exerce suas funções que renuncie a seu Deus equivaleria a pedir a Freud que renuncie a sua própria criação, a psicanálise, e a “ilusória” promessa do que o conhecimento científico é capaz de realizar. Esta é, de fato, a questão. Os seres humanos não conseguem viver sem ilusões³³⁷.

Finalmente, Parece que Freud foi impedido de desenvolver uma teoria da sublimação, porque contraditoriamente ele ainda pensava o ser humano como um ser constituído pelo *Instinkt*. Ou seja, por uma sexualidade pré-programada pela natureza biológica, cuja força instintiva estivesse direcionada a alvos naturalmente determinados. Se o homem é diferente do animal, conforme Freud mesmo afirmou, é claro que ele pode e deve, caso faça parte do seu desejo, direcionar-se para o sagrado; e através dele, buscar humanizar-se; já que “não existe amor sexual sem uma poesia amorosa, e não há amor pelo Deus pessoal da revelação

³³⁴ Id. Ibid. p. 23.

³³⁵ Id. Ibid. p. 23-24.

³³⁶ O objeto transicional é o mediador entre o mundo interno e o mundo externo.

³³⁷ RIZZUTO, A-M. *O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico*. Tradução: Geraldo Korndórfer. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006, p. 273.

bíblica sem a poesia e sem gestos simbólicos”³³⁸. E nas palavras de Karin Wondracek, em relação às pulsões, cujo destino está direcionado ao Divino, ela diz que

com a teoria psicanalítica das pulsões, Pfister vê meios de clarificar a deformação do amor. Os destinos do amor no individual e no coletivo são destinos da pulsão, matéria-prima da psicanálise. Como a religião consiste, em Pfister, em amar a Deus, amar a si e amar aos outros, a psicanálise será instrumento privilegiado de tratar as distorções da religiosidade. (...) Pfister batalha pela totalidade da pessoa; defende que nada seja colocado entre a pessoa e Deus – nem igreja, dogma ou ritos. Por isso, privilegia a psicologia da religião como base para a doutrina religiosa, e não a dogmática ou a eclesiologia. Este ponto o aproxima de Freud (...) ³³⁹.

³³⁸ VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: diálogos da Psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 173.

³³⁹ WONDRAČEK, K. H. K. Freud, Pfister e suas ilusões: Que ciência? Que religião? In.: *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 181.

CONCLUSÃO

Segundo Karin Wondracek, o século em que vivemos apresenta uma sociedade ocidental confusa, em que os temas considerados mortos e sepultados retornam para a discussão. “O retorno da religião em suas variadas formas e combinações, a busca de reencantamentos neste mundo e a ameaça de fundamentalismos mortíferos fazem repensar as ilusões que embalam o futuro da caminhada da humanidade”³⁴⁰. O homem busca amparo e proteção diante de uma civilização globalizada, cujos recursos tecnológicos e científicos não lhe são suficientes.

Antigamente, antes do surgimento da modernidade, ao topar com uma causa de angústia e de incerteza, o sujeito humano costumava ter referências que lhe permitiam achar uma resposta. De fato, identidades culturais ou comunidades religiosas forneciam-lhe coordenadas claras e estáveis. Hoje, porém, sobretudo no ocidente, a globalização, a economia de mercado, a tecnologia, o anonimato urbano, o desenraizamento generalizado e o declínio das autoridades familiares e públicas deixam o indivíduo perturbado e confuso.³⁴¹

A incerteza tem levado parte da humanidade ao desespero, numa busca desenfreada por amparo. Muitos trocam o prazer pelo gozo³⁴², pois anseiam por satisfação rápida, sem se preocupar com as decorrências. Encontram neste, o principal meio de obter prazer. “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo”³⁴³.

Afinal, há um futuro promissor? Ou isso é ilusão? Será o *Futuro de uma ilusão* ou a *Ilusão de um futuro*? “É difícil viver bem e feliz tanto no estado de natureza que promete liberdade total quanto no seio da civilização que nos promete abundância de bens, mas nos impõe restrições odiosas e onde não cessam agressões mútuas”³⁴⁴. Então onde o homem

³⁴⁰ WONDRAECK, K. H. K. (Org.). *O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 7.

³⁴¹ JULIEN, F. *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan*. Tradução: Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 9.

³⁴² “Raramente utilizado por Freud, o termo gozo tornou-se um conceito na obra de Jacques Lacan. Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão, ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais.” (ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Traduzido por RIBEIRO, V. e MAGALHÃES, L. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 299).

³⁴³ FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo*. Obras completas, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Trabalho original publicado em 1939), p. 85.

³⁴⁴ PERGORARO, O. *Freud, Ética e Metafísica: O que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 21-22.

deverá se refugiar? A quem ele vai apelar? Para se livrar da natureza com todas as idealizações de liberdade e das imposições da civilização, o homem busca proteção e amparo numa cadeia de referências soberanas, misteriosas, de inestimável valor.

A imensa maioria dos crentes é formada de pessoas psiquicamente equilibradas para as quais a religião não é um mero refúgio contra o sentimento de insegurança psicológica ou o pavor das forças da natureza; pelo contrário, a religião é fonte de vida, luz que ilumina os passos do crente; estas são pessoas que, inspiradas na fé, prestam com alegria grandes serviços à humanidade na área da saúde, educação, incentivando a todos a formarem uma visão positiva e otimista da vida pessoal e sociopolítica, numa palavra, para esta gente, a religião não é um esconderijo, mas um palco de grandes realizações³⁴⁵.

Olinto Pegoraro, ao pronunciar-se na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, falou de grandes personalidades da história, que prestaram grandes serviços humanitários, como Santo Agostinho, em que este disse que para o cristão, a verdade é Aquele que se autodenominou “Caminho, Verdade e Vida (...) onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus: a verdade mesma!”³⁴⁶. Madre Teresa de Calcutá, quem levou as camadas mais miseráveis da Índia seu reconhecido trabalho social. Martin Luther King, quem levou não somente ao seu país, mas ao mundo, sua inefável ação de libertação política. Todos reconhecidos como célebres agentes sociais e de grande equilíbrio emocional, cuja inspiração era a fé. A religião e a relação do homem com Deus, portanto, “é força para os que creem”³⁴⁷. A partir dessas práticas que Freud classifica a religião como neurose infantil? Talvez Pfister tivesse razão ao dizer para Freud que “seu substitutivo para a religião é, na essência, o pensamento iluminista do século XVIII em orgulhosa vivificação”³⁴⁸.

Portanto, acompanhar a correspondência entre os dois amigos indubitavelmente foi entender a temática *religião e psicanálise* com responsabilidade. Não se deve deixar de considerar que estudar e pesquisar a vida de um teórico por meio de suas cartas, tomadas de intimidade, significa penetrar no seu mundo mais pessoal. E, claro, colher o que, certamente, não se colheria de outra forma, ou seja, fora dessa singularidade fraternal. Uma das mais belas

³⁴⁵ Id. Ibid. p. 77-78.

³⁴⁶ AGOSTINHO, S. *apud* PEGORARO, O. *Freud, Ética e Metafísica: O que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 77.

³⁴⁷ KING, L. *apud* PEGORARO, O. *Freud, Ética e Metafísica: O que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 78.

³⁴⁸ PFISTER, O. FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 150.

palavras de um para com o outro foram trazidas aqui, diante de um grande impasse que poderia comprometer o vínculo de amizade entre ambos, como a publicação de *O futuro de uma ilusão*.

A correspondência entre Freud e o pastor Pfister, estabelecida de forma sistemática entre 1909 e 1939, constitui talvez o arquivo discursivo mais importante para balizarmos a relação entre os discursos psicanalítico e religioso, considerando que algumas das teses fundamentais deste debate foram assumidas na vivacidade de um diálogo amigo e cordial, em que os interlocutores assumiram posições discordantes face a esta problemática³⁴⁹.

Antes de finalizar essa série de argumentações e/ou construções teóricas, vale a pena suscitar os questionamentos de Olinto Pegoraro, talvez presentes em todo pensamento vertical, que se nega a descansar no horizonte: a metafísica grega é mais importante do que o mito? A metafísica medieval é mais importante do que a grega? Ou a metafísica contemporânea é mais importante do que a medieval? A tese teológica é mais importante do que as metafísicas primeira, segunda ou terceira? Ou ainda, a ciência é mais importante do que a tese teológica? De modo nenhum. Todos esses saberes estão direcionados a coisas arcanas e, portanto, trabalham sempre apenas com hipóteses. Afirmar que a psicanálise é a verdade sobre a religião e vice-versa é certamente imprudente. E principalmente, como Freud, dizer que a religião é *uma ilusão*, sem levar em consideração o significado positivo desse conceito. Tal afirmação, ao se fazer ciência, não é legítima.

Talvez o narcisismo nunca estivesse tão presente no campo acadêmico. Esqueceram-se de que todo conhecimento apenas se aproxima de um saber mais alto, abarcante, que verdadeiramente se abeira do transcendente. No pensamento de Pfister, pode-se iludir tanto na prática religiosa quanto na pesquisa científica, já que não há saber (conhecimento) sem as devidas intervenções do subjetivo. Todo texto é ideológico, portanto, não seria a teoria também? A imparcialidade deve ser um objetivo permanente. Mas é possível o seu resultado? De forma nenhuma. Caso contrário, não seria possível a almejada *Weltanschauung* (embora Freud tenha se esquivado dela) pela qual, segundo Platão, “o sábio vê tudo num só olhar” que necessita, pois, de ter como base, todos os subjetivismos teórico-convergentes e críticos-interligados. “Os verdadeiros sábios entendem que o conflito entre os saberes não encontra

³⁴⁹ BIRMAN, J. Prefácio. In.: FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã* Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 9.

fundamento na realidade, mas nos dogmatismos dos estudiosos. Reconhecem, por isso, que cada paradigma do saber precisa das luzes de outras disciplinas”³⁵⁰.

A pretensão aqui é apenas plausível, uma vez que o *plausível* é apenas o admissível em sua argumentação. Nem é contraditório, nem absurdo. E é nessa plausibilidade que se devem fincar as estacas desta pesquisa, não nas evidências. Portanto, tão somente nessa perspectiva, esta pesquisa se apresenta proeminente e, certamente, inovadora para a área de concentração da *Filosofia da Religião*, por ser adequada à linha de pesquisa *Abordagens filosóficas e psicológicas da religião* e ao grupo de pesquisa NERELPSI (Núcleo de Estudos Religião e Psique), como parte do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora.

³⁵⁰ PERGORARO, O. *Freud, Ética e Metafísica: o que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 65.

BIBLIOGRAFIA

As obras de Sigmund Freud estão em ordem pela data de publicação original.

ARGELAZI, P. L. **Psicanálise e religião**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2008.

BIRMAN, J. **Criatividade e sublimação em psicanálise**. *Psi. Cli.*, Rio de Janeiro, v. 20, N. 1, p. 11-26, 2008.

_____. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CUCCI, Giovanni S. J. **Freud e Moisés**. In: *Cultura e Fé*, n. 127, ano 32.

DAVID, S. N. **Freud e a religião**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2003.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social**. Tradução: Teresa C. Carreiro e Lacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1983.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Tradução: José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs). **Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Tradução: Ditmar Junge e Karin H. K. Wondracek. Viçosa, Ultimato, 2009.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1895).

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905).

_____. **Atos obsessivos e práticas religiosas**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1907).

_____. **Moral sexual ‘civilizada’ e Doença nervosa moderna**. Edição Standard Brasileira

das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1908).

_____. **Cinco lições de psicanálise.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1909). (destaque do próprio autor da obra).

_____. **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1910).

_____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1910).

_____. **Totem e Tabu.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912).

_____. **A desilusão da guerra.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1915).

_____. **A dissolução do complexo de Édipo.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1924).

_____. **Um estudo autobiográfico.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1926).

_____. **A questão da análise leiga.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1926).

_____. **O futuro de uma ilusão.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. **Uma experiência Religiosa.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1928).

_____. **O Mal-estar na civilização.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Trabalho original

publicado em 1930).

_____. **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1938).

_____. **A questão de uma Weltanschauung**: Conferência XXXV. In. ——. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1932).

_____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1933).

_____. **Esboço de psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1938).

_____. **Moisés e o monoteísmo**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1939).

FUKS, B. B. **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GARCIA, C. A. **O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou estado potencial?** Estudos de Psicologia 2007, 12(2), 169 - 175, p. 169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a09v12n2>> Acesso em: 08 Março 2013.

GAY, P. **Freud, uma vida para o nosso tempo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMEZ, M. L. T. **Um percurso cristão na psicanálise: o legado de Oskar Pfister**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da USP, 1999.

_____. Um estudo do pensamento de Oskar Pfister e uma reflexão sobre sua atualidade. In.: WONDRAČEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Tradução: Julio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

JULIEN, F. **A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan**. Tradução: Cláudia Berliner. Rio

de Janeiro: Zahar, 2010.

KÜNG, H. **Freud e a questão da religião**. Tradução: Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus, 2010, p. 20.

LAPLANCHE, J. **Problemáticas III: a sublimação**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001,

MACIEL, K. D. de S. A; ROCHA, Z. J. B. **Freud e a Religião: possibilidades de novas leituras e construções teóricas**. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400007>. Acesso em: abril de 2012.

MENEZES, M. C. de. **Gênese da religião segundo Freud**. 2003. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

METZGER, C; SILVA JUNIOR, N. **Sublimação e pulsão de morte: a des fusão pulsional**. Revista Psicologia USP, São Paulo, julho/setembro, 2010.

MEZAN, R. **Freud, o pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MIJOLLA, A. (Org.). **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MORANO, C. D. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável**. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Crer depois de Freud**. Tradução: Eduardo D. Gontijo. São Paulo: Loyola, 2003.

NETO, J. L. F. Freud perante uma experiência religiosa: Interloquções possíveis. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOÉ, S. V. **Vocação sublime: Da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000100009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 05 Mar. 2013.

PAIVA, G. J. de (Org.). **Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PERGORARO, O. A. **Freud, ética e metafísica.** O que ele não explicou. Petrópolis: Vozes, 2008.

PFISTER, O. A Ilusão de um futuro. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião.** Petrópolis: Vozes, 2003.

PFISTER, O. **Christianity and fear.** London, Allen ans Unwin, 1944.

PAULY, E. L. Psicanálise da Igreja e da religião. O pastor e psicanalista Pfister: a alma da cura d'alma. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião.** Petrópolis: Vozes, 2003.

QUINTANA, M. **Antologia poética.** Porto Alegre: Editora LPM, 2001.

RIZZUTO, A-M. **O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico.** Tradução: Geraldo Korndórfer. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006.

ROCHA, Z. de J. B.; MACIEL, K. D. de S. A. **Freud e a religião: possibilidades de novas leituras e construções teóricas.** Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932008000400007&script=sci_arttext>. Acesso em: 1 mar. 2013.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SCHÜLER, D. O futuro de um diálogo. In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião.** Petrópolis: Vozes, 2003.

VERGOTE, A. A psicanálise à prova da sublimação. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). **Entre Necessidade e Desejo: diálogos da Psicologia com a religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. In.: PAIVA, G. J. de (Org.). **Entre Necessidade e Desejo: diálogos da psicologia com a religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

VITZ, P. C. **The psychology of atheism.** Disponível em: <<http://www.leaderu.com/truth/1truth12.html>> Acesso em: 12 abril 2013.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Tradução: José O. de A. Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão:** um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **O amor e seus destinos:** a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. Freud, Pfister e suas ilusões: Que ciência? Que religião? In.: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão:** um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003.